



*Kiss my hall pass.*

# oh my goth

gena showalter

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*Uma garota gótica ferozmente individualista descobre, ao acordar, que o mundo todo virou Gótico e que ela é, na verdade, – vômito – popular.*

*Jade Leigh é uma não-conformista que valoriza a individualidade acima de todo o resto. Ela tem um pequeno grupo de amigos góticos que usam preto, se interessam em artes negras, e florescem fora da regra. Eles são considerados os "esquisitos" da sua escola. Mas quando as palavras espertinhas de Jade a colocam em apuros – novamente – sua diretora decide lhe ensinar uma lição que ela nunca esquecerá.*

*Levada para um lugar remoto aonde ela é presa e sedada, Jade acorda em um universo paralelo aonde ela manda na escola. Mas seus melhores amigos não falam com ela, e as pessoas que ela costumava odiar são todas góticas. Somente Clarik, o misterioso cara novo da cidade, não segue a panelinha. E somente Mercedes, o clone de Barbie que Jade odeia, acredita que Jade está presa em um jogo de realidade virtual – porque ela está presa também, agora vivendo a vida de uma "esquisita". Juntas, elas percebem que podem nunca voltar para a realidade... e que mesmo que elas voltem, as coisas podem nunca mais serem as mesmas.*

*Para Samantha Jenkins, Elaine Spencer e Julie Ramsey. A trindade de superpoderes e diversão .  
Para as meninas maravilhosas quem me falaram sobre sua experiência escolar, porque eu mesma não me lembrava da minha. Ouçam a Tia Gena – não façam as coisas que vocês sabem que não devem fazer. Mas se vocês fracassarem, mandem-me por e-mail a história. E para o Max, meu namoradinho de escola, que está comigo até hoje.*

## CAPÍTULO UM

*Quando as pessoas olham para mim, elas assumem automaticamente que sou má e esquisita. Por que eles não enxergam a verdade? Sou apenas uma garota, tentando encontrar meu lugar no mundo.*

Do diário de Jade Leigh

Deus, eu odeio a escola.

Eu estou sentada na aula de trigonometria, ouvindo (não realmente) o Sr. Parton Drone falar sem parar sobre ângulos e medições. Como se isso me importasse. Como se eu fosse usar essas coisas fora da sala de aula.

Honestamente, eu preferiria estar em qualquer outro lugar. Mesmo em casa, onde meu pai começa quase toda conversa com, "Você devia largar as roupas pretas e usar algo com cor." Puur favor. Como se eu *quisesse* parecer com toda clone de Barbie na Escola do Inferno, também conhecida como a insignificante escola secundária Haloway de Oklahoma. Ironicamente, meu pai não aprecia as faixas azuis brilhantes em meu cabelo originalmente loiro/agora-tingido-de-preto. Vá entender. Isso é cor, certo?

Com meus cotovelos descansando em minha carteira, eu derrubei minha testa em minhas palmas levantadas e fechei meus olhos. Sr. Parton continuou seu blá blá blá (ou , como ele diria, conversa), e sua voz superior, eu-sei-a-resposta-então-eu-sou-Deus rangeu contra meus nervos.

Eu fui pega de surpresa? Não. Ele *sempre* falou conosco assim, como se fossemos burros por já não sabermos trabalhar com equações matemáticas que nós nunca tínhamos visto antes. Ele até mesmo fica louco quando lhe fazemos perguntas - Deus nos livre de realmente aprender, certo? - e geralmente nos trata como totais débeis mentais.

Quinze minutos, trinta e sete segundos antes do sinal. Tradução: quinze minutos, trinta e sete segundos de mim desejando uma destruição apocalíptica do universo assim minha miséria terminaria.

O que eu fiz para merecer esse tipo de tortura? Respondi meu pai? Quem nunca fez? Matei algumas aulas? Mostre-me uma pessoa que não o fez. Furei meu nariz? Bem...

— Se a Senhorita Leigh me dar a honra da sua atenção, — Sr. Parton repreendeu, — eu explicarei a relação entre pecados e acordos.

Eu não olhei para cima, não queria encorajá-lo. Realmente, quando isso teria fim?

— Você está prestando atenção, Senhorita Leigh, ou está rezando para nunca precisar entrar em contato com uma estaca de madeira? Vários estudantes riram.

Eu ainda não me preocupei em olhar para cima, mas reagi a sua zombaria.

— Não, eu não estou, — eu cerrei os dentes. Eu acho que o homem gosta mais de tirar sarro de mim do que ensinar. Nunca se passou um dia sem um comentário malicioso dele: Porque você não faz o favor para todo mundo de ficar em casa amanhã, Senhorita Leigh? Você é a razão para eu precisar de medicamento para úlcera, Senhorita Leigh. Pobre do seu pai, ele deve precisar de muita terapia, hein, Senhorita Leigh. Eu tinha ouvido de tudo. — FYI<sup>[1]</sup> — eu adicionei, — seu comentário não é animal, Sr. Parton.

— Animal. — Avery Richards bufou. — Isso é uma palavra tão idiota.

— Só diga legal como o resto de nós, — outra pessoa disse.

Eu senti minhas bochechas se aquecerem com o embaraço — e me odiei por os deixar verem qualquer sugestão de distúrbio.

O Sr. Parton bateu seu pé impacientemente.

— Importa-se em compartilhar conosco o que fazia que é mais importante do que escutar o que eu dizia? Se alguém nessa sala precisa aprender algo, é você.

Okay. A gora estou oficialmente irritada.

— Se você quer saber, eu estou pensando em maneiras menos dolorosas do que sua lição para me matar, *Kevin*.

Meus colegas explodiram em gargalhadas, e eu ouvi o arrastar dos assentos deles enquanto eles se viravam para olhar para mim.

Eles podem não gostar de mim, mas eles sempre acharam minhas irreverências engraçadas.

O Sr. Parton olhou furiosamente.

— Você vai se endereçar a mim como 'Sr. Parton' ou não me endereçar de modo algum. Você *não* tem o direito de se dirigir a mim pelo primeiro nome. Nunca. Eu não quero alguém como você nem ao menos pensando nisso.

Que tal isso para uma equação matemática: o comentário da estaca de madeira mais o comentário alguém-como-você se iguala a um a Jade Leigh pronta para contra-atacar. As palavras dele me asseguraram de uma coisa: Eu não me permitiria desistir agora.

— Está bem, então, se eu te chamar de Kevie? — Eu disse. Eu sou gótica; o que não faz de mim um vampiro. Se eu fosse, eu já teria drenado o Sr. Parton há muito tempo.

Honestamente, eu não sou má. Eu gostava de abusar das artes mágicas (em algumas ocasiões), sim, e eu me vestia de uma forma para me fixar fora do padrão normal. Não há nada errado em expressar a individualidade.

— *Haverá* um questionário sobre essa informação, — ele rosnou. — Enquanto fico feliz em lhe dar um F, ficarei mais feliz em lhe dar detenção se você não começar a prestar atenção.

Ele esperou que eu tremesse com medo da ameaça de detenção. Se ele dissesse algo sobre "uma mudança completa" ou "fazer uma hora de compras com as clones de Barbie"... talvez. Mas uma hora só com meus pensamentos?

Sim, estou tremendo.

*Só mantenha sua boca fechada, Jade, meu senso comum apitou. Ignore-o. Você não pode se dar ao luxo de ficar em apuros outra vez.* Olhei para cima finalmente, de frente para ele, determinada (finalmente) a ficar em silêncio e encerrar nossa batalha. Ele não ficaria em apuros, mas eu sim. Ainda assim, quando meu olhar encontrou o dele, os lábios muito-finos dele se enrolaram num sorriso presunçoso e os olhos verdes dele arderam em triunfo - como se já tivesse vencido.

— Isso foi o que eu pensei, — ele disse a voz tão presunçosa quanto o sorriso.

— Detenção parece divertido, — eu me peguei dizendo, todo o senso de preservação aniquilado pela presunção prematura dele. — Me inscreva. Eu mal posso esperar para começar.

Os olhos dele estreitou-se em minúsculas fendas e o rosto dele se endureceu em um vermelho irritado, discordando de sua camisa branca abotoada (sem enrugamentos) e calças compridas marrons (novamente, sem rugas). Tão arrumado. Tão limpo.

Uma vez, apostei que tinha sido militar.

Isso provavelmente é o porquê de ele ter antipatizado comigo no começo do calendário escolar. Homens militares, como meu pai, gostam de coisas precisas, nada fora do lugar. Eu normalmente uso uma camisa preta de vinil forrada com renda de teia de aranhas, luvas de meia-arrastão, e calças jeans rasgadas. Ou, como hoje, um a minissaia gasta e um espartilho preto vitoriano. *Naaaada* “preciso” e completamente fora do lugar. Meu lápis pros lábios negro e minha uma argola no nariz provavelmente não ajuda.

O que você acha que ele faria se visse o símbolo do infinito tatuado em volta do meu umbigo?

— Você quer tanto detenção que eu vou te inscrever para a semana inteira. — Ele cruzou seus braços sobre o peito, obviamente esperando que eu me apressasse com uma desculpa. — Você gostaria disso?

Quando ele aprenderia que eu não era como os outros garotos dessa escola?

— Sr. Parton, — eu disse, enquanto estudava o esmalte da minha unha azul metálica como se não estivesse nem aí para o mundo. No interior, porém, eu não tinha esquecido que estava a beira de um precipício, problemas esperando por mim se eu caísse. Mas parece que eu não podia evitar; eu desprezo muito esse homem. — Você se importa em voltar a sua aula, para que eu possa voltar para minha soneca?

Outra rodada de risos estourou.

— Já chega! — Com uma carranca se aprofundando, ele bateu a mão com força na minha carteira, fazendo as pernas de metal vibrarem. Se ele não aprendesse a controlar seus níveis de estresse, estouraria uma veia na testa dele. — Você não foi nada



mais do que uma amolação durante três semanas. Você tem as piores notas na classe – em todas as classes, de fato. Eu conferi.

Endireitei minhas costas, e meus ombros se enquadraram. Como pode ousar “esse modelo exemplar” discutir minhas notas com a classe inteira.

— Tenho um A em escrita criativa, — eu o informei firmemente.

— Bem, bom para você. — A margem sarcástica na voz dele rangeu contra todo meu nervo. — Você sabe escrever em seu idioma nativo. Uhu! Então deem uma rodada de aplausos para a senhorita Leigh.

Mais risadas (nenhuma de longe a meu favor), seguindo por sons entusiasmados de palmas e assobios. *Traidores!* Eu não deveria ter esperado nada menos.

Meus olhos se estreitaram e notei que o Sr. Parton percebeu que eu estava a ponto de rasgar ele. Ele bateu na minha carteira outra vez.

— Nós terminamos essa conversa. Eu já tive o bastante de você, e quero você fora. — Ele apontou um dedo para fora. — Saia da minha sala de aula. Vá diretamente para o escritório da diretora. Não fale com ninguém. Não vá ao banheiro.

O que, devo pagar duzentos dólares se eu passar pela descarga?

O silêncio de tumba predominou na sala quando eu me dobrei para pegar meus livros e minha bolsa de veludo vermelho do chão.

— Você não precisa me escrever uma nota ou algo? — Eu disse, propositalmente mantendo meu tom leve. De nenhum jeito eu lhe daria a reação, “por favor, me deixa ficar” que ele desejava.

As narinas dele inflaram antes de ele marchar até a mesa dele, rabiscou algo em um papel, e estrondeou atrás de mim. Ele colocou aquela folha em minha palma estendida.

— Fora!

— Obrigada, — eu disse, orgulhosa de mim. Eu não tinha desistido, não tinha o deixado me intimidar. Como uma vez minha mãe me disse. “Se você não se defender, doce Jade, ninguém mais vai. Seja forte. Seja valente. Seja *você*.”

Ela tinha me falado isso logo antes de morrer.

Há dois anos, um motorista distraído tinha batido em nosso carro, empurrando-nos no que estava a frente de nós. Eu tinha quinze anos na época, e ela estava me ensinando a dirigir. Perdi minha mãe esse dia, assim como a ilusão da imortalidade. Eu mesma quase morri e ainda tinha cicatrizes no meu abdômen, então entendia como a vida podia ser curta. Eu jamais permitiria que um homem como o Sr. Parton arruinasse um único dia meu.

Eu posso ter só dezessete anos, mas isso não quer dizer que eu seja estúpida. Isso não significa que sou impotente. O Sr. Parton desfruta descontar as frustrações dele na classe. Se ele derrama um café na camisa dele, nós temos uma prova. Se ele prende a chave dentro do carro dele, nós ganhamos dez páginas de lição de casa.

O que é mais, eu (obviamente) não posso aceitar o modo que ele fala comigo, como se eu fosse menos que ele porque sou mais jovem, porque me visto diferente. Eu deveria ser castigada por não gostar de matemática (e ser péssima nela)? Devo ser castigada porque outros consideram que vivo no lado negro da vida?

— Apresse o passo, — ele me falou irritado. — Quanto mais cedo você tiver ido, mais cedo a classe pode desfrutar da lição.

Eu empurrei o meu pé e ajustei a bolsa em cima de meu ombro.

— Eu acho que você não tem que se preocupar com alguém desfrutando *disso*.

O comentário ganhou vários risos abafados.

Os dentes dele apareceram em uma carranca, e ele deu um passo ameaçador na minha direção. O homem pareceu pronto para estourar – meu pescoço, é claro. Um pequeno tremor me envolveu, mas eu disfarcei isso depressa. Se eu mostrasse alguma fraqueza, ele usaria isso contra mim no nosso próximo combate.

E haveria outro. Sempre havia.

Eu permaneci no lugar, enquanto me confortava que o Sr. Parton tinha que olhar para cima para mim. Eu sou diversos centímetros mais alta que ele – e eu sou só tenho um metro e setenta. Eu apostaria minha poupança da faculdade que ele sofre de um complexo de Napoleão.

Veja, eu presto atenção em algumas de minhas aulas.

— Se você voltar aqui você lamentará por isso. Está me entendendo?

— Isso é algo que eu já sabia, Kev, você e esse seus sermões...

— Sem esperar por sua resposta, eu lhe dei um aceno com os dedos e fui até a porta. Eu sabia que todos estavam me assistindo sair; eu sentia o calor dos olhares deles me perfurando por trás. No caso de você querer saber, sim, isso aconteceu muitas vezes antes.

— Esquisita, — alguém murmurou quando eu passei.

O Sr. Parton sorriu maliciosamente, não dizendo uma palavra de repreensão. As minhas bochechas queimaram outra vez num vermelho luminoso; meu estômago se apertou. Eu não quero ser mais uma da multidão, um clone como o resto deles, mas eu quero ser respeitada. Eu quero ser aceita por quem eu sou. Ninguém gosta de ser chamada de nomes horríveis.

— Estúpida.

— Fracasaada. — Ouvi Mercedes Turner dizer. A bonita, rica, totalmente popular Mercedes Turner. Deu uma olhada por cima de seu Sidekick, provavelmente enviando um e-mail sobre mim para uma de suas amigas clones, e sorriu de satisfação. Odeio, odeio, *odeio* ela.

A única coisa que temos em comum é que ambas só temos um dos pais. Espera. Isso não é verdade. Nós temos duas coisas em comum. Ela me odeia tanto quanto eu odeio ela. Inimigas mortais, é isso que somos.

Com seu cabelo pálido, olhos azuis, maquiagem perfeita e roupas perfeitas, ela é A garota da Escola do Inferno. Toda menina quer ser ela (exceto eu – vômito!) e cada menino quer tê-la. Eu sei que cada menino a quer pelo fato dela roubar os que eu queria. No momento em que um menino mostra algum interesse em mim, Mercedes de repente o consegue para ela. Ela se determinou a arruinar minha vida, e eu não sei por quê.

A menos que você conte a vez que eu apresentei o rosto dela aos meus punhos. Milhares de vezes.

— O mundo é um lugar melhor sem a mãe dela, — ela tinha resmungado aos seus amigos só alguns dias depois de funeral de minha mãe. Ela não queria que eu ouvisse, mas eu ouvi e minha

reação foi explosiva, batendo e chutando ela com toda a minha força, cada onda de cólera e impotência que eu tinha sentido em não conseguir salvar minha mãe. Meus amigos tiveram que me tirar de cima dela.

Sim, eu tenho amigos aqui na escola. Será que você fica chocada em saber que tem algumas pessoas que gostam de mim? Bem, não deveria. Eles são marginalizados como eu. Eu ando com Erica, Linnie (abreviação para Linda), e Robb. Nós almoçamos juntos diariamente e as vezes festejamos depois da escola. Eles são muito parecidos comigo, meus amigos. Eles amam liberdade de expressão. Odeiam conformidade. Odeiam hipocrisia. Odeiam a rigidez do que é supostamente "bom".

O mais importante, é que eles odeiam as Barbies. Eu podia ter usado o apoio moral deles agora mesmo.

Quando fui para o corredor, a porta se fechou fortemente atrás de mim, eu me inclinei no tijolo frio e vermelho. Eu respirei fundo. Grande escapada. Até que enfim sozinha, a queimação na minha bochecha se acalmou. Eu olhei para a nota que o Sr. Parton tinha escrito. A letra era quase ilegível, mas eu podia entender "perturbar" e "não mais tolerável" e "expulsar".

Que sorte a minha .

Não. Eu suspirei. Não realmente. De fato, eu não poderia ser expulsa. Minhas notas não eram as melhores, mas eu estava passando. Se eu fosse expulsa, eu levaria zeros pelos trabalhos perdidos, e eu reprovava. Se eu reprovasse, eu não me formaria e não poderia, finalmente, realizar meu sonho.

Eu quero ser escritora.

Estúpido, hein? Eu teria mais sorte se eu me tornasse uma bruxa. Meu pai diz, tipo, que só um por cento dos escritores conseguem seus livros publicados (quando eu disse pra ele o meu sonho, ele foi olhar as estatísticas na internet, na esperança de botar algum senso em mim.) Eu amo escrever, entretanto, e tenho incontáveis cadernos e diários cheios das minhas histórias, meus pensamentos.

Oh, a magia... as possibilidades... a falta total de limites que eu encontro dentro daquelas páginas. No papel, eu posso fazer coisas

impossíveis. Eu posso encontrar aceitação pelo que eu sou – a aceitação que sempre me ilude na vida real.

Com outro suspiro, eu segui pelo corredor. Cartazes em que se podia ler VOTE EM MERCEDES cobriam de lixo as paredes. Eles até mesmo tinham a foto sorridente e perfeita de Mercedes. Ela quer ser presidente do corpo estudantil. O único jeito de eu votar nela seria se uma pilha fumegante de cocô de cachorro fosse minha outra escolha. Até assim eu duvido. Se eu tivesse um marcador, eu teria dado as suas fotos presas e chifres.

Bem, talvez não, eu pensei por um momento. Isso teria insultado o diabo.

Felizmente não havia nenhum estudante no corredor, então eu não tive que lidar com ninguém. Isso mudaria daqui cinco minutos quando todo mundo se apressaria para a próxima aula. Eu acelerei meu passo, o som de clump-clump ecoava das minhas botas.

Quando cheguei ao escritório da diretora, eu acenei para os secretários. Eles rolaram seus olhos.

— Jade, Jade, Jade. — Cher, minha favorita, estalou sua língua. Sim, esse é o nome dela, e sim, nós tratamos pelo primeiro nome. Ela tem um encaracolado cabelo vermelho, bochechas redondas, incontáveis sardas, e um corpo rechonchudo.

O que eu mais gosto nela, contudo, é que ela sempre usa um vestido extravagante e não se preocupa com o que os outros pensam. Não importa a ocasião, ela sempre está vestida para baile. Hoje ela está usando um verde esmeralda inflado... com franzidos no centro.

— Eu vou avisar a Sra. Hamilton que você está aqui, — ela disse, enquanto pegava o telefone. — Sente-se.

O lobby era grande, separado dos escritórios por um longo balcão amarelo. Havia três escrivaninhas e algumas cadeiras dispersas. Computadores, máquinas de fax, telefones tocando constantemente. As paredes estavam cobertas por cartazes vermelhos-e-pretos, as cores da nossa escola. CASA DOS LUTADORES GARANHÕES se podia ler neles. Os esportistas amam se referir a eles como ganhões – lutadores, resistentes, selvagens. Não importa.

Eles eram um bando de idiotas, na minha opinião.

Eu fui em direção aos assentos sem almofadas que ficavam na frente do escritório da Sra. Hamilton. A Sra. Hamilton propositalmente os fez tão desconfortáveis quanto possível, uma punição sutil para nos manter longe. Uma das cadeiras já estava ocupada – por um garoto que eu não reconheci. Um, er, garoto gostoso. Um garoto realmente gostoso.

Olhar ele me deixou de guarda baixa, e eu pisquei. Glup. Calma. Eu não quis mostrar, mas eu o encarei, minha respiração travou na garganta. Tinha cabelo escuro, desarrumado, um rosto quadrado, e olhos azuis de pálpebras pesadas que faziam coisas estranhas com meu estômago.

*Alerta vermelho!*

Ele tinha ombros largos e a camiseta cinza abraçava seus bíceps. Obviamente ele malhava. Muito. Ele joga basquete? Provavelmente. Futebol americano? Mais provável. O pensamento devia ter diminuído totalmente a sua gostosura porque esportistas nunca se cansavam de importunar a mim e meus amigos, nos chamando de esquisitos e psicóticos. Mas não diminuiu.

Eu sabia que deveria me desviar, mas não consegui.

Quando mais eu ficava aqui de pé encarando-o, mais estúpida eu provavelmente parecia. *Sente-se, sua idiota, e pareça animal. Pareça animal!* Eu forcei os meus pés a se moverem, arrastando uma bota atrás da outra.

— Ei, — eu disse, enquanto eu me sentava na cadeira em frente a dele. Então apertei meus lábios. Eu não deveria ter falado nada. Provavelmente ele me ignoraria. Agiria provavelmente como...

— Ei, — disse ele, sua voz era profunda, um pouco forte. Ele se apoiou na cadeira, intocável. Separando eu e o resto do mundo.

Um momento se passou antes de eu perceber que ele tinha falado. Comigo. Ele de fato tinha falado comigo. Eu relaxei sobre o assento. O olhar dele perambulou sobre mim, lentamente, me olhando parte por parte, e eu experimentei outro flash de pânico. Meu cabelo estava bagunçado? Minha saia estava fechada? Eu agarrei a bainha da saia para impedir de alcançá-la e conferir. As

correntes pratas que estavam no meu pulso cravaram em minha coxa.

Ele me deu um meio sorriso misterioso.

Aquele sorriso fez minhas mãos suarem e minha pele esquentar. Eu não namorava – não por minha própria escolha (Oi, eu sou uma garota normal), mas porque os meninos daqui nunca me convidam pra sair. E também, eu não ficava cem por cento confortável ao redor dos garotos. Como eu disse, os que eu quero tendem a cair em cima de como Mercedes: perfeita, loira e totalmente atrevida. Não que eu esteja apaixonada por esse cara. Realmente.

— Você, er, é novo aqui? — Eu perguntei.

— Yeah. Primeiro dia.

— Bem, você tem sorte, você perdeu o almoço. A comida aqui é uma merda.

— Toda cafeteria de escola é a mesma coisa. — Quando falou, ele esticou suas pernas cobertas pela calça jeans – suas muito longas pernas. — Ruim.

Secretamente eu examinei ele, mas eu não vi qualquer sinal de piercings ou tatuagens, duas coisas que o teriam colocado no meu nível. Eu carranqueei de decepção.

— Qual é seu nome? — Eu me vi perguntando.

— Clarik.

— Nome animal. — Eu pausei. — Isso significa que eu gosto. Eu sou, er, Jade.

— Obrigado. — Ele me deu outros de seus sorrisos misteriosos, esse mais lento, mais matador. — Jade – bonito nome.

— Obrigada. — Meu olhar viajou para um pedaço de papel na mão dele. — Esse é seu horário?

— Yeah.

Um garoto de poucas palavras. Do tipo que eu gosto.

O sinal tocou, e os corredores se encheram de estudantes. Eu não tive que virar e olhar para a parede de vidro para saber. As pegadas ecoaram em meus ouvidos, misturando com os sons de armários se fechando e risadas altas. Até mesmo o ar mudou, se enchendo de vários perfumes e águas-de-colônia.

— Quais você pegou? — Perguntei, tendo que falar mais alto para ele escutar.

Ele leu o papel.

— Harper, Norfield, Reynolds, Parton, Frandemier, e Carroll.

Nós temos Norfield e Parton ao mesmo tempo? Nesse caso, eu ficaria feliz em o ajudar depois da escola e o acelerar com tudo. Totalmente de bom coração, eu juro. Eu sou assim. Uma boa ajudante. Realmente, eu mereço um prêmio humanitário. Uma placa pelo menos.

Clarik se sentou direito e se inclinou em minha direção, apoiando os cotovelos em seus joelhos. Fitou -me com um olhar intenso.

— Eu dormi demais e perdi a maior parte do dia, então não consegui conhecer nenhum deles. Algum conselho para mim?

Eu não tive que pensar nisso.

— Yeah. Saia da classe do Parton.

Ele riu, e o som forte me lavou.

— Um idiota, não é?

— Você nem tem...

— Clarik, — Cher interrompeu. — Sua guia está aqui.

Imediatamente ele estava de pé e olhou em direção a garota que estava na entrada. Eu olhei, também. Quando eu vi quem era, eu cerrei meus dentes. Minhas unhas se cravaram nas luvas de meia-arrastão. Mercedes. É claro. Eu devia saber que ela chegaria no momento passou pela minha mente a expressão "ele é quente". Com sua sainya rosa e regata branca, ela estava tão linda como sempre. Seus cabelos loiros flutuaram sobre seu delicado ombro. Meu olhar se voltou para Clarik, que parecia entusiasmado ao olhar para ela. Típico. E decepcionante.

— Você é Clarik? — Ela perguntou em surpresa. Ela se ruborizou lindamente e correu os lábios pelo seus dentes, um quadro de inocência e doçura. Ela até sorriu timidamente.

Propaganda falsa. Mercedes não era tímida, não era inocente, e eu asseguro que certamente não é doce.

Clarik limpou a garganta dele.

— É, sou eu. — Ele me olhou por um breve segundo. Com destituição? Ou — isso era apenas um pensamento saudoso de



minha parte – arrependimento? — Foi um prazer conhecê-la, Jade.

— Yeah, — eu respondi. — Você, também.

Mercedes finalmente me notou e fez cara feia.

— Vamos, — ela disse a Clarik. Ela na verdade andou até ele, agarrou pelo braço, e o arrastou para o lado dela. — Nós precisamos sair desse lugar antes que você fique contaminado pelo lixo. Eu te mostrarei sua classe.

Eles se foram, o som de Mercedes tagarelando se dissipando.

Eu me segurei na cadeira para não correr atrás dela e reintroduzir meu punho em seu rosto. Nesse exato momento ela deveria estar dizendo a Clarik que ele não deveria se associar comigo, que eu era uma pessoa horrível, blá blá blá. Eu não deveria ligar. Eu acabara de conhecer, e ele não significava nada para mim. Mas eu não conseguia segurar as faíscas de raiva que corriam em minhas veias.

Amanhã Clarik me veria no corredor e provavelmente viraria a cara. Agiria como se nunca tivesse me conhecido, e me chamaria de esquisita por minhas costas. Mercedes sorria de modo convencido, como ela sempre fazia.

Eu teria que fingir que isso não me aborrecia, como eu sempre fiz. Eu nunca irei – nunca! – deixar Mercedes saber que ela me machucou. Como o Sr. Parton, ela deseja usar qualquer fraqueza notada em mim eternamente.

De repente a porta da direita se abriu com tudo, chamando minha atenção. Eu empurrei minha inimiga e meu novo alvo (gostoso) fora de minha cabeça. Eles não eram importantes. Certo? Certo. Espere, um último pensamento sobre Mercedes. *Que desgraçada!* Okay, agora eu já terminei.

Minha amiga Linnie navegou para fora do escritório, o cabelo preto-esvoaçante dela se espalhando ao redor da cabeça. Ela usava um vestido preto fluído, meias pretas, e salto. O piercing de sobrelha prateado dela reluziu na luz.

Surpresa em vê-la, eu pulei de pé. Ela me olhou, sorriu e ficou parada.

— O que aconteceu? — Eu perguntei. — Por que você está aqui?

— Hammy está de mau humor hoje. — Ela respondeu alto, não se preocupando se alguém escutasse. “Hammy” é como nós

chamamos a Diretora Hamilton. Raramente na cara dela, entretanto. — Ele me deu férias de dois dias. Venha para minha casa depois. Eu vou dar uma festa para celebrar.

Dois dias. Merda. O que *eu* ganharia se Linnie, que não era tão problemática como eu, recebeu dois dias? Linnie não se preocupava com expulsão, eu sabia, porque ela tinha dinheiro. Bem, seus pais tinham dinheiro e ela ganhava por associação. Ela jamais teria que trabalhar, não tinha que ir a faculdade se não quisesse. Para ela, expulsão era férias.

— O que você fez? — Eu perguntei.

Ela abriu a boca para responder, mas a Sra. Hamilton apareceu na porta e disse:

— Venha aqui, Leigh.

Meu coração saltou em uma traidora batida.

Linnie arqueou suas sobrancelhas.

— Eu te avisei, — ela disse. — Você está para entrar num território estranho, minha amiga, e não no bom sentido.

## CAPÍTULO DOIS

*Há horas que eu quero ser invisível. Como isso é ridículo, já que eu faço de tudo para me destacar.*

Enquanto caminhava penosamente para perto, eu entreguei para Hammy a nota que o Sr. Parton tinha escrito.

Não teria feito bem algum "perder" a nota antes de chegar ao escritório. Sr. Parton tagarelaria sobre mim (como um bebê chorão), e então eu estaria em mais problemas.

Seria possível eu entrar em mais problemas, entretanto?

Meu estômago se remexeu quando eu sentei na cadeira em frente a mesa e eu cuidadosamente coloquei minha bolsa ao lado dos meus pés. Eu respirei calmamente, sentindo o cheiro de móveis polidos com limão e... baunilha? Era um cheiro doce até para uma velha senhora.

Ainda não querendo olhar diretamente para ela, eu dei uma olhada ao redor do escritório pequeno, apertado. Os livros estavam espalhados em todas as direções e haviam cartazes de antidrogas cobrindo as paredes. Havia uma mesa estirada contra a parede distante, pastas empilhadas nas extremidades. Papéis vazando das laterais.

Enquanto olhava para a nota, Hammy caiu sobre o assento. Quando ela leu cada palavra, ela apoiou os cotovelos na superfície da mesa e me encarou por cima sem expressão. Eu segurei o desejo de me contorcer na cadeira.

Não sei se gosto de Sra. Hamilton, e não entendo o motivo. Quero dizer, ela nunca grita com os estudantes; em vez disso, ela usa sua voz monótona que se parece com uma animação de computador. Ela não parece ter personalidade. Ela é muito comum e *muito* velha. Eu quero dizer, ela está com trinta e cinco ou quarenta anos com cabelos castanhos cor de rato, olhos castanhos e lábios finos. Ela é uma candidata perfeita para a revista *Faça a sua Adolescente Obedecer*.

— Você e Sr. Parton discutiram novamente, não foi? — Ela perguntou sem dar qualquer sinal de seus pensamentos. Mas também, ela nunca demonstrou seus pensamentos.

Eu encolhi os ombros, tentando parecer indiferente.

— É isso que a nota diz, não é?

— Eu não me importo com o que diz a nota, eu quero ouvir o que aconteceu de você.

Certo. Eu sei o que isso significava. Ela queria que eu admitisse que eu estava errada, que eu reagi exageradamente. Bem, eu não iria e eu não exagerei.

— Ele me chamou de vampira. Eu disse que o ensino dele era uma merda. Eu não deveria estar em problemas por isso. Deveria ser elogiada por dizer a verdade.

Ela pressionou os dedos sobre o nariz e sacudiu a cabeça.

— Você percebe que toda vez que você e Sr. Parton discutem, vocês desorganizam a classe inteira? Infringem o direito que todos tem de aprender.

Okay, tipo, um ponto para Hammy.

— Eu sei, — Eu disse suavemente, picadas de culpa tecelando minha angustia. — Ele me provoca. Isso não conta um pouco?

— Não.

Meus olhos se estreitaram.

— Ele pode desorganizar a classe, mas eu não?

— Eu não disse isso. — Ela suspirou.

— *Ele* é um adulto. Ele deveria ser melhor.

— Basta. — Ela bateu sua mão na mesa, uma perfeita imitação do Sr. Parton. Tal amostra de raiva vinda dela me surpreendeu. — Você já esteve aqui seis vezes e o ano escolar mal começou. Eu mandei você escrever ensaios. Não ajudou. Coloquei você na detenção. Não ajudou. O que acha que devo fazer dessa vez, Jade?

Aqui estava. O velho “você decide seu castigo.” Meu pai gostava de utilizar esta técnica, também. Eu não me importei em dizer a Hammy o que eu sempre disse a ele.

— Talvez você devesse esquecer que isso aconteceu.

Uma de suas sobrancelhas se arqueou, e ela enrugou os lábios. Sua expressão a fazia parecer divertida, exasperada e furiosa ao

mesmo tempo. Huh. Em cinco minutos eu consegui tirar mais emoções dela do que nesses dois anos em que ela dirigia a escola. Talvez ela estivesse namorando. Isso sempre deixava o meu pai com um ânimo estelar.

— Eu não acho que possa, — ela disse.

Eu encolhi os ombros.

— Foi uma boa tentativa.

— Algumas crianças estão além da redenção, mas eu não penso isso sobre você. Eu penso que você tem salvação. — Houve uma longa pausa enquanto ela parou para estudar meu rosto, então continuou. — Vou tirar um dia para pensar sobre o melhor procedimento aqui. Amanhã cedo venha direto para meu escritório. Não vá para classe, somente venha aqui. Entendeu?

— Yeah. — E eu entendi. Eu entendi perfeitamente. A espera para ouvir meu veredito final era parte do castigo. O que significava, que não somente hoje era uma porcaria, mas amanhã seria, também.

Que ótimo.

No caso da Sra. Hamilton ter ligado para o meu pai, eu o evitei pelo resto do dia. Eu não fui para casa, só liguei para lá e deixei um recado avisando que passaria a noite na casa da Erica. O que era verdade. Depois da escola eu me amontoei no seu '82 Bronco enferrujado e nós fugimos para fora do estacionamento da escola, para longe do time de futebol americano e a torcida organizada que desfilavam ao redor do campo com seus shorts curtos. Erica dirigiu até o Café Giovanni – Italiano para “sangue jovem.”

Situado no centro morto da cidade, o café fica debaixo de um edifício muito alto de tijolo vermelho. Uma escura escada sinuosa nos levava para uma sala pequena muito pouco iluminada que fornecia a individualidade eu tanto amava. Quadros de vampiros e bruxas decoravam as paredes, alguns engraçados, outros eram belas artes. Loreena McKennit, eu acho. Em vez de mesas e cadeiras tradicionais, havia almofadas de veludo preto e cetim espalhadas pelo chão de madeira polida.

Nós vínhamos aqui especialmente por causa da atmosfera. Eu quero dizer, nós somos aceitos aqui. Ninguém nos ridiculariza ou nos chama por nomes horríveis aqui porque todos os clientes são

góticos. Aqui, todos nos tratam igualmente. Aqui, nós pertencíamos. Aqui, podemos relaxar e nos divertir.

O proprietário, que não parava de se movimentar atrás do balcão enquanto anotava pedidos, pensava que era um vampiro. Ele tinha os dentes raspados em formato de presas e usava um longo sobretudo preto. Todo mundo o chama de Conde. Me dá vontade de rir toda vez que dizia isso. *Hello, Vila Sésamo.*

Erica e eu reivindicamos um lugar no canto e passamos varias horas tomando um gole de Crimson Rivers (eu juro que não tem uma gota de sangue neles, apenas frutas e temperos) e conversando sobre um website gótico da Martha Stewart, de PC Cast (ambas adoramos os livros dela), e Lord Byron (desaprovação da parte dela, aprovação da minha). Qualquer um que cria poemas freneticamente românticos tem meu voto.

Quando nós terminamos nossas bebidas, nós fomos até a casa da Linnie. A “festa” dela consistiu em Erica, Robb e eu. Se ela tivesse convidado mais alguém, com certeza não teria vindo. Por mim tudo bem, porque eu não precisava de mais ninguém. Sério.

Nós nos sentamos no chão do quarto dela, enquanto comíamos pizza e virávamos as páginas das últimas cópias da Ataque de Fúria e Beleza Gótica. O quarto de Linnie balançou. Musselina preta estava pendurada nas janelas e cadeiras, lançando sombras assustadoras na paisagem artificial de cemitério.

As paredes eram pintadas de preto – algo que meu pai jamais deixaria fazer – com troncos de árvores cauterizados ao longo. Estrelas de plástico brilhavam no teto. A cabeceira da cama dela era uma escultura de madeira simples com a palavra RIP que reluzia em vermelho no centro. Ao redor, haviam vasos com rosas secas.

Linnie é uma gótica de cemitério.

Espere, isso provavelmente parece estranho. Me deixe explicar. Há tipos diferentes de góticos: Oriental, diva, fada negra, cibernético, infantil, egípcio. Você escolhe. Eu sou uma gótica punk. Como o Conde, Robb é um vampiro – não que ele beba sangue de verdade. Ele não raspou os dentes dele, tampouco, mas usa presas plásticas anexáveis na maioria dos dias. Graças a Deus, ele não

está usando as presas agora, o que significa que ele não está falando errado.

Erica é uma gótica cibernética, uma amante de coisas do futuro. Ela normalmente usa látex e vestidos de borracha, muito eu-pertenço-a-uma-nave. As vezes ela usa um terno prateado encorpado que a faz parecer com uma exploradora espacial de um filme de ficção científica.

— Sra. Hamilton é uma pessoa péssima e maluca, — Erica disse, enquanto se apoiava na extremidade do sofá preto aveludado, uma peça que os pais de Linnie tinham comprado de uma casa funerária. Ela sacudiu seu brilhante-cabelo-laranja sobre seu ombro. — Eu não posso acreditar que ela suspendeu Linnie por chamar Mercedes de vaca demente. Isso não é nada animal.

— Eu disse que Mercedes é uma vaca demente que deve ser exterminada, — Linnie adicionou alegremente. — Hammy disse que minhas palavras eram equivalentes a uma ameaça de morte e que eu tenho sorte por não estar presa. — Ela pausou. Sorrindo. — Essa política de não tolerância é absolutamente deliciosa! Enquanto vocês perdedores estiverem estudando e fazendo testes, eu estarei saindo a noite toda e cochilando durante o dia.

Erica fez um pequeno beicinho.

— A eleição presidencial será dentro de dois dias. Você não poderá votar contra Mercedes.

— Não importa se Linnie estará lá ou não, — Robb disse, com uma voz um pouco obscura. Ele relaxou e deitou, colocando os braços embaixo da cabeça, e encarou o teto. — Mercedes vencerá. Ela sempre vence.

O sorriso de Linnie assumiu um brilho maldoso, enquanto mostrava seus dentes brancos que seus pais pagaram uma fortuna.

— Durante o almoço, um de vocês poderia colocar um laxante na bebida dela. Ela perderia o discurso de aceitação dela.

Eu ri, enquanto imaginava a Barbie rainha correr para o banheiro da escola. Yeah, eu estava me sentindo um pouco mais hostil em relação a Mercedes do que o habitual. O que ela disse a Clarik sobre mim exatamente? Seja lá o que fosse – eu cheiro mal? Urino

na cama? Tenho milhares de doenças? – ele acreditaria nisso. Um *anjo* como Mercedes jamais mentiria.

Cadela!

— Eu deveria ter concorrido contra ela, — Erica disse, pensativa. Ela arrancou um fio de cabelo dela. — Eu sinto vontade de vomitar toda vez que a vejo.

— Como se alguém fosse votar em você. Ou em um de nós, falando nisso. Nós somos os adolescentes mais odiados em toda a escola. — Um rastro de amargura se estendeu sobre a voz de Robb. — Nós bem que podíamos entrar para o Clube de Xadrez.

— Nós já somos esquisitos, — Erica disse. — Nós realidades queremos ser perdedores também?

Os lábios de Robb soltaram um suspiro. Ele não era um sujeito feio. Ele tinha cabelos escuros, olhos escuros e um rosto forte, mas era pálido, alto e magro, e completamente sem coordenação. As Barbies gostam de o chamar de Perna de Pau. Ele nunca admitiu isso, mas eu sabia que o nome o envergonhava.

— De jeito nenhum eu gostaria de ser presidente da classe, — eu disse. — Você consegue imaginar todo mundo vindo até você com os problemas estúpidos deles? “Sra. Hamilton me viu chegar atrasado, waaah”, “Sr. Parton gritou comigo, boohoo”, “Eu quero bolo de chocolate servido no almoço assim eu posso vomitar no banheiro snif, snif”.

Robb bufou.

Erica mordeu outra fatia de pizza.

O sorriso de Linnie se alargou.

— Drama, drama, drama. Eu juro por Deus que eu amaria cada segundo de tudo isso.

Eu revirei meus olhos.

— Mentirosa. Eu conheço você. Você se drogaria para entorpecer a dor, e quando isso não funcionasse você se mataria porque iria dizer que o inferno seria muito mais agradável.

— Por favor. Eu teria asseclas para minhas tarefas malignas. — Ela esfregou suas mãos alegremente e fingiu comandar seus asseclas. — Você, cole a mão de Mercedes na mesa dela. Você, fure os pneus de Avery Richards. Você, deixe bêbado Bobby Richards,



cubra-o de xarope de chocolate e formigas! — Ela encolheu os ombros. — Como pode não gostar disso?

— Uau. — Erica sorriu. — Não estamos reprimindo a raiva, estamos?

— Você é muito malvada, — Robb disse, enquanto lançava um travesseiro com contas nela e sorrindo pela primeira vez naquele dia. Linnie desviou facilmente. — Mas é por isso que eu gosto de você.

Eu estava no meio de um processo para pegar outra fatia de salaminho mas pausei. Eu passei meus olhos por Linnie, depois Robb, então Linnie novamente. Eles estavam totalmente encarando um ao outro. As bochechas de Linnie estavam cor-de-rosa luminoso e a respiração de Robb era um pouco superficial.

Eu balancei minha cabeça em choque. Eu nunca os tinha visto olharem um para o outro daquela maneira.

— Você estão se divertindo por trás de nossas costas, ou algo assim?

Imediatamente os olhos de Linnie se estreitaram para mim e a expressão de Robb se escureceu.

— Como se... — Linnie murmurou. — Ele é como se fosse a porcaria do meu irmão.

— Yeah, — Robb disse, enquanto olhava novamente para o teto. O corpo magro dele estava tenso. — irmão dela.

O-kay.

Talvez eu devesse ter mantido minha boca fechada, mas eu nunca tinha sido uma pessoa de esconder meus pensamentos ou palavras. Além do mais, eu não tenho certeza se gostei da ideia de Linnie e Robb saindo. Quando eles se separassem — e eles iriam; Linnie nunca saiu com alguém por mais de algumas semanas (onde ela encontrava os namorados dela, eu não fazia ideia) — Robb a odiaria. Ela odiaria Robb. E ambos insistiriam para Erica e eu escolhermos um lado.

Nosso grupo nunca mais seria o mesmo.

Isso não seria um problema, exceto por eu *precisar* do grupo. Eles eram os únicos verdadeiros amigos que eu tinha. Eles eram como minha família. Quando minha mãe morreu, eles me

confortaram. Meu pai tinha ficado uma bagunça e mal conseguia cuidar dele mesmo, muito menos de sua filha adolescente. Eu nunca tinha esquecido e jamais esqueceria como eles me apoiaram.

— Eu vi as Barbies clone brigarem hoje por causa daquele garoto novo, — Erica disse, felizmente mudando de assunto. — Qual é o nome dele? Cary? Marick? Clarik. É isso! Clarik. Elas estavam puxando cabelo, arranhando. — Ela riu. — Elas até rolaram no chão como animais sarnentos. Era totalmente *National Geographic* sem censura. Eu só queria que durasse muito mais tempo.

Meus ouvidos se alarmaram, e eu me inclinei para ela.

— O que aconteceu com Mercedes?

— Nada. Infelizmente. — Erica pegou um cogumelo da pizza dela e o jogou na boca. — Ela arrebentou, e por mais que eu odeie ter que admitir isso, ela me impressionou. O dia que você bateu nela, ela não se defendeu. Não hoje, entretanto. Ela lutou como um gato selvagem faminto que lutava por um pedaço de carne fresca.

— Falando do dia em que você bateu nela... esse foi, tipo, o melhor dia da minha vida, — Linnie disse com uma risada. — Jade saiu com as juntas estouradas e Mercedes engatinhou pra longe com o nariz quebrado e o olhos inchados.

— O que Clarik fez durante a briga? — Eu não pude evitar de perguntar. Se alguém percebeu minha ansiedade, eles não comentaram.

Os ombros de Erica se encolheram em sinal de diferença.

— Ele assistiu tudo. Sorrindo o tempo todo e não fez nada para impedir.

Pela primeira vez naquele dia, eu senti uma pontada de esperança. Talvez Clarik não gostasse de Mercedes. Talvez ele reconheceu ela como um peixe podre embrulhado numa camada de Krispy Kreme.

Talvez poderia haver uma chance de ele gostar de *mim*.

Antes que eu pudesse analisar aquele pensamento, Robb me cutucou com o joelho dele. Quando meu olhar encontrou o dele, ele disse:

— Ouvi dizer que te mandaram para o escritório de Hammy hoje. Que castigo ela te deu dessa vez?

— Ela precisa de tempo para decidir, — eu disse obscuramente.  
— Vou descobrir de manhã.

— Aposto que ela vai te bater, — disse Robb. Com um olhar de malícia. Garotos sempre serão garotos, eu suponho.

— Eu aposto que ela chamará seu pai para uma reunião e *e/le* vai te bater, — disse Erica.

— Eu aposto que seu pai vai te enviar para uma escola militar, — disse Linnie.

— Olhem, Hammy não vai fazer nada, e tampouco o meu pai. — O que era uma mentira — e todos nós sabíamos disso. Meu estômago se revirou. Meu pai não gritaria quando ele descobrisse minha confrontação com o Sr. Parton ou qual quer coisa assim. Oh, não. Ele só olharia para mim com uma absoluta decepção. Ele balançaria a cabeça e diria que eu fui criada para ser melhor que isso e que minha mão ficaria decepcionada. Cravar uma faca no meu coração seria menos doloroso. — Vamos falar sobre outra coisa.

— Como o quê? — Erica perguntou.

— Como a cor da roupa íntima do Robb, coisas sem importância, — eu encolhi os ombros. — Qualquer outra coisa.

As sobrancelhas de Robb se arquearam e eu vi faíscas em seus olhos.

— Uh, quem disse que eu estou usando roupa íntima?

— Ui, que nojo. — Rindo, Linnie jogou um travesseiro de volta nele.

Erica jogou um travesseiro em mim, e bateu em meu ombro. Era briga então. Entre ondas e gritos de risada, travesseiros voavam para todos os lados no quarto, borrões pretos de cetim. Por um breve momento, eu quase me esqueci da minha reunião com a Sra. Hamilton, meu-castigo-que-logo-seria-revelado, e o meu pai.

Quase.

Quando acabou nossa energia, nós quatro estatelamos no chão. Nós ficamos um longo tempo ali, ofegando e tentando recuperar nossas respirações.

— Vamos usar minhas cartas para descobrir em quantos apuros Jade vai estar, — Linnie disse finalmente.

Eu gemi.

— Eu pensei que tivéssemos encerrado aquele assunto.

— Ainda não. — Ela pulou de pé e foi até a escrivaninha.

Com as cartas de Tarô nas mãos, ela se sentou de frente para mim.

— Embaralhe-as. — Depois que eu as embaralhei, ela começou a distribuir em minha frente.

Silêncio. Silêncio escuro e pesado.

Não me importei em sentar, não me importei em olhar as cartas – assustada demais sobre o que eu podia encontrar. Um tremor me envolveu.

Linnie soltou um silvo.

— O quê? — Meu olhar encontrou o dela. Ela estava pálida, e os lábios estavam apertados numa linha fina.

Antes que eu pudesse olha para as cartas para ver por mim mesma, ela as recolheu.

— Nada, — ela disse. Ela deu uma risada nervosa. — Nada. Mas... talvez não deva ir para a escola amanhã.

— O que você viu? — Erica lhe perguntou.

Linnie mordeu o lábio.

— Coisas ruins. Para todos nós.

## CAPÍTULO TRÊS

*Quando você sabe que algo ruim vai acontecer, tentar impedir de acontecer realmente ajuda? Ou a coisa ruim acontece porque você tentou impedi-la?*

O dia de amanhã chegou desgraçadamente rápido e luminoso. Eu já tinha ficado acordada durante toda noite, as palavras de Linnie não saíam de minha mente: Coisas ruins, para todos nós. O que significava isso? Tudo o que eu sabia era que as cartas dela nunca falhavam. Elas tinham mostrado que a mãe e o pai de Robb se separariam. Elas tinham mostrado que Erica seria obrigada a ficar com a vó no verão passado.

Nem eu e nem Erica falamos sobre as cartas quando dirigíamos para escola. Nós não falamos sobre nada. Assim que o primeiro sinal tocou e os corredores se aquietaram, ela acenou um adeus, com uma expressão severa. Eu entrei na escola com medo. Eu estava usando calça de astronauta e uma camisa lisa, e prateada que não eram minhas. Considerando que eu tinha passado a noite com Erica, eu tive que pegar emprestado suas roupas.

A porta do escritório de Sra. Hamilton estava fechada. Eu parei e olhei para Cher.

— Ela está me esperando. Posso entrar?

— Nope. Desculpe. — Cher balançou sua cabeça, cachos vermelhos voando em toda direção. Um meio sorriso compassivo apareceu nos cantos de sua boca. — Ela está falando com seu pai.

Meu pai? Minha boca caiu aberta, e eu acho que meu coração parou de bater. Por favor me diga que ela não disse a pouco que era *meu* pai.

— Há quanto tempo ele está lá? — Eu guinchei.

Cher encolheu os ombros.

— Se eu não me engano, aproximadamente uns trinta minutos. A notícia boa é que eu não ouvi nenhum grito.

— Yeah, esse é realmente um raio de esperança.

— E só pra você saber, a mãe de Mercedes está lá, também, — Cher adicionou. — Então se sente; Sra. Hamilton avisará quando estiver pronta para conversar com vocês duas.

Mãe da Mercedes? Nós duas? Confusa, chocada e com mais medo do que girei em meu salto de sapato. A primeira coisa que eu notei foi Mercedes sentada em um dos assentos. Apesar dos dois arranhões na bochecha (estrela de ouro para a qual seja a Barbie que lhe deu) ela parecia mais linda do que nunca com um vestido de verão rosa e o cabelo preso para trás. Ela manteve seu olhar longe de mim e na parede lateral.

Meus pés permaneceram travados no lugar. Minhas mãos cerradas.

— Por que nossos pais estão juntos lá? — Eu odiava falar com ela, mas minha curiosidade era enorme.

— Vá se ferrar, — ela murmurou, enquanto girava as pontas dos seus cabelos pálidos. As juntas dela se estenderam em camadas com contusões.

A porta abriu e de repente eu consegui ouvir uma sinfonia de vozes divertidas. Uma profunda, uma monótona, uma quase como um sino de vento. Não deu tempo para eu relaxar, porque a risada se cortou no momento que meu pai saiu do escritório. Imediatamente o olhar dele fechou em mim, e o sorriso dele desapareceu. Fúria ferveu debaixo da superfície da expressão dele e nos olhos verdes dele.

— Jade, — ele disse, seu tom duro.

Eu engoli e tentei parecer animal.

— Hey, pai.

Uma bonita, e delicada loira pisou do lado do meu pai, suas mãos cerradas na cintura de sua cara calça azul. A mãe de Mercedes, Susan Turner. Eu já a tinha visto na escola algumas vezes, e em jogos quando ela assistia a filha dela torcer; ela sempre era borbulhante e otimista. Agora ela olhava para Mercedes.

— Eu estou envergonhada de você, juvenzinha.

— Então estamos quites, — Mercedes repreendeu, ficando de pé. — Mulher de meia-idade.

Sra. Turner corou e enrugou os lábios.

— Não fale assim comigo.

— Sério? — Um riso tinido flutuou de Mercedes, de alguma forma zombando com sua vivacidade. — É engraçado, porque eu falei agora a pouco.

Um silêncio pesado cobriu o lugar, como se ninguém soubesse como responder a audácia de Mercedes. Eu não conseguia acreditar que ela tinha falado com a mãe dela assim. Ela não sabe o quão sortuda ela é, por ter uma mãe que se preocupa com ela?

Meu pai e Sra. Turner trocaram um olhar pesado antes de ele voltar sua atenção para mim.

— Eu estou cansado do modo que você se comportar mal, Jade, e eu já tive o bastante. Sra. Hamilton a está levando para uma excursão escolar, — ele disse, adicionando severamente, — você tem sorte de eu não estar te mandando para um acampamento. Você não vai mais responder seus professores.

— Uma excursão escolar? — Minha boca caiu aberta. Eu tinha esperado que ele dissesse outra coisa, não isso. Gotas de alívio me varreram. — Para onde?

— Para um lugar que você vai aprender a apreciar quão bom é o que você tem. — Ele pausou, um músculo assinalando na sua mandíbula. — Eu já assinei o formulário de consentimento. Você vai sem protestar, entendido?

Ele irradiava autoridade inflexível, e eu nem sequer pensei em tentar e parece natural.

— Sim.

— Sim o quê?

— Sim, senhor. — No que me diz respeito, eu estava me safando fácil. Nenhum castigo. Nenhum relatório de dez páginas. Nenhum “sua mãe ficaria chateada.” Então protestar? De jeito nenhum. Eu até mesmo poderia cantar um coro de aleluia.

— Você vai, também, — Sra. Turner disse a Mercedes, — E se eu souber que você está falando assim, assim...

— Podemos chegar a um acordo ou não? — Mercedes interrompeu no mesmo tom jovial. Ela sacudiu o cabelo sobre o ombro. — Essa conversa é chata.

Sra. Turner ofegou, o som sobreposto com uma combinação de afronta e tristeza.

— Ontem você foi pega brigando. Então, como se isso não fosse bastante ruim, você se ocupou depois em uma conduta imprópria com um garoto e foi pega. Na biblioteca, de todos os lugares. E você ousa *me* tratar assim? É este o tipo de exemplo que você quer dar para sua irmã mais nova? Ela admira você.

O começo da fala de Susan me cortou, porque eu sabia o que as palavras dela significavam exatamente. “Conduta imprópria com um garoto” igualava a Mercedes se agarrando. Tendo ouvido nada sobre isso ontem — e teria, já que o trem de fofoca nunca para de correr — isso tinha acontecido alguma hora depois que ela tinha escoltado Clarik até sua sala de aula. Isso significava...Uma mistura letal de gelo e fogo viajou por mim.

Isso significava que Clarik colocou a língua na garganta desprezível de Mercedes.

Meu estômago se agitou com uma decepção repugnante, matando todo o senso de esperança. Ele não tinha gostado nada de mim, não tinha se interessado nem um pouco por mim.

Ele era bonito, mas eu o mal conhecia, eu me lembrei. Isso não importa. Eles não importavam. *Ele* não importa.

*Yeah, continue pensando assim que talvez você começará a acreditar nisso.*

— ... quero que você vá direto para casa depois da escola, — meu pai estava dizendo.

Eu me forcei a escutar, me concentrar nele, me esquecer de Clarik.

— Perdão. O quê?

Ele fez uma carranca.

— Você e eu estamos atrasados para uma conversa, então eu quero você em casa depois da escola. — Com um quase sussurro, ele disse: — Susan, eu vou levá-la até seu carro. — Ele cuidadosamente colocou seus dedos em torno dos braços de Sra. Turner. Ele muito confortável com ela, completamente à vontade, como se ele tinha conhecesse ela por muito tempo.



Eu não me lembrava de eles já terem se encontrado antes. No momento, porém, não me preocupei se eles eram a porcaria de melhores amigos. Mercedes e Clarik tinham se beijado.

— Sra. Hamilton pode assumir daqui, — ele terminou.

Sra. Turner acenou com a cabeça e se afastou de Mercedes. Com um último olhar para mim, meu pai a conduziu para fora. Sra. Hamilton esperou por um tempo parada na porta de seu escritório, silenciosamente olhado para mim e Mercedes, uma de cada vez.

— Vocês provavelmente estão desejando saber por que estão sendo castigadas juntas, quando seus crimes não têm nada em comum, — ela disse naquela voz de monotonia. — Eu tive dificuldade contínua com ambas de vocês, por razões diferentes, mas o mesmo castigo é apropriado.

— Onde exatamente... — Mercedes começou.

— Chega de conversa, — disse a diretora. — Vamos.

Mantendo meu olhar longe de Mercedes, eu enquadrei meus ombros, endireitei meu queixo, e segui. Eu não precisava de uma perspectiva nova na vida e não sabia como Hammy realmente achava que tinha me dado uma com essa “de escola”, mas eu queria fugir deste edifício. Eu queria me afastar de Mercedes e o conhecimento que ela tinha beijado Clarik antes de eu pudesse fazer algo estúpido – como chorar.

Eu imaginei dirigir por favelas, talvez para uma casa onde vendem drogas ou uma casa para pais adolescentes assim eu poderia ver o quanto “bom” minha vida era.

Eu imaginei errado.

Em silêncio total, com nem mesmo um som do rádio, Sra. Hamilton nos dirigiu até um tijolo marrom ruinoso que foi construído na extremidade de cidade. Mercedes reivindicou o assento dianteiro, enquanto deixava a parte de trás para mim. Eu desejava ter trazido um caderno para que assim eu pudesse escrever, tirar do pensamento Mercedes e Clarik, meu pai e Hammy. *Todo o mundo.*

Vários carros – todos caros e prístinos – alinhados no estacionamento sujo e coberto de cascalho. Os SUV e sedans de luxo não pertenciam na localização indigente. Alguns outros

edifícios eram pertos, cada um mais frágil que o outro. Grafites e lixeiras eram abundantes. Vidros quebrados. O fraco eco de gritos e alarmes de carros.

Qual era desse lugar? Eu não conseguia imaginar qual tipo de lição poderia nos ensinar além de evitar voltar neste lugar pelo resto de nossas vidas.

— Vocês irão me agradecer por isto um dia, — Sra. Hamilton murmurou, saindo do carro. — Vamos lá. Vamos acabar com isto. — Ela parecia resignada, esperançosa e ansiosa ao mesmo tempo.

Mercedes e eu saímos cautelosamente dos nossos respectivos lados e a seguimos. A luz do sol brilhou e devia ter aquecido o ar, mas uma brisa inesperadamente gelada dançou ao nosso redor.

*Saia daqui*, sussurrou na minha mente e me fez tremer. Eu suspirei e entrei, de qualquer maneira. Eu tinha prometido para meu pai que eu me comportaria, e eu iria. Nada mais de encrencas para mim, muito obrigada. Além do mais, o que Sra. Hamilton realmente pode fazer contra nós? Nada, é isso. Ela não pode nos ferir sem correr o risco de ser processada.

No momento em que a entrada se fechou atrás de nós três, quatro homens altos e mal encarados vestidos em aventais médicos azuis saíram de um sofá e cadeiras – como se eles tivessem estado esperando por nós.

Eles não disseram uma palavra.

Eu assisti em choque quando dois deles agarraram meus braços, com apertos de aço e inflexíveis. Meus olhos alargaram; meu coração chutado em sobremarcha.

— O que vocês pensam que estão fazendo? Me soltem!

Os outros dois homens trancaram Mercedes. Ela gritou como um bebê com completo acesso de raiva e começou a chutar.

— Me deixem ir! Parem! Eu disse pra me deixarem ir!

— Acalmem-se, — Sra. Hamilton disse repreensivamente. — Vocês causaram isso a vocês mesmas, garotas.

Naquele momento, eu percebi qual era a dela. Minhas pálpebras estreitaram em rachos minúsculos, e eu me acalmei.

— Você está tentando nos assustar diretamente? É isso? Bem, você terá que fazer melhor do que isso para me assustar.

— Oh, eu irei. — Sra. Hamilton sorriu lentamente, um vislumbre de prazer em seus olhos. — Levem elas para seus quartos.

Mercedes foi arrastada para esquerda, e eu fui arrastada para a direita. Ela protestou mas eu permaneci calada, enquanto esperava tentando não me mostrar afetada. Minhas “escoltas” empurraram as portas duplas e um quarto de hospital entrou na minha visão, completa com monitores, cama cercada e um homem velho com um cabelo prateado em um casaco de laboratório.

Ele indicou a cabeça com uma inclinação de seu queixo.

— Amarre ela.

*Amarre ela.* As palavras dele reverberaram em minha mente e pânico de repente explodiu dentro de mim. Amarrar alguém a uma cama nessa posição passava da linha de ‘assustar diretamente’. Passava muito.

— Não, não, não, — eu gritei, enquanto empurrava eles em modo de briga. Mas mesmo resistindo de modo selvagem como eu estava, eu fui erguida sem esforço e abaixada sobre a cama. Segundos depois, meus pulsos e tornozelos foram amarrados à grade da cama com um pano grosso e rígido. Meu coração bateu contra minhas costelas irregularmente, batida de vertigem.

— Me deixe ir. Você não pode fazer isto!

— Este é o Dr. Laroque, — Sra. Hamilton disse. O homem de cabelo prateado acenou com a cabeça para mim. — Ele tomará conta de seu caso e ele pode te amarrar se ele quiser. — Com isso, ela saiu do quarto.

Ohmeudeus, ohmeudeus, ohmeudeus.

— Sra. Hamilton. Sra. Hamilton! Volte aqui! Você não pode me deixar aqui!

— Isto doerá somente por um segundo, Jade, — o médico disse.

— Doer? — Ohmeudeus, ohmeudeus, ohmeudeus. Eu tremi minha cabeça violentamente, puxando contra as amarras. — Chame meu pai. Chame ele agora mesmo. Ele nunca vai, nunca, nunca vai aceitar algo assim.

— Você mal sentirá a agulha, eu prometo.

— Agulha? — Ohmeudeus, ohmeudeus, ohmeudeus. — Sra. Hamilton! Sra. Hamilton!

— Não preocupe. Ela está assistindo atrás do vidro. — Ele arqueou uma sobrancelha prateada grossa e puxou o plástico que embala uma longa – muito longa – agulha. — Relaxe um pouco. Isto é para o seu próprio bem.

— Fique longe de mim. — Montando uma crista de medo, eu arqueei e resisti. Apesar de minhas lutas, eu permaneci presa no lugar. Desamparada, não sabendo o que mais fazer, eu arregacei meus dentes, levantei minha cabeça e olhei o médico. — Chegue perto de mim com isso, e eu juro por Deus, meu pai vai te matar. Ele é militar. Ele sabe como.

— Seu pai assinou o formulário de consentimento —, ele respondeu pacientemente.

— Sra. Hamilton o enganou. Eu sei disto.

— Provavelmente, mas isso não muda o fato que ele, realmente, assinou o formulário. — Os movimentos do médico não hesitaram quando ele enganchou o fim da agulha num tubo branco magro. Ele deu um passo na minha direção. No fundo, eu ouvi Mercedes chorando.

Ohmeudeus, ele ia fazer isso. Ele ia me enfiar uma agulha de fato.

— Eu prometo que eu não discutirei com o Sr. Parton novamente, — eu disse com pressa. — Apenas chame meu pai. Ele vai... au!

— Ele aplaudirá a mudança em você quando isto estiver terminado, — Dr. Laroque disse, enquanto enfiava a agulha no meu braço.

Tentei me esquivar dele, torcer para o meu lado, para desalojar a ponta. Sem sorte.

— Você não pode fazer isso. É ilegal. Você vai para a cadeia.

— Fique quieta. Quanto mais você se mover, mais vai doer.

— Apenas se afaste de mim. Por favor, — eu adicionei em um sussurro frenético. Quase como uma choradeira.

Uma pausa. Um peteleco do seu pulso.

— Aí. Terminamos com a intravenosa. — Quando falou, retirou outra seringa do seu bolso do casaco de laboratório.

Outra agulha? Meus olhos se alargaram e eu combati outra onda de pânico.

— O que você está fazendo? O que é isso? Eu me recuso a permitir... Hey, pare com isso. Coloque a tampa de volta nessa coisa. Eu disse... pare de se inclinar sob o meu braço. Pare...

Ele deslizou a agulha na minha intravenosa e me aplicou Deus sabe-se lá o quê. Meu braço queimou quando ele jogou o instrumento utilizado numa caixa perto e sorriu para mim com satisfação. Sua face envelhecida e enrugada deveria fazer ele se parecer inocente e doce como meu vovô, e *faria*, se eu não o tivesse pintado mentalmente com chifres e presas.

— Pronto. Você não se sente uma tola por agir tão infantilmente?

— Ele perguntou.

O fogo que tinha sido injetado em mim se expandiu depressa, enquanto me aquecia. Me chamuscando. Me queimando por dentro. As chamas lambeiram toda parte de mim. Lágrimas picaram a parte de trás de meus olhos, mas eu tentava as impedir, cerrando os dentes.

— Eu sinto como se você tivesse me coberto com gasolina e me acendido em chamas.

Ele riu.

— Essa sensação passará.

Antes de ele proferir a última palavra, a queimação baixou tão depressa quanto tinha começado. Meus membros relaxaram na fria e plana mesa. Meus músculos liquidificaram. Pelo menos ele não tinha mentido sobre isso. Uma névoa fina começou a vaguear por minha mente, e eu lutei para ficar coerente.

— O que você injetou em mim? Ácido de bateria?

— Menina tola. Um sedativo.

— Como se isso fosse melhor. — Uma fraqueza estranha já tinha substituído a queimação, crescendo, crescendo.

— Você vai para prisão por um longo, loooongo tempo.

— Talvez eu seja preso. Talvez eu seja recompensado. Você vê, eu desenvolvi um programa de realidade virtual que colocará os adolescentes dentro de uma vida nova – uma vida que os fará apreciar e respeitar a que eles levam atualmente.

Minhas unhas cravaram em minhas mãos, enquanto cortavam a pele. *Fique forte. Fique acordada.* Eu tinha que dar o fora daqui. Ele

era louco. Insano.

— Você não acredita em mim agora, — ele disse, — mas você em breve acreditará.

*Lute. Fuja.* Eu tentei empurrar minhas mãos para fora das amarras, mas não tive a energia. Tão... cansada. Eu estava ficando sem ossos e estava afundando em um buraco negro largo, de boas-vindas.

— Eu apenas quero ir para casa. Por favor.

— Você ficará bem,— ele disse, completamente impassível por meu argumento.

Duas enfermeiras se aproximaram, uma do meu lado esquerdo, e outra do meu direito. Cada mulher mascarada prendeu pinças pretas minúsculas em minhas orelhas, então prendeu a outra ponta em um computador. Logo uma vibração leve se moveu para o lado da minha mandíbula, para cima junto de minhas têmporas.

— O que é isso? — As minhas pálpebras fecharam por decisão própria, mas eu as forcei a abrir, forcei minha voz. — Tire-as. — Minha voz aumentou. — Por favor tire-as.

— Nós não podemos. — Ele colocou uma máscara cirúrgica em cima da metade inferior de sua face. Só os olhos dele permaneceram visíveis, e o vislumbre determinado neles não me deu nenhum conforto.

— O processo já começou. Eu quero que você relaxe agora — ele disse. Ele injetou qualquer outra coisa em minha intravenosa.

As luzes esmaeceram, criando um suave brilho dourado. Docemente, uma música zumbiu dos auto falantes invisíveis, o som aparentemente por toda parte do quarto contudo em nenhuma parte.

— Feche seus olhos e relaxe, — ele adicionou. — Sua pressão sanguínea está alta. Eu quero abaixá-la antes de nós a enviarmos para o programa.

— Espere. Me enviar pra onde? — *Por favor diga pra casa.*

— Você verá.

Ele não ia ceder. Não ia me soltar. Um calafrio me atormentou, enquanto perseguia o calor prolongado do meu sangue. Eu queria meu pai. Eu queria minha mãe. Deus, eu sentia tanto a falta dela.

Eu queria... dormir. Meus olhos se fecharam; minha cabeça se rolou para o lado. Não. Não! Eu sacudi minha cabeça e mantive minhas pálpebras separadas. Eu tinha que ficar acordada.

— Quanto... quanto tempo eu tenho que ficar aqui?

— O tempo que for preciso, — foi sua única resposta.

O tempo que for preciso... eu deveria ficar alarmada, eu sabia que eu deveria. Por que eu não estava mais alarmada? Eu ouvi o *bip, bip* dos monitores, e respirei superficialmente o ar frígido, estéril. Um teto branco acima de mim, a aerodinâmica da sua pureza arruinada pela ocasional câmera, todas as quais estavam apontadas para mim.

—Você já fez isso com outras crianças? — Bom. Eu precisava me concentrar, focalizar. Manter a conversa fluindo. — Alguém morreu por causa disso?

— Você não vai morrer, eu o prometo. — Ele olhou o para monitor mais perto e acenou com a cabeça. — Excelente, sua pressão sanguínea está caindo. — Sem outra palavra para mim, ele se dirigiu a um dos consoles do computador. Os dedos dele voaram sobre o teclado.

Um grupo de pessoas continuou trabalhando ao redor de mim, prendendo várias partes de meu corpo com as coisinhas vibrantes. Cansada. Muito cansada. Incapaz de combater mais disso, eu fechei meus olhos. Minhas pálpebras eram simplesmente muito pesadas para ficar abertas por muito mais tempo.

A respiração estremeceu dentro e fora de meus pulmões. Dentro e fora. Eu precisava de algo para ocupar minha mente. Algo, qualquer coisa para bloquear a batidinha lânguida de passos, os murmúrios médicos, o crescente *bip* lento de meu monitor. O... espera. Parece que ouvi Mercedes praguejar do outro quarto?

— Certo, Jade, — o médico disse. — Você está pronta. — Ele parecia muito distante, e seus r's ecoaram continuamente em minha mente.

Eu tentei abrir meus olhos novamente, mas minhas pálpebras ainda eram muito pesadas. Na verdade, tão pesadas que parecia que pedras gigantescas as cobriam agora. Eu carranqueei. O que

estava acontecendo – Vertigem me cobriu, momentaneamente tirando a consciência de minha mente, deixando só escuridão.

— Eu coloquei outro sedativo na sua intravenosa. Você deveria se sentir sonolenta agora mesmo. Você está?

Eu não consegui acenar com a cabeça, não tinha mais força. Eu abri minha boca para dizer que sim, mas nenhum som emergiu. *Papai onde você está? Me ajude.*

— Eu levarei seu silêncio como uma afirmação, — o médico disse, diversão gotejando da voz dele. — Se prepare para o passeio mais selvagem de sua vida, minha querida.

Essas foram as últimas palavras que eu ouvi antes que esquecimento me dominasse completamente.



## CAPÍTULO QUATRO

*Eu não sou uma pessoa má. Eu nunca matei ninguém. Eu (raramente) minto. Eu não chuto cachorrinhos. Então por que as pessoas olham pra mim como se o mundo pudesse ser um lugar melhor sem mim?*

A luz do sol fluía através das cortinas vermelhas do meu quarto. Eu tinha desejado teias de aranha pretas nas janelas, eu me lembrei grogue. Meu pai queria me dar uma cortina de babados rosa, uma menininha para sempre. Nos comprometemos com vermelho sangue drapeado. A luz carmesim-matizada esticou sobre mim, demasiada brilhante, indesejada, envolvendo minha cama e afastando a névoa grossa da minha mente.

Eu estiquei meus braços sobre minha cabeça e arqueei minhas costas. Deus, eu estava dolorida. Meus ossos, meus músculos, e minha cabeça pulsavam como se eu fosse a carne em um engavetamento de três carros – e dois tanques de exército fossem o pão.

*Levante-se, Jade*, minha mente gritou de repente. Uma onda de urgência rolou através de mim. *Levante-se! Algo está errado.* Lentamente - e incapaz de forçar a mim mesma mais rapidamente - eu pisquei abrindo meus olhos. A luz intensa fez com que eles doessem e molhassem, como se eu tivesse estado em uma caverna escura por milhares de anos e tinha despertado somente agora.

O que tinha de errado comigo? Eu estava doente? De ressaca? Não, não podia ser. Eu não me lembro de beber a noite passada.

*A noite passada;* a frase ecoou em minha mente, e eu pisquei. O que eu tinha feito a noite passada?

Uma batida soou em minha porta - ou essa batida estava vindo do interior de meu cérebro? Eu gemi.

Então eu ouvi outra batida.

— Jade, — uma voz profunda disse.

Meu pai. Eu gemi outra vez. Se eu o ignorar, ele iria embora e eu poderia dormir por um pouco mais de tempo. Eu poderia...

— Jade? — sua voz parecia determinada.

Não, ele não ia embora.

— O quê? — Eu resmunguei.

— Jade, doçura. Está na hora de se preparar para a escola.

Escola. Eu me sacudi em cima da cama, meu cabelo azul e preto caindo por cima dos meus ombros e em meus olhos em uma massa enrolada. Uma onda de vertigem me golpeou, e eu esfreguei minhas têmporas. *Algo está errado*, sussurrou novamente minha mente. Não era para meu pai estar furioso comigo? Ao invés, ele tinha soado alegre. E feliz. Eu quero dizer, por favor. Doçura? Eu balancei minha cabeça em confusão.

A ação deve ter desalojado uma memória, porque de repente eu vi o flash de uma agulha, a face sorrindo de um homem velho de cabelo prateado. Eu ouvi Mercedes soluçando e senti uma vibração estranha deslizar abaixo pela minha espinha. Mercedes... excursão de escola...

Excursão de escola! Era isso. Como o estalido de um interruptor, o evento inteiro inundou meu cérebro. Sra. Hamilton me conduzindo a um edifício dilapidado na margem da cidade. Dr. Laroque me conectando em seu sistema informático, em um jogo como ele tinha falado, com a intenção de me ensinar a apreciar minha vida atual. Uma intravenosa, sedativos.

Toda a frustração e fúria que eu tinha sentido no laboratório estava deslizando novamente através de mim. Meu olhar saltou até meus braços, mas eu só vi o algodão escuro de minha camiseta do Grim Reaper favorita. Com uma mão trêmula mas determinada, eu elevei a manga esquerda lentamente. Nenhuma contusão em meu pulso. Mais alto... um pouco mais alto... com medo do que eu acharia...

Eu soltei uma respiração que eu não sabia que eu tinha prendido, a frustração e a fúria escoando pra longe. Nem uma única contusão ou marca de agulha arruinava minha pele. Alívio passou por mim, mais doce que a bunda de Bobby Richards em calças de futebol americano. Exceto que, se eu não tinha sido presa com amarras, o que tinha acontecido? Minha testa enrugou.

Um sonho, talvez? Isso era uma possibilidade. Uma viagem induzida por drogas na Cidade Louca? Mas eu não tinha me drogado. Eu nunca me droguei. Bem, não mais. Nas poucas vezes em que eu tentei isso, eu tinha ficado doentamente maluca. Alienígenas tinham desparafusado minha mente? Eu bufei. Sério, o que diabos tinha acontecido?

Outra batida em minha porta, dessa vez mais forte.

— Levante -se, doçura. Está desperdiçando tempo.

Doçura, certamente.

— Eu já levantei, — eu gritei.

— Vinte minutos pro café da manhã. Não se atrase.

— Eu não vou. — Soltando uma respiração, eu me atirei sobre meu travesseiro e contemplei meu teto. Já que ontem – ou o que eu pensei que era ontem – realmente não tinha acontecido, hoje devia ser minha reunião com a Sra. Hamilton. Eu suponho que signifique que eu não tinha ficado a noite com Erica e não tinha voltado para a escola na manhã seguinte e encontrado com meu pai lá.

Quanta confusão. Ainda assim. Uma coisa era certa. Depois dos terrores imaginados na noite passada, nada que Hammy fizer ou dizer vai me perturbar.

Eu tomei banho, vesti minha saia xadrez favorita e bustiê de vinil escuro, e amarrei as mechas azuis do meu cabelo em dois meio rabos-de-cavalo. Necessitava de algo mais, eu pensei estudando meu reflexo no espelho. Eu dei laço em três colares prateados ao redor meu pescoço, forcei várias pulseiras, passei em meus lábios um batom vermelho vivo, e borrifei em meu pulso o perfume de funeral-rosa que Linnie tinha me dado no meu último aniversário. *Perfeito.*

Satisfeita, eu vaguei até a cozinha.

Papai me ofereceu um café da manhã - uma refeição deliciosa com torrada, ovos e bacon, e eu forcei um sorriso falso de agradecimento. Eu tive que fingir o sorriso porque, quando eu disse refeição “deliciosa”, eu quero dizer muito ruim. Eu odeio, odeio, odeio quando meu pai está cozinhando. O gosto de gasolina é

melhor – mas nem sequer isso pode disfarçar o sabor repugnante do “gênio culinário” dele, que é como ele chama isso.

Entretanto, eu comi toda a gororoba ensopada. Sem reclamações. Eu não queria ferir os sentimentos do meu pai. Uma vez que tinha lidado com a morte da minha mãe, ele tinha dado o seu melhor para tomar o papel como o cozinheiro chefe, o motorista, e o conselheiro de TPM. Durante os últimos dois anos, ele só acertou um desses e eu os deixarei adivinhar qual foi.

— Então. O que anda acontecendo na sua vida? — Ele perguntou, abrindo o jornal da manhã.

Eu encolhi os ombros.

— As mesmas coisas de sempre.

Ele deu um gole no suco de laranja e colocou o copo de lado. Ele juntou uma colherada de ovos (escorrendo) na boca dele, mastigou, engoliu e sem olhar por cima do jornal, disse:

— Você vai dirigindo pra escola hoje?

— Ha. Você sabe que eu não dirijo.

Ele suspirou.

— Não é saudável temer tanto algo. Você tem que superar isso, Jade.

— Eu vou. — *Não*. — Um dia. — Vai ser no mesmo dia que ele encontrar a árvore que dá dinheiro que ele tanto murmura sobre quando eu pedia o cartão de crédito. Carros me aterrorizavam, certo. Eu parei, pensando. Correção. Ficar atrás do volante de um carro me aterroriza.

Eu tinha tentado algumas vezes desde o acidente, mas tinha incontrolavelmente me apavorado e não era capaz de ligar nem mesmo o motor. A imagem da minha mãe morrendo ensanguentada enchia minha cabeça, eu ouvia o guincho de pneus, o ranger de metal. Eu ouvia o grito dela.

Eu acho que meu pai percebeu a direção deprimente de meus pensamentos, porque ele mudou o assunto depressa.

— Você parece agradável esta manhã.

Meu garfo gelou em pleno ar durante uma porção de segundos que levei para perceber que ele estava zoando.

— Yeah. Certo. — Eu terminei a última (repugnante) mordida e fugi deixando o prato de lado.

Se qualquer um parecia “agradável” hoje, era ele. Como engenheiro de aeronave, ele normalmente usa calças jeans e camisetas. Hoje ele usava calças compridas pretas e uma camisa de botão combinando. Espera. Ele normalmente tem folga quarta-feira. Hoje era quarta-feira, assim ele ainda deveria estar de pijamas.

— Você vai trabalhar hoje? — Eu perguntei.

Ele não falou por um momento, então ele dobrou o jornal dele e o pôs de lado.

— Não, — ele respondeu e não continuou.

— Você vai sair?

— Se encoste por um minuto, doçura. Vamos falar sobre você. Eu disse que você parece agradável, e eu falei sério.

Eu rolei meus olhos.

— Tanto faz.

— Preto é sua melhor cor, nenhuma dúvida sobre isso. — Enquanto olhava excessivamente para mim, seus traços continham uma sugestão de anseio, uma borda de tristeza. — Eu queria que sua mãe estivesse aqui para ver a jovem e bonita mulher que você se tornou. Ela estaria tão orgulhosa.

Esse pedaço final do elogio me chocou até os osso, e eu pisquei pra ele. Cer-to. Ele estava com febre? Intoxicação gastrintestinal? Aneurisma? Meu pai me ama, mas céus. Eu estava bonita? Minha mãe estaria tão orgulhosa de mim? Preto era a porcaria da minha melhor cor?

Um, ele odeia preto.

Dois, ele nunca falava sobre minha mãe.

E três, ele nunca – *nunca!* – elogiou minha aparência. Na realidade, ele sempre estava sugerindo que eu precisava mudar. Pelo amor de Deus, o homem me comprou um cardigã rosa pálido, Keds branco, e meias com laço para meu décimo sétimo aniversário, esperando que eu me esqueceria de repente de minha afinidade por vinil, botas de salto e meia-arrastão.

— Eu estou pronta para o grand finale, — eu disse.

A sobrelha dele enrugou em confusão.

— Eu não entendo.

— Nem eu. Você está fazendo piada de mim? — Ou este ato estranho era algum tipo de castigo? Tinha a Sra. Hamilton o chamado e lhe falado sobre meu confronto com Sr. Parton?

Não, certamente não. Se ele soubesse do Sr. Parton, ele exigiria uma explicação em vez de... me elogiar. Então. Eu suponho que isso significa que eu não tenho nenhuma resposta e nenhuma ideia do que tinha acontecido.

— Uma piada? — Ele esfregou uma mão em cima da mandíbula de barba curta dele ligeiramente. — Por que você pensaria isso?

Eu arqueei uma sobrelha, balancei minha cabeça, e disse:

— Respondendo minha pergunta com outra pergunta sua. Tática boa, mas não vai rolar. Por que você está me confundindo, Pai?

— Doçura, eu nunca brincaria sobre esse tipo de coisa. Eu sei quão delicada a autoimagem de uma menina jovem pode ser. — Ele franziu, pensando a respeito por um momento longo e, silencioso.

— Você está agindo estranho, meu bem. O que está acontecendo?

— Essa é a questão: 'doçura' e 'meu bem'. Você nunca me chama por esses nomes.

— Eu a chamo de minha doçura todos os dias.

Eu tamborilei meus dedos no tampo da mesa. Ele tinha dito seriamente, sem uma centelha nos olhos dele ou uma sugestão de um sorriso ondulando a boca dele.

— Desde quando? — Eu exigi.

— Desde... — Com a expressão incrédula, como se não pudesse acreditar completamente que nós estávamos tendo essa conversa, ele jogou os braços pra cima. — Desde sempre.

— Pai. Por favor.

Ele balançou a cabeça dele e derrubou o garfo dele com um tinido.

— Você e Bobby estão brigando novamente? É sobre isso, não é?

— Não, nós não... espera. Quê? Você disse Bobby? Sobre que Bobby você está falando?

— Há mais de um Bobby em sua vida? — Ele riu. — Bobby Richards, boba.

Eu pisquei, com mais confusão quente e brilhante dentro de mim. Bobby Richards, o quente esportista que todas as meninas babavam em cima? Bobby Richards, ora ex/ora atual namorado da Mercedes? Bobby Richards, capitão do time de futebol americano e o menino pelo qual eu tinha uma queda secretamente durante anos antes de perceber como estúpido tal queda era? Minhas bochechas aqueceram com só a memória da minha tolice.

Meu pai não sabia de Bobby. Eu nunca falei pra ele. Eu nunca tinha falado para ninguém. Nem mesmo Linnie ou Erica. No ano passado, eu tinha parado de pensar sobre ele, tinha parado de escrever histórias sobre ele.

— Como você sabe sobre o Bobby, Pai? Como? — Eu ofeguei, um pensamento saindo do lugar. — Você leu um dos meus cadernos?

A boca do meu pai caiu aberta em uma afronta.

— Eu nunca invadiria sua privacidade desse modo. Você sabe que o Bobby veio aqui em casa fim de semana passado. Você estava aqui. Você o convidou. — Papai cruzou os braços dele em cima do tórax, preocupação escurecendo os olhos dele. — Você está começando a me preocupar. Você está bem?

— Pare. Apenas pare. — Eu não compreendia o que estava acontecendo. Talvez ele tenha lido um caderno, talvez não tenha. De qualquer maneira, por que ele estava fingindo que eu tinha um namorado? Minha confusão intensificou. Eu estava completamente assustada, e sim, irritada, enquanto me desenrolava da mesa. — Eu não estou certa de como tratar você agora, e eu estou considerando seriamente chamar seu supervisor e recomendar um teste de drogas. Não me espere chegar em casa depois de escola. Eu estarei com meus amigos — Sem outra palavra, eu agarrei minha mochila do chão e dei passos largos para fora da casa.

— Doçura? — ele chamou. — Meu bem, o que está havendo com você? Por que você está agindo assim? Fale comigo. Por favor.

Eu continuei me movendo, esbarrando no Jetta branco que ele tinha me comprado para meu décimo sexto aniversário. Eu não reduzi a velocidade do meu passo, até mesmo quando ele se apressou até a varanda, fitando-me. Minha mochila, pesada com meus livros, saltou contra minhas costas. As correias grossas

cavaram em meus ombros. Nós moramos a 1,6 quilômetros da escola, então caminhar assim não era nenhuma grande coisa. Eu tinha feito isso antes. As tiras grossas cravaram em meus ombros. Agradecida pelo ar da manhã estar limpo e fresco.

Desesperada por uma explicação, eu repeti a conversa com meu pai na minha mente. Nenhuma resposta magicamente apareceu. Eu ainda estava adormecida, talvez, envolvida em um pesadelo convenientemente real?

É só que... meu pai nunca agiu daquela maneira antes. Nunca.

Um carro buzinou, interrompendo meus pensamentos. Alguém assobiou. Uma menina gritou:

— Ei, Jade!

Assustada, eu olhei a estrada para ver um Mustang conversível com duas adolescentes morenas que se apoiavam nas janelas. O carro acelerou afastando-se antes que eu pudesse dar uma olhada minuciosa nas garotas. Cer-to. Eu balancei minha cabeça, minha confusão aumentando ainda outro nível. Eu não tinha nenhuma ideia de quem tinha gritado pra mim. Não eram meus amigos, sem dúvida nenhuma.

Antes de chegar a escola, outros três carros buzinaram pra mim. Duas outras meninas e um menino cingiram para fora 'olás' amigáveis. Isso é... estranho. Surreal. Pelo amor de Deus, o que estava errado com todo o mundo hoje?

Finalmente, alguém que eu conhecia passou por mim. Erica. Quando eu vi o Bronco dela, eu experimentei uma onda de alívio. Eu lhe fiz sinal, esperando pegar uma carona com ela e me retirar do Mundo Bizarro, tipo, pra ontem. Ela reduziu a velocidade, aliviando o freio, e baixou a janela dela.

— Graças a Deus que você veio, — eu disse em um suspiro. — Você não vai acreditar...

Ela me mostrou o dedo do meio.

Eu fundamentei uma parada confusa, de pé boquiaberta ao lado do carro dela.

— Erica? — O nome dela ofegou de mim. Eu poderia deixar o dedo pra lá como piada. Eu não pude deixar pra lá a aparência dela



e eu engoli a bÍlis súbita em minha garganta. Eu vi cor-de-rosa? — Por que você está vestida assim?

— Apodreça no inferno, clone gótico, — ela rosnou. Os pneus dela gritaram, borracha queimando, descascando pelo caminho.

Clone gótico? Choque rasgou por mim enquanto eu assisti o carro dela desaparecer na curva. Que. Diabos. Tinha. Acontecido? Ódio tinha vislumbrado nos olhos dela e tinha vazado no tom dela. Clone gótico, eu pensei novamente, enquanto balançava minha cabeça. Ela tinha me chamado de clone gótico e ela estava vestida como uma, uma - eu engoli - uma Barbie.

Eu esfreguei uma mão em cima dos meus olhos. Eu belisquei meu braço. Firme. Eu não parecia estar sonhando agora. Um céu azul e um sol ainda mais brilhante estavam pendurados lá em cima. Grama verde luxuriante e cimento rachado ainda me seguravam na vertical.

Se não fosse o Bronco, eu não a teria reconhecido. Pra onde tinha ido a maquiagem prata de Erica, o cabelo laranja luminoso e os piercings. Ela estava usando um top amarelo ouro desgastado e rosa de bolinhas. O cabelo dela, um marrom arenoso lustroso, tinha sido penteado do rosto dela e tinha sido juntado por um prendedor de cabelo com glitter na forma de uma flor.

Certo. Eu tinha visto e tinha ouvido muitas coisas inexplicáveis dentro de um muito curto tempo, e de repente me sentia um pouco desorientada, como se eu tivesse pisado em algo assustador, alternativo...

*Te colocando dentro de um jogo de realidade virtual, eu lhe ensinarei a apreciar a vida que você tem.* As palavras do Dr. Laroque vaguearam por minha mente e o pressentimento frio esfriou meu sangue.

Meus olhos arregalaram, minha boca caiu aberta. Não, não, não! minha mente gritou. O suor correu pela minha pele. O jogo de realidade virtual tinha sido um pesadelo, uma alucinação. Algo assim. Eu não tinha marcas de agulha. Eu não tinha contusões da restrição. Eu me sentia real, como carne e sangue como sempre.

As negações apressaram-se por mim, altas, obscurecendo as palavras horríveis, horríveis do doutor gratamente. Eu me recusei a

acreditar que eu estava presa em um sistema de computador. Era impossível. Era ridículo.

Não era?

*Bibi, bibi, bibiii.*

— Eu a amo, Jade Leigh, — um menino gritou, enquanto apoiava fora da janela da parte de trás de um sedan. — Você irá para baile de formatura comigo? Por favor!

— Isto não está acontecendo, — eu murmurei em um sussurro.

— Por favor, — ele implorou novamente.

— Isto não está acontecendo, — eu repeti. — Não. Não está acontecendo. — Eu não poupei o menino um relance. Coração trepidando em meu tórax, eu corri o resto do caminho para a escola.

## CAPÍTULO CINCO

*Existe um ditado realmente estúpido: Quando a vida lhe der um limão, faça uma limonada. Bem, eu tenho um ditado melhor : Quando a vida lhe der um limão, enfia esse limão...*

Eu cheguei dez minutos atrasada.

O sinal atrasado já tinha tocado, e eu era a única estudante na área. Eu empurrei as portas duplas, passando pelo detector de metal (e o fiz apitar, como sempre), e tive que voltar para ser escaneada – ou ser perseguida pelo edifício, atacada ao chão, e transportada para a delegacia de polícia mais próxima. Brincar de esconde-esconde com o guarda não estavam na minha lista de afazeres hoje.

Frustrada, cheia com uma sensação de urgência, eu bati meu pé enquanto esperava o grande, corpulento, sempre dando-me-sofrimento segurança “especialista” para pegar o scanner.

— Rápido, — eu disse a ele, adicionando, — Por favor, — como uma reflexão tardia.

Ele sorriu e acenou para mim.

— Sei que você não está carregando uma arma, Jade, não uma coisa doce como você. Vá em frente. Vá para sua aula.

Coisa doce como eu? Não, não, não, eu pensei de modo selvagem e tive que me lembrar de como respirar. Ele *nunca* me dispensou sem brigar comigo.

— Eu não estou dentro de um jogo, — eu murmurei. — Eu não estou dentro de um jogo. Ele apenas está brincando comigo. Tentando me colocar em apuros.

Se ele me ouviu, ele não deu qualquer aviso.

— Vá em frente. — Seu sorriso se alargou. — Saia daqui.

O meu olhar sobre ele permaneceu bloqueado por outra fração (aparentemente interminável) de segundo, à procura de respostas mas não achando nenhuma conclusão. *Eu não estou dentro de um jogo*, eu pensei.

— Ótimo, — eu murmurei. Eu me apressei para os corredores vazios. Ele não me perseguiu. Paredes, cartazes, e bandeiras zumbiram por mim. Eu estava insegura, tão insegura do que eu encontraria.

Arfando – nota para mim: exercitar mais – eu fui até a entrada do escritório.

— Eu estou aqui para minha reunião com Sra. Hamilton, — eu disse para Cher ofegando.

— Eu sinto muito. — Cher enganchou um cacho vermelho atrás da orelha dela. Ela parecia normal, pelo menos. Um vestido vermelho-vivo, enfeitado com lantejoulas drapejou o corpo rechonchudo dela. — Ela está fora esta manhã, boneca.

Boneca? Eu quase gemi.

— Quando ela volta?

— Ela não disse.

— Bom, onde ela foi?

— Ela não disse.

Eu joguei meus braços para cima. Minha mandíbula se apertou e abriu em frustração.

— Eu tenho uma reunião com ela, — eu disse, enquanto pedia para isso ser verdade, que ontem nunca tinha acontecido e hoje seria a verdadeira reunião. — Ela me disse que viesse diretamente ao escritório dela esta manhã. Então, aqui estou eu.

Cher carranqueou.

— Você está certa sobre essa reunião? Eu não tenho você no horário.

— Você... você me viu aqui ontem, então?

Seu queixo se inclinou para o lado enquanto ela me estudava.

— Não. Por quê?

*Respire, Jade. Respire. Se ontem à noite realmente foi um sonho, então são apenas boas notícias que ela lhe deu.*

— Você dirá a Sra. Hamilton que eu preciso falar com ela quando ela voltar? É urgente.

— Claro, boneca.

— Apenas... — Quê? Cace a Sra. Hamilton? Me belisque? Me diga por que todo mundo está agindo tão estranhamente? Me diga que

ontem nunca aconteceu? — Não esqueça de lhe dizer que eu preciso falar com ela. É uma questão de vida ou morte.

Os lábios de Cher se contraíram.

— Eu tenho certeza de que é, — ela disse.

Eu passei uma mão em meu cabelo. Não havia mais nada que eu poderia fazer aqui, nada mais que eu poderia dizer. Mas eu não estava pronta para sair. Eu me agarrei a uma esperança frágil que Sra. Hamilton apareceria de repente e mealaria que estava na hora da nossa reunião.

— Você provavelmente deveria ir para a aula, — Cher indicou.

Para ganhar tempo, eu disse:

— Eu preciso de um uma desculpa por me atrasar. — Quando eu falei, eu encarei as portas de vidro, desejando que Hammy aparecesse.

Cher sorriu indulgentemente.

— Não se preocupe com isso. Eu estou certa que há uma boa razão por você se atrasar e seu professor entenderá. — Ela acenou para mim, exatamente como há pouco o guarda de segurança tinha feito e até mesmo repetiu as palavras dele. — Vá para sua aula. Você sabe que Sra. Collins não gosta de começar sem você.

Desde quando minha professora de história precisava de minha presença para dar aula?

— Mas...

— Vá em frente, — ela disse, um pouco mais dura.

Estômago amarrado, eu andei lentamente para fora. Meu olhar se demorou na porta da frente o máximo possível. Eu não sabia o que eu encontraria dentro da sala de aula para onde eu fui; eu só sabia que estava assustada. Sra. Hamilton tinha dito a todos para me tratarem como uma princesa mimada? Seguramente não. Isso parecia muito elaborado, e eu não conseguia entender como isso me ensinaria alguma lição.

Eu precisava falar com Mercedes. Ela poderia confirmar ou negar a excursão escolar.

Um tremor deslizou pela minha espinha. O conceito de procurar minha pior inimiga para uma conversa era estranho para mim, e tudo dentro de mim se amordaçou. Mas... e se *tivéssemos* sido

enviadas para dentro de um programa de realidade virtual? E se – Deus, eu nem mesmo queria pensar nisso.

— Tudo ficará bem,— eu cantei silenciosamente. — Tudo ficará bem. — Eu alcancei a minha primeira aula muito cedo na frente de cartazes vermelho-e-preto postados na porta, colocando a minha mão sobre a maçaneta. O que eu encontraria lá dentro? Por favor seja normal, por favor seja normal, por favor seja normal.

Com a mão trêmula, eu virei a maçaneta, abri a porta, e fui em frente.

Sra. Collins estava à frente da sala de aula e no momento que ela me espiou, ela parou de fazer a chamada. Silêncio absoluto. Espere, eram grilos ao fundo? O cabelo marrom escuro dela estava puxado em um rabo-de-cavalo apertado, e ela usava uma saia bege no comprimento do tornozelo e uma camisa de abotoar branca. Perfeitamente normal.

Eu suspirei em alívio.

— Aí está você, Jade. — Seu rosto se iluminou em um sorriso feliz. — Estou tão feliz que você apareceu. Entre e vamos começar.

Não é normal. Meu alívio torceu em incerteza.

— Eu não tenho uma desculpa pelo atraso.

A classe inteira se mexeu em seus lugares, de frente para mim. Eu lhes dei uma olhada rápida, encarei a Sra. Collins novamente, e em seguida voltei minha atenção para as crianças. Meus olhos alargaram, tornando-se impossivelmente redondos. Choque bateu em mim, mais intenso naquele momento do que todas as outras vezes combinadas. Minha boca caiu aberta e fechou quando eu fitei em horror. Oh. Meu. Enlouquecido. Deus.

De nenhum modo eu estava vendo o que eu pensei que eu estava vendo. Eu pisquei, então pisquei novamente. Não, nenhuma mudança.

— O que está acontecendo? — Eu consegui ofegar. Eu troquei meu olhar horrorizado para a Sra. Collins, minha mão trêmula passando pelos estudantes.

O sorriso dela lentamente dissipou-se.

— Nada está acontecendo. Por quê?

*Por favor, me diga que estou sonhando.* Meu olhar caiu em cima de todos os presentes estudantes, e eu percebi não podia ser um sonho. O ácido em minha garganta era muito real. A bola de chumbo no meu estômago era muito real. Sim, isto era real e tão terrível que tive dificuldade para respirar o ar.

Eles estavam vestidos como góticos. Quase todos eles. Góticos. Roupas pretas, cabelos luminosos e multicolor, piercings e tatuagens em abundância. Algumas das meninas tinham pintado lágrimas nas faces delas. Algumas usavam batom preto. Um menino, John Hodges, eu acho, tinha embrulhado correntes de prata grossas ao redor do comprimento do pescoço dele.

Quase cada colega, a partir da menina que gostava de me fazer tropeçar na cafetaria para o garoto que transformou uma vez a nota que eu o tinha escrito em um avião de papel, sorriram pra mim como se eu fosse um carro novo brilhante. Pago completamente. Chaves na ignição. Vários deles estavam usando exatamente a roupa que eu tinha usado ontem. Alguns deles estavam jogando cartas de Tarô.

De jeito nenhum Sra. Hamilton poderia ter convencido todas essas pessoas a se vestir como eu como uma piada ou um castigo. Isso significa... Isso significa...

— Olá, Jade, — alguém disse, enquanto rompia o silêncio.

Todos eles falaram de uma vez então, uma mistura de vozes de todos juntos.

— Hey, garota.

— Você recebeu minha mensagem? Quer ir depois para o shopping?

— Estamos combinados ainda para hoje a noite? Meus pais estão trabalhando até tarde...

— Onde você comprou essa calça? Tãooooo animal.

*Animal?* De jeito nenhum Hammy poderia ter convencido todas essas pessoas a serem agradáveis comigo.

Vozes tagarelas tocavam na minha orelha, e eu cobri minha boca com minha mão ainda trêmula. Sra. Hamilton e Dr. Laroque realmente tinha feito isto. Eles – eles – eles tinham me enviado para dentro de um programa de realidade virtual.

Tudo dentro de mim gritava para negar isso, mas realmente, como poderia eu? A prova estava aqui, bem adiante de mim. Sorrindo para mim. Me convidando um dia para sair. Me dizendo que minhas roupas eram animais. Eu não queria acreditar nisso, mas...

Eu realmente estava num jogo de realidade virtual.

Este tipo de coisa acontecia em minhas histórias, não na vida real. Não em *minha* vida. Meu coração saltou uma batida, e meu estômago agitou com náusea. Um jogo. Um estúpido jogo feito para me ensinar uma lição. Eu não queria... eu não podia...

— Jade? — Sra. Collins disse, enquanto andava até mim. Preocupação escureceu a expressão dela. — Você está bem?

Eu dei um passo para trás.

— Eu estou bem, — eu menti, as palavras um pouco mais que um sussurro. O que dizer, o que fazer, eu não sabia. Ficar? Correr? Linnie devia estar em casa, banida. Ela não devia? Eu não sabia mais, não sabia mais *nada*. Ainda assim. Talvez eu poderia ficar com ela durante alguns dias e entender o que fazer sobre... isso. Oh Deus. Eu apertei meu estômago.

— Você está tão pálida. Gostaria que eu te trouxesse um refrigerante? — Como se um refrigerante resolvesse todos os meus problemas. Eu esquadrinhei a sala a procura de algo, qualquer coisa familiar. Eu vi vários estudantes comendo barras de chocolate recheadas e batatas fritas, as pernas deles apoiadas nas cadeiras em frente a eles. Comer não era permitido na sala de aula.

Eu quase chorei de alívio quando eu vi Robb. Ele estava sentado na parte de trás, o cabelo dele penteado e sem um fio fora do lugar, vestido com uma camiseta branca abotoada no pescoço. Uma vez mais, meu alívio torceu em incerteza. Ele estava familiar, e ainda assim *não*. Ele pareceu tão *próprio*, como se ele pertencesse a uma igreja em vez de uma sala de aula.

Eu andei até ele, desesperada por uma âncora no meio de tal loucura. Ele se virou para longe de mim.

— Robb, — eu disse, o som um pouco quebrado.

Ele permaneceu como estava.

Outro passo.



— Robb?

— Deixe-me sozinho, — disse ele, sem emoção e sem sentimento.

Todo mundo na sala de aula assistiu com uma fascinação miserável. Eu gelei no lugar, insegura, confusa, tentando entender. Ele não queria ter nada comigo, da mesma maneira que a Erica não queria quando ela tinha me mostrado o dedo do meio. Então. O programa – Deus, isso soava tão estranho – tinha transformado as Barbies em góticos e os góticos em Barbies. Querido Deus. Isso significa que os góticos anteriores me odeiam?

Isso significa que meus *amigos* me odeiam?

Sim. A verdade me golpeou, doendo como a agulha que Dr. Laroque tinha usado em mim. Naquele momento eu entendi o que o doutor verdadeiramente quis dizer, como ele e Hammy pensaram me castigar. Este era meu pior pesadelo. Aqui, eu não tinha nenhum amigo. Aqui, eu era um clone. Eu era apenas mais uma da multidão, enquanto flutuava num mar de uniformidade que eu tinha lutado durante anos.

Além dos meus amigos – os quais eu não tinha agora – minha individualidade era a única coisa que eu valorizava. A coisa que me dava a maior alegria. E Dr. Laroque e Sra. Hamilton, dois covardes que eles eram, tinham os levado embora. Tudo para me ensinar uma lição.

Como eles ousam? Como eles ousam!

Fúria queimou e ferveu dentro de mim, enquanto obscurecia meu choque. Meus punhos se apertaram; meus músculos se agruparam, me preparando para uma briga. Esses idiotas eram responsáveis por isso. Todo horrível segundo disso.

Sra. Collins enrolou os dedos dela ao redor do meu antebraço e suavemente me conduziu para o fundo da sala. Eu não protestei. Não para ela. Ela não tinha feito nada errado e tinha estado preocupada comigo de um jeito que eu precisava desesperadamente. Além disso, eu estava mais interessada em ficar na escola. Sra. Hamilton retornaria – em breve, eu esperava – e ela e eu poderíamos conversar. E por “conversa” eu quis dizer que

molharia a cabeça dela na privada mais suja e mais sórdida até que ela me enviasse para casa.

— Venha, querida. — Havia um assento vazio à frente da classe, ao lado direito da mesa de Sra. Collins. Foi aonde ela me conduziu. — Se sente, — ela disse — e eu pedirei para chamar a enfermeira. Você está ficando mais pálida a cada segundo.

— Não. Sem enfermeira. — Eu balancei minha cabeça e fiapos de cabelo esbofetaram nas minhas bochechas. Não forte o suficiente, apesar de tudo. Eu não acordava desse pesadelo. Essas pessoas... eles eram reais ou somente animações? Eles pareciam reais. A sensação era real. A pele da Sra. Collins estava quente contra minha. O cheiro dela de um perfume familiar floral cheirou real quando encheu meu nariz.

Deus, eu não sabia.

Se eles eram reais ou não, eu não podia mencionar o que estava acontecendo. Não para uma enfermeira. Nem para ninguém. Não, não, não. Eu podia adivinhar cada possível reação à conversa.

**Eu:** O mundo ao redor de nós não é real. Nós estamos dentro de um jogo. Eu juro.

**Reação #1:** Hahahahahaha. Boa.

**Reação #2:** Alguém chame uma ambulância. Nós temos uma overdose de droga em desenvolvimento.

**Reação #3:** Guarde sua imaginação demasiadamente ativa, jovenzinha. Você pensa que eu sou estúpida?

Sra. Collins hesitou.

— Você tem certeza?

— Muito, — eu disse suavemente, a respiração queimando em minha garganta. Tendo nenhum lugar para ir no momento, eu relaxei na cadeira e derrubei minha bolsa aos meus tornozelos. Eu me sentia doente.

— Tudo bem, então, — Sra. Collins disse. — Se você tem certeza que você está bem...

Eu assenti, a ação quase imperceptível. E uma completa mentira. Eu poderia nunca ficar bem novamente.

— Vou começar a minha leitura. Classe, vocês irão entrar em um real deleite hoje! — Praticamente saltando, ela voltou para a frente

da turma. Ela carranqueou. — Stevie, guarde seu isqueiro. Você também, Hannah. Isto não é um show. Então. Os julgamentos das bruxas de Salém eram na verdade uma batalha entre o bem e mal, só não do jeito que vocês pensam. Eles eram... — Eu a ignorei e me torci em meu lugar, lançando para o Robb um olhar duro, insistente. *Olhe para mim*, eu implorei silenciosamente. *Goste de mim*.

A gótica asiática próxima a ele – eu não sabia o nome dela, só que ela era uma fraude – lançou uma bola de papel estofada que bateu na bochecha de Robb. Ele vacilou. Várias pessoas riram silenciosamente, mas Robb os ignorou. Eu sabia que ele não deixava de se afetar, entretanto. Cor vermelha manchou as bochechas dele.

— Aberração, — a menina murmurou. Ela amassou outro papel e recuou o cotovelo dela, preparando outro lançamento.

— Pare! — Eu gritei. — Deixe ele em paz.

Ela gelou. O olhar cheio de horror dela fechou em mim, e ela derrubou a mão dela sobre a mesa com um baque.

— Eu sinto muito, Jade.

As palavras eram tão estranhas para mim, quase era como ela estivesse falando em um idioma diferente. Quando um estudante tinha se desculpado alguma vez comigo?

— Tem algo errado? — Sra. Collins perguntou. As mãos dela estavam em volta dos quadris quando ela olhava para Robb, como se fosse culpa dele a interrupção.

— Não, — eu disse, não tirando meus olhos dele. Uma pausa, pesada e cheia de tensões. Sra. Collins encolheu os ombros, e retornou para a sua aula.

Robb nunca olhou na minha direção.

*Olhe para mim. Eu preciso de você*, eu pensei.

Nada.

— Hey, por que você está agindo tão não-animal? — Avery Richards, a irmã gêmea de Bobby, sussurrou. — Eu liguei para o seu Sidekick esta manhã, mas você não respondeu. Eu te mandei um e-mail, mas você não respondeu.

Supondo que ela estava falando com a gótica asiática, deixei minha cabeça cair sobre minhas mãos levantadas. Derrota me

inundou. Eu queria sair deste jogo! Eu queria que meus amigos voltassem ao normal, queria que meu pai voltasse ao normal. Eu queria a minha individualidade!

— *Psiu*. Jade. Você está me escutando? — Avery jogou um lápis que bateu no meu ombro. — Jade! Volte para a realidade, preste um pouco de atenção em mim.

Carranqueando, eu levantei minha cabeça. Meu olhar encontrou o dela porque ela estava olhando para mim esperançosa.

— Você está falando comigo? — Perguntei.

— Seu nome é Jade, não é? — As sobrancelhas perfeitas dela arquearam – e ela não parecia simplesmente repugnantemente adorável como uma fada negra gótica? Avery era a amiga secreta de Mercedes e segunda no cargo das Barbies. Ela normalmente usava uma aura de presunção, um vestido de verão, e maquiagem perfeitamente aplicada. Hoje ela contemplava a mim com uma doçura genuína, estava drapeada em teia de aranha preta, e tinha glitter vermelho e preto circulando ao redor dos seus olhos como uma máscara.

— O que tem de errado com você? — ela perguntou. — Por que você defendeu aquela aberração?

— Ele não é uma aberração, — eu gritei.

— Então o que ele é? — Ela não esperou por minha resposta. — Ontem você o odiava, e hoje você o defende? Perdi alguma coisa? Por que você não o convida para o baile de formatura e estraga o seu status social para sempre? — Sugeriu secamente.

Eu me afastei dela. Eu mencionei que eu a odeio tanto quanto eu odeio Mercedes? Enquanto Mercedes sempre me escarnecia, Avery sempre me ignorava como se eu estivesse abaixo dela.

— Jade, — ela sussurrou. — Eu sinto muito, okay. Eu não deveria ter dito isso. Como se você pudesse arruinar sua posição social. — Ela pausou, inclinando a cabeça dela. — Sra. Collins tem razão por sua vez. Você *parece* descrentemente pálida. E não em um modo bom de vampiro-morto, tampouco. Você está como um cadáver.

— Eu me sinto como um, — Eu murmurei.

— Meninas, — Sra. Collins disse com um sorriso apologético. — Eu não ligo se vocês conversarem, mas conversem em voz baixa,

okay? Essa já é a segunda que eu fui interrompida. — Ela olhou para Robb com um olhar estreito.

— Claro, Sra. C., — disse Avery. — Pelo jeito, você está pegando fogo hoje. Quero dizer, sua aula está tãoooooooooo animal.

— Obrigada. — Ela cantou com um sorriso feliz e voltou com a lição. Eu sempre tinha suspeitado que ela tivesse sido uma nerd durante os anos de escola secundária dela. Isso explicaria por que ela ficava tão feliz quando as crianças populares a elogiavam.

Avery se inclinou para mais perto de mim, dizendo em uma feroz mas tranquila voz.

— Você é apenas minha melhor amiga. Diga-me o que está acontecendo com você.

Eu gemi interiormente. A melhor amiga dela? Até parece. Normalmente, na mente dela, eu era como lama endurecida em sua bota de trezentos dólares. A mudança de atitude dela fez sentido, entretanto. Meus reais amigos me odiavam. Então porque meus inimigos não me adorariam?

Essa compreensão só aumentou minha determinação para chegar em casa.

— Você realmente não quer dizer isso, — eu disse, me recusando a entrar no jogo. — Nós não somos amigas. — Nenhum jogo ia decidir de quem eu gostava. Nenhum jogo também iria me fazer esquecer de todas as coisas que Avery tinha me feito durante os anos.

As sobrancelhas dela se enrugaram juntas, e mágoa vislumbrou nos olhos dela.

— Uh, sim, eu disse. E sim, nós somos.

— Avery, confie em mim. — Falei as palavras sem raiva, explicando como se fosse de um professor para um aluno. — Nós nunca fomos e nunca seremos amigas.

— Por que você está dizendo isso? — As bonitas características dela se esmigalharam, a mágoa nos olhos se intensificou. Ela se endireitou na cadeira. — Eu fiz algo errado? Já até lhe pedi desculpas por dizer sobre você namorar a aberração.

— Ele não é uma aberração, — eu grunhi, ignorando suas perguntas. Não havia maneira de responder a ela. O passado que

eu me lembrava obviamente não era o passado que ela se lembrava.

Deus, eu tenho que encontrar uma maneira de sair desse inferno.

Alguém bateu no meu ombro. Com receio do que eu encontraria, eu virei lentamente... e fiquei cara a cara com Bobby Richards. Meu pavor metamorfoseou em outra roda de choque. Ele tinha tingido o cabelo pálido dele e agora estava tão preto que parecia roxo. Delineador preto estava nos cantos dos olhos dele. Ele até mesmo pintou os lábios dele com preto. E ele está bonito.

— Mmm, você está bonita, — ele disse, enquanto imitava meus pensamentos. Ele me olhou com suas pálpebras pesadas. Ele irradiava confiança suprema de um sujeito que sabia que todas as meninas o adoravam. — Você irá sair comigo nesse fim de semana?

Se eu não tinha certeza sobre o jogo antes, agora eu tinha. Bobby Richards estava falando comigo. Ele não me achava uma aberração. Não, ele pediu para sair comigo. Inacreditável. Borboletas flutuavam no meu estômago.

— Bem? — ele incitou esperançosamente. — Nós sairemos?

Eu consegui arfar.

— Este fim de semana?

— Yeah. Eu vou dar uma pequena festa.

— Depois da partida de futebol americano?

— Boa. Você sabe que futebol é para aberrações. — Ele esticou a mão e colocou um fio de cabelo atrás da orelha. — Meus pais vão ficar fora da cidade. Me diz se vai ou eu poderia muito bem cancelar.

*Lhe diga que não. Você se recusa a jogar junto, lembra-se?*

— Não sei, — eu me peguei dizendo ao invés disso.

— Se você vier, eu farei de tudo para você se divertir. — A voz dele submergiu com sugestão e promessa. — Nós teremos uma tábua de Ouija e cartas de tarô e nós poderemos nos beijar a noite toda.

A dança das borboletas ficou frenética.

— Sr. Richards, — Sra. Collins alertou. — Fale baixo, por favor.

— Se Jade concordar em vir na minha festa no sábado, — ele respondeu, — eu me calarei. Eu não direi mais nenhuma palavra

pelo resto da aula. Mas ela tem que concordar.

Todos os olhos se focalizaram em mim. Até mesmo a professora, que tinha um olhar isso-não-é-romântico na cara. Eu respirei e me movi desconfortavelmente na minha cadeira. Bobby se preocupava com minha presença.

— Jade, o que foi que eu fiz para você ficar chateada? — Avery implorou, cortando o silêncio súbito. — Eu não consigo suportar não saber.

— Nada, — eu disse, porque eu preferia me focar nela do que em Bobby. — Nós somos animais, okay, então pare com isso.

— Sério? — Lentamente os lábios dela se ergueram num sorriso aliviado.

— Então, Jade? — Bobby incitou.

A porta de sala de aula abriu com um estouro e bateu contra a parede, enquanto me salvava de uma resposta. Eu saltei. Várias pessoas ofegaram. Mercedes entrou rapidamente na sala, os olhos dela frenéticos, a expressão dela selvagem. A vestimenta dela estava perfeita, como sempre – um vestido de verão branco e sandálias – mas o cabelo dela estava enrolado ao redor dos ombros dela, como se ela tivesse passado as mãos por ele várias vezes.

— Jade Leigh está em aqui?

— Alerta de Aberração, — Bobby murmurou.

— Alguém trouxe uma arma de tranquilizante? — Avery zombou, de volta para o seu eu habitual, só que tinha um novo alvo. — Nós precisamos tirar a rainha Barbie da miséria.

Ventos fortes de risadas estouraram.

— Avery? Por que você não foi me buscar essa manhã? — Mercedes andou até ela. — Eu esperei por você.

— Ui. — Avery estremeceu e virou para longe dela. — Está falando comigo. Alguém faz ela parar.

Mercedes fundamentou uma parada, o olhar horrorizado dela viajando para cima de Avery.

— Por que você está vestida como uma gótica? — A voz dela estava torturada. — Eu te liguei, mandei e-mail e mensagem esta manhã, mas você não respondeu.

— Chega! Quem você pensa que é, para interromper minha aula?  
— Fazendo carranca, Sra. Collins olhou para ela. — Vá para o escritório, mocinha. Agora mesmo. Eu não vou tolerar esse tipo de comportamento.

Eu saltei em meus pés. Robb ficou de pé, também, eu notei, pelo canto do meu olho.

Mercedes me achou. Nossos olhares se prenderam e ela quebrou a distância entre nós.

— Você estava lá, — ela disse, enquanto ignorava Sra. Collins. — Você sabe que isso está errado. Você é a única que sabe.

Eu acenei com a cabeça, enquanto engolia o caroço em minha garganta.

— Você tem que me ajudar. Algo aconteceu ontem. Algo horrível e medonho e terrível.

— Deus, que perdedora. — Avery lançou uma borracha nela. Quando acertou o nariz dela, Avery riu. — Saia daqui. Você está fazendo a sala feder.

— Você tem que me ajudar, — ela repetiu para mim, desesperada. — Eu não sei o que fazer.

— Você não precisa *dela*, — Robb disse, enquanto marchava adiante. Ele esbarrou em mim e apertou a mão de Mercedes. — Venha. Eu a levarei para casa. Eu tive o bastante dos clones góticos, também.

Eu assisti Robb arrastar Mercedes para fora da sala de aula, muito chocada para falar. Robb odiava as Barbies tanto quanto eu, mas agora mesmo ele se parecia como um anjo vingador, protetor e determinado, disposto a suportar punição para salvar sua amiga...? É claro. Se meus amigos me odiavam, eles amavam Mercedes agora. Minhas mãos se apertaram.

Ele uma vez *me* considerou como aquela que precisava de proteção — não que ele já tenha feito uma cena para mim. Quantos choques poderia uma pessoa ter antes de seu coração explodir de tensão?

— ... e ambos podem ir diretamente para o escritório de Sra. Hamilton, — Sra. Collins estava dizendo. — Como vocês se atrevem



a rebentar na minha sala de aula e perturbar a minha lição. Esse tipo de comportamento é inaceitável.

Uma parte de mim gostou de ver a minha pior inimiga se dar mal. A outra parte *realmente* gostou de ver a minha pior inimiga se dar mal. O pior era que eu precisava falar com a inimiga. Como ela disse, nós éramos as duas únicas pessoas que entendiam a injustiça dessa situação. Talvez – Deus – talvez nós possamos ajudar uma a outra.

Eu encontrei minha voz e gritei em uma onda de desespero.

— Sra. Collins, relaxa! Mercedes, espera!

Sra. Collins ofegou, mas parou a declamação dela. Cadeiras rangeram contra o chão com todo mundo virando e me encarando, de olhos arregalados e estúpidos. Até mesmo Robb. Ele pausou, enquanto piscava para mim, inseguro em como reagir ao que ele provavelmente considerou um estranho comportamento da falsa eu.

Falsa eu – yeah, isso servia.

Mercedes se livrou do aperto de Robb e ficou na minha frente.

— Você sabe o que está acontecendo, Jade? Eles te contaram o que fizeram com a gente?

— Sra. Collins, eu vou ter certeza que Mercedes irá para o escritório, — eu disse. Eu não esperei por sua resposta, logo me apressei para frente, apertei o braço de Mercedes, e a levei para fora da sala. Ela seguiu voluntariamente. Robb seguiu, também, fechando a porta na cara atordoada da Sra. Collins.

## CAPÍTULO SEIS

*O que faz seios grandes e vaidade tão atrativos aos meninos? Eu quero dizer, sério. Dois montes de gordura redondos e um sorriso falso. Sim, atributos premiados.*

Eu girei ao redor, encarando meu amigo - se ele gosta de mim ou não, ele ainda era meu amigo - e disse:

— Isto é confidencial, Robb.

Ele fez careta e cruzou os braços dele sobre sua jaqueta de botões.

— Você não quer uma testemunha para os seus crimes, mais provável. Bem, adivinhe? Você ganhou uma. Sades está vindo comigo e...

— Quem é você? — Frenética e exasperada, Mercedes lançou as mãos dela no ar. — Nós sequer já tínhamos nos encontrado?

Cor desvaneceu-se das bochechas de Robb, levando sua força e determinação com ela e deixando muitos danos. Então ele enquadrou os ombros, apertando seus traços.

— Por que você está agindo assim? Você é minha namorada. Nós...

— Que nojento. — Com as feições enojadas, Mercedes se afastou dele e levantou as mãos dela, palmas para fora. — Nós não estamos namorando *mesmo*.

A face abatida dele ficou pálida, e eu pude ver as veias azuis debaixo da pele dele.

— Robb, — eu disse, enquanto me movia até ele. Alcançando a distância até ele.

— Cala boca! — Ele me poupou uma olhada de relance enquanto repelia meu braço. — Sades?

Mercedes contraiu a ponte do nariz dela.

— Você pode simplesmente me deixar em paz? Por favor!

— Sades...

—Não me chame disso. Eu odeio essa porra de nome.

Robb deu três passos para trás, encarando a menina com quem que ele pensou erradamente que ele compartilhara algum tipo de passado. Olhando para a expressão desanimada dele, sentindo a dor que ele irradiava, era difícil de se convencer que ele era só uma animação do menino que eu conhecia e amava. Talvez estas pessoas *sejam* totalmente e completamente reais. Talvez eles simplesmente tivessem ganhado recordações novas.

Simplesmente? Sim, certo. Nada era simples aqui.

— Robb, — eu disse, alcançando a distância uma vez mais até ele.

Sem outra palavra, ele girou ao redor e correu pelo corredor.

— Robb, — eu chamei e comecei a correr atrás dele.

Mercedes trancou meu braço com um aperto firme.

— Isto é um pesadelo, Jade. Todo o mundo é gótico. — Ela cuspiu a última palavra como se fosse veneno. — Você os viu?

— Eu não sou cega, — eu retruquei, dando uma volta nela. Eu sacudi o aperto dela. Ela não era a única em sofrimento. — Você deveria ter sido mais legal com o Robb.

— Eles me odeiam, — ela disse, ignorando minhas palavras. — Eu! Alguém de verdade jogou chiclete em meu cabelo. E esta manhã minha mãe perguntou por que eu me recusava a tingir meu cabelo de preto. Ela até mesmo dispôs um vestido preto horroroso para eu usar. — A face dela enrugou em desgosto, e ela começou a marchar. — Eu recusei assim ela me castigou. Ela na verdade tomou meu carro.

Meus olhos estreitaram a frestas minúsculas.

— Você não precisava tratar Robb daquele jeito. Ele estava tentando te ajudar.

— Você pode esquecer ele durante um minuto e me escutar? — De um lado para outro, de um lado para outro ela bateu o pé. — Este lugar é totalmente insano. Você notou que nada é certo? Nada é normal?

— Não, — eu disse secamente. — Eu não notei. Eu não comi minha tigela de cereal Menina Inteligente esta manhã.

— Você não tem que ser sarcástica. — Ela me lançou uma olhada irritada. — Até onde eu sei você estava com lavagem cerebral como

todos os outros.

Certo. Ela tinha razão.

— Que diabos estão acontecendo? — Ela perguntou emaranhamento uma mão em seus cabelos.

— Lembra-se do Dr. Laroque e da Sra. Hamilton? Lembra-se de nossa pequena excursão escolar? Eles disseram que estavam nos enviando para um jogo de realidade virtual.

— Eu sei estúpida! Eu estava lá. Mas isto não parece um jogo. Isto parece real.

— Eu sei, — eu disse suavemente, medo tingindo o fundo da minha voz.

— Como nós saímos disto? Eu não posso ficar dentro Da... — ela expandiu seus braços amplamente, abrangendo toda a escola — Terra Gótica. Não que você queira partir, — ela somou furiosamente.

— Meus melhores amigos me odeiam, e eu sou a porcaria de um clone. Eu não posso sair rápido o bastante deste inferno.

— Oh, claro. Eu acredito nisso. Você viu isto? — Ela rasgou um cartaz da parede e empurrou-o a mim. — Isto tem que ser uma pequena fatia de céu para você.

Eu olhei de relance para ele e meus joelhos quase entortaram. VOTE EM JADE, li. PRESIDENTE DE CLASSE. Minha própria face sorriu para mim. Mesmos olhos verdes. Mesmas bochechas ligeiramente redondas. Mesmos lábios muito-cheios.

— Você tem que estar brincando comigo. Diga-me que você está brincando. Diga-me que você imprimiu isto você mesma.

— Você pensa que eu brincaria sobre eleições de classe? Isso deveria ser o meu trabalho. Olhando para mim, ela apontou ao próprio tórax. — Meu.

— Você pode ficar com ele, — eu disse sombriamente, estofando o papel. — Eu não quero nada a ver com isto.

— Por favor. Como se eu realmente acreditasse ni... nisso... — A voz dela dissipou-se.

Um menino – Clarik, eu percebi um momento depois - tinha virado a esquina e estava passeando em nossa direção, mãos empurradas nos bolsos. Eu o assisti incapaz de olhar para longe. Ele

estava vestido em calças jeans pretas folgadas e uma camiseta branca que ficava apertada contra o bíceps.

Ele não tinha colorido o cabelo dele, eu notei. As ondas marrons caíam na testa dele e por cima das orelhas. Ele era meio-gótico, meio-mauricinho, e isso era bom nele.

Meu pulso tropeçou fora de hora. Parecia que tinha passado semanas desde que eu o vi, mas tinha sido apenas um dia. Então me lembrei, *Você não gosta dele, lembra?* Ele beijou Mercedes.

Ele avistou-me e sorriu lentamente com o seu misterioso sorriso.

— Ei, Jade. — As pálpebras dele abaixaram com o olhar dele varrendo sobre mim. — Está bonita.

— Ei, Clarik, — eu disse, então encolhi. Eu tinha parecido como uma Barbie ofegante em modo paquera por completo. — Você está matando aula?

— Nah. Eu estava perdido, — disse ele com uma pequena quantidade de autodesprezo, — mas eu estou no caminho certo agora.

— Olá, Clarik, — disse Mercedes com um aceno. Ela deu-lhe um sorriso forçado.

Ele fingiu que ela não existia, em lugar disso me disse:

— Você vai na festa do Bobby Richard neste fim de semana?

*Você não gosta dele.*

— Eu não sei. E você?

— Talvez. — Ele manteve o sorriso dele, mas ele chegou mais perto, e mais eu notei um vislumbre nos olhos azuis dele. Determinado. Proposital. O que isso significa? — Talvez eu a veja lá.

— Talvez, — eu respondi. Minha cabeça seguiu todos os seus movimentos como se nós estivéssemos conectados por uma corda invisível. Talvez fosse ruim da minha parte pensar isto - meninos se encrencam por esta linha de pensamento todo o tempo - mas ele parece bom tanto por trás quanto de frente.

— Clarik, — Mercedes chamou, uma pontada de dor desesperada na palavra.

Ele continuou caminhando direito.

— Clarik!

Ainda nada. Ele desapareceu pelo próximo corredor.

Ela gritou em frustração e chicoteou para estar em frente de mim.

— Você vê? Você vê o que eu tive que aguentar toda a manhã? Eu sou a menina mais popular neste buraco de merda, que droga. Pessoas imploram minha atenção.

— Você *era* a menina mais popular neste buraco de merda, — Eu murmurei, sentindo o primeiro agito de satisfação desde que eu tinha percebido o que tinha acontecido a nós. Pela primeira vez, eu não era a aberração.

Ela ofegou. Ela até mesmo deu um passo ameaçador para mim.

— Ora, você sua pequena cadela podre.

Eu fechei o resto da distância até que nós estávamos com os narizes grudados. Se ela quisesse miar, nós miaríamos.

— Eu meramente declarei um fato, Sades. O supere.

— Depois do modo que você o comeu há pouco com seus olhos, você não pode esperar que eu acredite que você quer deixar este lugar,— ela rosnou. — Admita. Você quer ficar.

— Eu quero partir o mais cedo possível, e *essa* é a verdade.

Os olhos dela procuraram os meus, vislumbrando com pânico pouco suprimido. Eu nunca tinha o visto tão perturbada. Eu entendi o pânico dela, entretanto. Eu me sentia do mesmo jeito. Insegura, confusa, perplexa, brava. Mas eu não ia a deixar descontar em mim.

— Como eu posso acreditar em você? Você é tudo aqui, e eu não sou nada, — ela disse.

— Eu lhe falei que eu quero partir, então você vai ter que confiar em mim. Em vez de lutar, nós precisamos entender um jeito de sair fora disto.

Ela interrompeu só um momento antes de recuar para longe de mim. Ela empurrou outra mão pelo cabelo dela.

— Como? Sra. Hamilton está desaparecida e ninguém no escritório me falará onde ela está.

— Bem, ela tem que retornar algum dia. É o trabalho dela. No momento que ela chegar aqui, nós lhe diremos que nos mande de volta.

Mercedes riu, o som destituído de humor e estendido em camadas de amargura.

— E se ela não nos mandar?

— Vamos... eu não sei. Eu suponho que nós voltamos para o laboratório e achamos o doutor idiota.

— Eu estou de castigo, se lembra? — Ela esbofeteou a fila de trancas que pendiam dos armários. — Minha mãe tomou meu carro e me espera em casa logo depois de escola.

— Desde quando você faz aquilo que a tua mãe te diz? — Suspirando, eu me apoiei contra a parede, o cartaz rasgado estalando entre meus dedos.

Ela me olhou cautelosamente.

— O que você está dizendo?

— Se a Sra. Hamilton não aparecer hoje, você vai fugir esta noite e vir me buscar. Nós acharemos o laboratório, e então nós descobriremos um jeito de cair fora disto. Até então, só sorria e finja que tudo é animal.

— Você não quer dizer 'legal'? Finja que tudo está legal? — Ela balançou a cabeça. — Tanto faz. Claro, eu vou sorrir.

— É. Sorria.

Ficar pela escola e esperar pela Sra. Hamilton - meu sorriso nunca vacilando - provou ser mais difícil que qualquer outra coisa que eu já tinha feito. Mas eu fiz isto. Na maior parte. Fingi que era um agradável dia normal, fingi que eu não estava desejando que todos que me abordaram fossem apodrecer no inferno, e sorri. E esperei. E sorri um pouco mais.

E esperei a porcaria de um pouco mais.

Pelo almoço, o meu sorriso era frágil e minha felicidade fingida estava à beira da aniquilação total. Permitam -me explicar por que.

Número de vezes em que me pediram conselhos para roupa: **9**

Amigos que me odiavam: **2**

Número de vezes que os amigos me mostraram o dedo do meio:

**10**

Número de vezes que fui expulsa do escritório: **14**

Homicídios fracamente evitados: **671**

Sorria, eu me lembrei quando eu tomei meu lugar na fila de almoço. Um garoto skatista passou por mim. Eu queria gritar, “Isso não é permitido”.

Ontem, a escola inteira desprezava o meu cabelo, minhas roupas. Ontem me chamaram de nomes ruins e riram de mim. *Ontem* eles teriam se matado se eles tivessem sido pegos falando comigo. Hoje eles me amavam. Todo mundo sabia o meu nome, e todos queriam um pedaço de mim.

Todo o mundo menos as únicas duas pessoas mais importantes, isso é. A Erica e Robb.

Durante minha aula de escrita criativa - a qual, surpreendentemente, tinha estado explodindo de estudantes - eu cheguei em Robb uma vez mais. Ele agiu uma vez mais como se ele não me ouvisse ou visse. Eu queria sacudi-lo, mas tinha estado muito perto de chorar. Eu estava acostumada à rejeição, mas não desse jeito. Não por alguém que devia me entender.

A fila do almoço avançou lentamente adiante. *Sorria, Jade.*

Deus, meu rosto dói. Tanto que eu queria sair, só empacotar tudo e ir para algum lugar, para qualquer lugar. Eu não podia, no entanto. Onde diabos estava a Sra. Hamilton? Se escondendo, mais provável. Amedrontada de nós a ferirmos? Definitivamente.

Eu não sei mais quantos dias como estes eu poderei aguentar. Por favor deixe que ela retorne hoje, eu rezei, cada vez mais perto dos talheres. Eu não tinha fome e não pensei que eu poderia comer, mas eu estava desesperada para algum tipo de normalidade, algo que me fundamente em minha outra realidade. Eu sempre pego uma bandeja desta fila; hoje não seria diferente. Eu odiava essa sensação de queda-livre em um sinuoso, escuro, desconhecido túnel, contorcendo e girando.

A garota vestida como uma Gótica Asiática me passou.

— A escuridão domina! — ela gritou, então parou e retornou. Ela tinha cabelo preto escuro alisado para trás num coque e preso por pauzinhos. Ela tinha pintado o rosto de branco e estava vestindo um quimono brilhante. — Você está comendo um hambúrguer, Jade?

Eu gemi por dentro. *Sorria. Este é um dia agradável, normal.*



— Sim. Eu estou.

— Animal. — A boca dela esticou em um sorriso largo, revelando o aparelho prata. — Eu também. — Ela andou pesadamente para o fim da fila, chamando: — Vocês ouviram isso? Estou comendo a mesma coisa que Jade Leigh!

Sua excitação me assustou. Ela queria ser eu, pegar minha identidade - Senhorita Popular - como dela própria. Todos eles queriam.

— Por que esta fila não se apressa? — Eu murmurei.

O gótico punk em frente a mim girou em seus calcanhares. Ele fedia a água-de-colônia azeda, e eu enruguei meu nariz.

— Você pode ir na minha frente, — ele disse. Seus olhos eram grandes e marrons, e parecia como se lhe tivessem dado um calendário de líderes de torcidas nuas.

— Não tem problema. — Sorrindo. *Eu estou sorrindo. Dia agradável, normal.* Eu balancei minha cabeça. — Eu estou bem onde estou.

— Não, sério. Tudo bem. É melhor que bem. Por favor.

— Eu estou bem, — eu repeti. Por que eles não me deixam em paz? Só me deem um minuto ou dois de paz? Uma vez, eu *tinha* querido saber como seria ser popular, ser amada e incluída. Como eu poderia saber que me faria sentir como se eu estivesse sendo puxada em um milhão de direções diferentes? Como se eu fosse uma fraude? Como se eu fosse alguém que não eu? — Realmente. Estou bem.

— Você pode ir na minha frente, também, — disse uma garota.

— Na minha, também.

— E na minha.

A fila abriu de repente. Eu contemplei à frente, e durante um segundo surpreendente (ou dois) eu parei de me sentir estressada e realmente experimentei um pouco de prazer. Porque estas crianças gostavam de mim, eu não teria que estar na fila e na espera. Eu poderia pegar minha comida e finalmente me sentar e relaxar.

Porém, cedo demais, eu recordei como estas mesmas crianças gostavam de empurrar eu e meus amigos pra fora da lanchonete,

roubar nossas bandejas, e nos fazer tropeçar. Meus olhos estreitaram neles.

— Jade Leigh não deveria estar na parte de trás da fila, — o gótico punk disse.

Esta generosidade viria com um preço, eu sabia. Estas pessoas - que somente gostam de mim por que eu era (supostamente) popular - esperariam agora que eu os tratasse como um amigo, acenar para eles nos corredores e falar com eles entre as aulas. De maneira nenhuma. Isso trairia totalmente meus verdadeiros amigos.

*Vocês me odeiam, e eu odeio vocês*, eu queria gritar. Mas eu fui para frente com minha cabeça erguida. Ninguém tentou empurrar ou me chutar. Como isso costumava me incomodar. Como eu tinha odiado isso. Agora eu quase desejava que eles fizessem isso; então eu não iria sentir conflito de qualquer forma. Não iria querer sorrir e agradecer-lhes por tal um gesto simpático. Eu apenas ia odiá-los como eu normalmente fazia.

O cheiro de carne cozinhada e gordurosa demais bateu em mim. Meu estômago agitou, mas eu coletei minha bandeja e me dirigi em direção às mesas. Meu olhar deslizou até a minha mesa habitual atrás. Robb e Erica estavam lá, sozinhos. Eles parecem como estudantes de preparatório. Eu não conseguia suportar esse fato. Felizmente, a Mercedes estava fora de visão. Eu a teria batido se ela tivesse estado com eles, fingindo ser amiga deles.

Eu endireitei minhas costas (sorrindo novamente) e andei até eles. Quando eu alcancei a mesa, eu coloquei minha bandeja suavemente ao lado de Erica. Assustada, ela olhou para cima. Os olhos dela estreitaram, e ela cutucou Robb.

— Olha quem decidiu visitar os cortiços, — disse ela.

Robb olhou de relance para mim, carrancudo, e deu um pulo para ficar de pé.

— Por que você não volta para seus amigos, assim você pode nos amaldiçoar com sua magia negra ou seja lá o que você faz. Só fique longe de nós.

— Quero sentar com vocês, isso é tudo.

— Deixe-nos em paz, — disse Erica.

— Vocês gostam de mim, — Eu me peguei dizendo com pressa, esperando os fazer entender. — Mas eu fui forçada a entrar em um jogo de realidade virtual e ele mudou tudo ao redor. — Eu tinha decidido não dizer a ninguém, mas eu queria tanto que eles soubesse e gostassem de mim novamente que as palavras despejaram.

— Meu Deus. — Erica olhou com raiva para mim. — Você realmente acha que nós somos suficientemente estúpidos para cair nessa? — Ela me mostrou o dedo do meio e levantou.

Juntos, ela e Robb saíram da lanchonete sem uma única olhada em minha direção.

Dor passou por mim quando eu comecei a ir atrás deles. Eu suponho que uma parte de mim tinha esperado que eles se lembrassem (ou percebessem) da verdade até agora. Pelo menos, considerar minhas palavras. Meus ombros caíram, e eu perdi meu sorriso. Eu não pude forçar eles a ficar um mais um momento, e eu não pude forçar eles a voltar. Eu não fiz nada de errado, eu quis gritar para eles. Como vocês podem me tratar assim? Eu quis gritar.

Como eles podiam me abandonar quando eu mais precisava deles?

— Ei, Jade, — alguém disse ao meu lado. Eu não virei e olhei. — Você está participando da angariação de fundos para Clube de Feitiçaria? Nós estamos vendendo colares de caixão este ano. Eles realmente são animais. Eu lhe comprarei um se você quiser.

— Não, obrigada, — eu disse, distraída.

— Jade! — Uma das Barbie clones - não, agora góticos. Os clones góticos - ou seja Falsos Góticos - acenaram pra mim de sua mesa.

— Aqui, Jade, — Avery chamou.

Eles eram o tipo das pessoas que outros invejavam. Eles tinham tudo: beleza, inteligência e talento. Ainda assim eles demoliam outros, em lugar de os construir. E eles esperaram que eu fosse um deles.

Balançando minha cabeça, eu levantei minha bandeja e olhei para longe. Eu não poderia estar na companhia deles por mais um momento sem matar alguém. Eles tinham me caçado todo o dia e tinham me seguido até mesmo no banheiro: “Você gosta de meu

cabelo?... Minhas unhas são pretas o bastante?... Eu deveria perfurar minha sobancelha?... Olhe para aquela aberração.”

Tendo dificuldade para respirar, eu continuei minha procura. Meu olhar foi pego em outro grupo das pessoas, os esportistas. Bem, eles não eram mais esportistas. Diziam pelos corredores que esportes estavam “fora” e escuridão “dentro”. Eu endureci. Eles, também, acenaram pra mim da mesa deles.

— Sente perto de mim, — Bobby disse. Ele bateu levemente no assento vazio ao lado dele. — Eu lhe guardei um lugar.

Respirar ficou ainda mais difícil. Novamente, eu balancei minha cabeça e olhei pra longe. Eu não sabia o que eu diria a ele. Ele me deixava nervosa. O grupo nerd propôs que eu me unisse a eles. Eles ainda não eram populares, mas eles estavam mais altos na escada social que as Barbies.

Ao meu redor eu ouvia, “Aqui”, e “Senta perto de mim”. As vozes misturaram-se juntas e se tornaram um constante toque de campainha confuso. Tempo reduziu a velocidade a um arrastamento de tortura. Eu não tinha verdadeiros amigos. Ficarei presa aqui indefinidamente. Ondas de vertigem varreram por mim, e sopros rasos de oxigênio queimaram em meus pulmões.

— Nós guardamos um lugar para você sentar, Jade.

— De onde você tirou essa camisa, Jade? É tão animal.

— Posso arranjar algo para você, Jade?

Enquanto ele me chamavam, minha frustração, minha fúria, e cada grito meu suprimido me inundaram, me apressaram. Me afogaram. Não era possível ... respirar ... de jeito algum agora. Isto era demais. Havia havido muitas mudanças dentro de um muito curto tempo. Meu mundo tinha sido esvaziado de cabeça para baixo, tinha sido picado e tinha sido colado de volta com os pedaços errados.

Eu precisava ficar sozinha. Eu precisava pensar. Mas toda mesa estava ocupada, até mesmo a que eu estava de pé em frente, uma que Erica e Robb tinham desocupado só segundos antes. Eu me sentia empalidecendo, o suor adornando minha testa.

Alguém deu um encontrão em mim, e eu tropecei pra frente. Peras fatiadas sibilaram em cima da beira de minha bandeja.

— Preste atenção... — eu ouvi de longe. — Oh, olá Jade. Eu sinto muito. Eu deveria ter olhado aonde eu ia. Sapatos animais. Onde você os conseguiu?

Eu tinha que sair daqui; eu não podia levar mais aguentar isso. Não podia aguentar mais nenhuma perguntas sobre minhas roupas ou meus produtos de cabelo favoritos. Não podia aguentar mais nenhum sorriso falso - meu próprio ou deles - não podia aguentar quaisquer mais falsos pedaços de elogio.

Eu não era quem estas pessoas pensavam que eu era. Eles realmente não gostavam de mim, eu meditei novamente, elas só pensavam que gostavam. Era tudo tão falso, ninguém e nada verdadeiro a si mesmo.

— Jade? — alguém perguntou, voz cheia de falsa preocupação.

— O, Jade!

Eu esvaziei minha bandeja e corri. Só corri.

## CAPÍTULO SETE

*Como é que o medo se torna tão poderoso? Nós não podemos vê-lo. Nós não podemos tocá-lo, no entanto coloca as suas garras em nós e começa a nos controlar. Suspiro. Odeio sentir medo, e eu odeio, odeio, ODEIO me sentir fora de controle.*

Consegui ir para o estacionamento antes de parar lentamente. Eu não tinha a minha mochila e não tinha nenhum dinheiro. Além do mais, eu não tinha um meio de transporte.

Eu estava presa.

Um ar quente e úmido bateu ao redor de mim, sufocante, confirmando o ponto que eu verdadeiramente estava em inferno. Debruçando e colocando minhas mãos por cima de meus joelhos, eu suguei respiração após respiração de ar necessário.

Eu poderia caminhar até a minha casa, mas eu não queria lidar com o apreço novo do meu pai para uma menina que realmente não era eu. Por que ele não podia trabalhar uma semana regular como os outros pais, de segunda-feira a sexta-feira?

Eu não podia ir na casa da Linnie. Ela provavelmente me odiava como Robb e Erica.

— Hey, Jade.

Não! Eu mantive minha cabeça baixa, olhando um pedregulho a meus pés. O sol refletiu nele, me fazendo piscar. Se mais uma pessoa perguntasse que tipo de produto de cabelo eu usava, eu ia dar aos estudantes da Escola do Inferno outra demonstração de National Geographic.

— Vá embora, — eu resmunguei.

Uma pausa. Então...

— Perfeito. Como quiser.

Meus olhos se arredondaram, e eu dei uma olhada pro lado. Eu reconheci a bunda revestida por calça jeans de Clarik quando ele caminhou para longe de mim. Reconheci a voz funda que estava ecoando em minhas orelhas. Ele tinha me seguido até aqui fora?

Ele tinha aparecido tão seguramente como se tivesse sido lançado um feitiço por ele.

Por mais que eu desejasse um tempo de solidão, eu me vi gritando.

— Clarik!

Ele pausou. Eu me endireitei. Lentamente ele se virou no solado das botas dele. Uma de suas sobrancelhas escuras arqueadas sob a queda de cabelos escuros em sua testa. Havia um flash de culpa na expressão dele, como se ele sentisse muito por me interromper.

— Sim? — ele disse.

— O que... o que você está fazendo aqui? — Perguntei estupidamente. Eu não sabia o que dizer. Minha mente havia ficado completamente em branco.

— Você parecia aborrecida. Eu pensei que eu pudesse, eu não sei, ajudar ou qualquer coisa. Obviamente, eu estava errado. — Ele se virou para caminhar novamente.

— Espera. — Ficar sozinha não parecia tão maravilhoso de repente. Eu só me preocuparia um pouco mais. Provavelmente choraria. Definitivamente pensaria em muitas formas de torturar Sra. Hamilton. — Por favor, espere.

Surpreendentemente, ele o fez. Ele ficou em frente a mim, centímetro por centímetro agonizante.

— Me desculpe, — eu disse, e eu queria dizer isso. — Você estava sendo simpático, e eu fui rude. É só que, bem, este foi realmente um não-animal... — Espere. Eu não quero soar como todo mundo. — Este foi um dia realmente de baixa qualidade. — Atenuação do ano.

Ele deslocou-se em seus pés e estudou o meu rosto. Eu tinha-o deixado furioso – ou talvez eu machucasse seus sentimentos – quando eu lhe disse para ir embora, mas o que quer que ele tenha visto no meu rosto (desespero, frustração, desejos homicidas) o amoleceu.

— Você quer dar o fora daqui? — Ele perguntou.

Eu pisquei.

— Fora daqui, como em, deixar o campus?

— Yeah.

*Você precisa esperar por Sra. Hamilton... Você precisa falar com Robb e Erica... Ele beijou Mercedes ontem...* Enquanto o meu cérebro listava todos os motivos porque eu deveria ficar, a minha boca disse:

— Gostaria de sair com você. Sim. Obrigado.

— Vamos lá. — Ele virou, um silencioso comando para seguir ou ser deixada para trás, e caminhou para o seu carro, um velho Dodge Dart enferrujado.

Eu dei um passo ao lado dele. Ele foi à primeira coisa boa que aconteceu a mim nesse dia, e eu não estava pronta para renunciar a isso. Então atire em mim. (Por favor. Alguém. Qualquer um.) Percebi, surpreendentemente, que eu não se sentia sufocada com ele. Ou falsa. Ou estressada. Neste momento, eu era simplesmente a ordinária Jade Leigh – uma menina que queria passar mais tempo com um rapaz. Como uma amiga. Apenas uma amiga.

— Aonde nós vamos? — Eu perguntei.

— Almoçar. — Os lábios dele se enrolaram em um meio sorriso.

— Alguém uma vez me disse que a comida daqui é uma merda.

Ele se lembrou. Eu quase sorri.

— Como você conseguiu permissão?

O sorriso dele aumentou.

— Eu não consegui.

— Você, uh, sabe que isso é um campus fechado, certo?

— E daí? — Ele abriu a porta do passageiro para mim (tão doce!), e eu deslizei para dentro. Espuma saindo por uma grande quantidade de rachas, arranhando minha pele. Não me importei. Arranhões eram o menor das minhas preocupações.

— Como você pretende sair sem uma permissão? — Eu perguntei quando ele relaxou no assento dele.

— Você verá.

Relaxando, eu coloquei o cinto de segurança e me acomodei na almofada encaroçada. Clarik cheirava bem, como sabonete e uma pitada de óleo de motor. Eu podia sentir o calor da pele dele, podia até mesmo ouvir o som das inalações suaves dele.

Eu nunca estivera tão atenta a um menino antes.



Parte do jogo, talvez? Nesse caso, o doutor calculou mal a severidade de meu castigo porque eu na verdade gostava disso.

Quando Clarik ligou a ignição, metal pesado explodiu nos autofalantes, me assustando. Eu saltei e apertei meu coração. O sorriso dele ficou embaraçado, e ele abaixou o volume.

— Desculpe.

Ele aliviou a marcha do carro.

— Você gosta de mexicana?

Neste ponto, eu teria até concordado em comer chocolate coberto de formigas só para me afastar da escola.

— Adoro.

— Bom.

Um guarda de segurança se situava no final do estacionamento de veículos, aguardando na única saída. Ele usava o seu uniforme azul com orgulho. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, a sua expressão sensata. Mordi meu lábio inferior. Uma vez eu tentei deixar o campus sem permissão – e passei um mês inteiro em detenção.

Clarik parou na barreira. Quando ele abaixou sua janela, o guarda fazendo carranca aproximou -se silenciosamente do lado do carro. O bigode escuro dele o fez parecer ainda mais ameaçador.

— Onde você pensa que vai, garoto?

Clarik encolheu os ombros, aparentemente desinteressado.

— Sair.

Havia uma pausa carregada de tensão. Eu deveria dizer algo? Talvez eu pudesse persuadir o guarda a nos deixar sair. Eu quero dizer, eu era agora a queridinha da escola. Por que não usar o poder para algo bom?

— Você planeja voltar? — foi à resposta rosnada.

Espere. O quê? Eu pisquei para o guarda uma vez, duas vezes.

— Eu estarei de volta para o próximo período, — Clarik disse, ainda casual. — Prometo.

O guarda suspirou pesadamente, perdendo qualquer sinal de distúrbio dele. Agora ele pareceu meramente cauteloso.

— Eu posso ser despedido por isso, você sabe. Deus Todo Poderoso, você vai ser a minha morte. É apenas seu segundo dia

aqui.

— A comida da cafeteria cheira mal.

Outra pausa, um rolar de olho.

— Ótimo. Vá em frente, então, mas é melhor não se atrasar para a próxima aula. E é melhor ter cuidado com a garota. Eu quero que ela retorne no mesmo estado em que você saiu com ela ou é a minha bunda que eles vão esfolar.

— Sem problema.

Logo que a barreira foi levantada, Clarik acelerou para a rua.

— O-kay, — Eu disse, voltando-me para olhar o guarda através da janela traseira. — Você tem algum tipo de superpoder sobre o qual eu não sei?

— Ele é meu tio, — Clarik explicou com um riso. — Eu vivo com ele agora.

— Oh. — Eu me desloquei para ele. — Deve ser bom, ter alguém de dentro.

Ele bufou.

— Você faz a escola soar como uma prisão. Mas sim. Acho que é bom.

O ar condicionado infiltrou, fresco e bem-vindo, e me senti afundando no assento desconfortável. Apoiando minha cabeça contra a janela, eu contemplei a janela empoeirada e absorvi as árvores verdes altas, os pássaros pretos que voavam acima. Oh, eu pudesse voar para longe dessa realidade.

— Então o que é isso que eu ouvi sobre você estar agindo estranho? — Sua voz atravessou o silêncio, cortando em meu indulto. — Todos estão falando de você.

— Você não acreditaria se eu lhe contasse, — eu murmurei.

— Tente.

Eu tinha decidido não contar a ninguém, e não vou novamente. Não depois do incidente com Robb e Erica. Clarik iria rir. Ele pode até mesmo me acusar de ser uma insana. Nem mesmo eu havia acreditado que tinha acontecido isso comigo e eu estava vivendo — vivia — isso. Mais que isso, eu não queria pensar no jogo agora. Esta era a minha fuga da realidade falsa e eu não ia estragá-la.

— Então você é de onde? — Eu perguntei, mudando o assunto. — E por que você se mudou para cá?

Ele controlou a mudança sem comentário.

— Eu sou de Tulsa, mas minha mãe... — as palavras dele se esmagaram em um intranquilo silêncio, e a expressão dele se apertou. Um momento se passou. Então ele encolheu os ombros, a ação dura. — Ela... nós simplesmente decidimos que seria melhor se eu me mudasse para cá e ficasse com meu tio.

O modo que ele se corrigiu, enquanto mudava de “ela” para “nós” disse muito, e eu senti um dor cruciante de simpatia por ele. Aposto que ele e sua mãe não tinham concordado que era a melhor coisa para ele. Aposto que ela tinha pensado que era a melhor coisa para ele.

Eu não poderia imaginar meu pai não me querendo com ele e realmente me expulsando de fato. Entendi que não queria falar sobre isso, entretanto, e não o pressionei mais.

— Você trabalha depois da escola?

Os ombros dele se ergueram dentro de um a encolhida de ombros.

— Nos fins de semana, eu restauro carros, motocicletas, esse tipo de coisa. Dias de semana, eu trabalho em computadores. E você?

— Nope, não trabalho. Meu pai quer que eu desfrute de ser uma criança antes de eu entrar no grande mundo ruim de emprego. Depois que eu me formar, eu tenho certeza que não vou ser capaz de conseguir um rápido o suficiente para satisfazê-lo. Quero escrever, então talvez eu vá tentar conseguir um em um jornal de faculdade ou algo assim. — Eu me desloquei no meu assento, tentando obter uma melhor visão dele. — Você pratica esportes? Da primeira vez que eu vi você, eu tive certeza que você adorava jogar bola.

— Eu jogava futebol americano. Eu poderia entrar para Haloway, ou talvez não. Eu ainda não me decidi – e não porque não é um esporte muito popular ou qualquer coisa assim. Eu apenas, bem...— Ele hesitou, tossiu. — Eu meio que fui expulso do meu antigo time por jogar pesado.

O fato que jogo esportivos ainda não eram populares me deu um solavanco.

— Eu pensei que você *tinha* que jogar pesado. É por isso que todo mundo usa almofadas.

Ele me fitou divertido, com um sorriso você-é-tão-fofa.

— Eu nunca disse que o jogo pesado estava no campo.

Eu não pude evitar sorrir em troca.

Ele olhou de mim para a estrada, da estrada para mim, então para a estrada novamente. Até que ele se acalmou, carranqueando, todas as sugestões da diversão dele sumiram.

— Você e Bobby Richards estão, tipo, namorando?

Eu bufei com auto escárnio.

— Dificilmente. Ele e Mercedes tem... — Espere. O mais provável aqui, nessa realidade bagunçada, eles não têm.

— Eu seriamente duvido que alguém como Bobby saia com alguém como Mer... cedes, — ele terminou sem convicção. Ele pressionou os lábios juntos, como se ele percebesse que tinha dito algo errado, e queria voltar atrás com suas palavras.

Meu corpo inteiro endureceu. Ontem eu tinha sido o “alguém como Mercedes”. Eu tinha sido a pária, a menina que todo mundo odiava. Clarik tinha pensado isso sobre mim ontem? Que eu não era boa o bastante para Bobby? Não era boa o bastante para ele?

— Você é um daqueles caras obcecado por popularidade? — Eu exigi. — Se a menina não andar com certo grupinho, você não quer sair com ela?

— Deus, não, — ele disse, enojado.

— Deus, não, você não é obcecado com popularidade, ou Deus, não, você não sairia com uma menina impopular?

— Não sou obcecado por popularidade. Se eu gosto de uma garota, eu gosto de uma garota, não importa com quem ela anda.

— Sua carranca se aprofundou, enquanto linhas de tensão se ramificaram ao redor da boca dele. — O que a fez pensar algo assim?

— Você disse 'alguém como Mercedes.'

— Bobby parece agradável. Ela... não.

Eu relaxei. Um pouco.

— Eu não sei muito sobre Bobby. Mercedes, bem, ela tem os momentos dela. — Principalmente momentos de pura maldade, mas lá por um minuto, no corredor, eu tinha olhado brevemente um lado mais vulnerável dela. Um lado com o que eu, surpreendentemente, tinha conexão.

— Então você e Bobby não são...— Ele dissipou.

Eu sacudi minha cabeça.

— Não.— Eu admito, eu quis sair com Bobby uma vez. Eu quis isso mais que qualquer outra coisa no mundo, na realidade. Agora, eu não podia nem ver a imagem da face de Bobby em minha mente.

Isso não era *tãoooo* inteligente ter uma queda pelo Clarik. Okay. Acorda. Eu tinha parado de fingir que eu não gostava dele como mais que um amigo. Eu tinha uma queda. Feia.

— Ele fala que vocês são um casal,— Clarik persistiu.

— Bem, ele está errado. E quando você falou com ele? O que ele disse?

— Falei com ele essa manhã, durante o terceiro período, e ele disse que vocês eram... você sabe. Mais do que amigos. Amigos com grandes benefícios.

Eu ofeguei, horrorizada.

— Eu nunca dormi com ele! — Eu pausei, um pensamento me bateu. — É por isso que você está me levando para almoçar? Por que você acha que eu sou fácil?

Clarik fez carranca.

— Você me implorou que a trouxesse, não se lembra? E eu não penso que você é fácil. Eu nem sequer a conheço. Mas eu quero. A conhecer, quero dizer, — ele adicionou sombriamente. — Isso é um crime?

Crime? Não. Sonho se tornando realidade? Sim. Teve algum garoto que disse algo assim para mim? Claro que não. Perdi minha animosidade, e uma bolha de excitação expandiu em meu peito. Ele só, bem, ele soou genuinamente interessado em mim. Eu!

*A você real ou você falsa?* Minha mente gorjeou. Meu excitação escureceu um pouco, e eu rangi meus dentes em

aborrecimento. *Muito obrigada, mente. Teria sido agradável desfrutar o momento.*

Eu torci o tecido desfiado das minhas calças jeans entre meus dedos.

— E você? Está namorando alguém?

— Nope. — Ele pausou, colocou o seu lábio inferior entre os dentes. — Ainda não.

O-kay. O que significava isso? O tom rouco dele sugeriu que ele estava com alguém em mente. Eu? Provavelmente. Mas eu não tinha coragem para perguntar. Eu queria dizer, esse poderia ser um daqueles momentos onde ele queria que eu perguntasse a minha amiga se ela gostava dele. Neste caso, significaria que ele estava interessado em Avery. Vômito.

Eu não gostava da menina o bastante para ser a cafetã dela.

— Nós chegamos. — Ele parou em um lote de pedregulho e estacionou ao lado de um sedan branco. — Eu espero que você esteja com fome.

Quando eu saí, o calor do meio-dia me envolveu. Eu odiava quando o tempo estava frio um dia e empoladamente quente no próximo. Amanhã provavelmente choveria. Ou nevaria.

Caminhamos lado a lado para o pequeno e aconchegante arenito pardo situado entre vários outros arenitos pardos. Clarik era mais alto do que eu por vários centímetros, e eu me senti minúscula em comparação.

Ele abriu a porta para mim, como se nós estivéssemos em um encontro de verdade. Eu lhe dei um meio sorriso, passando rapidamente por ele – e congelei.

Clarik bateu nas minhas costas, e eu tropecei adiante.

— O que está errado? — ele perguntou.

— Eles são... eles são... — Eu disse, enquanto por dentro eu estava gritando a plenos pulmões.

— Yeah?

Góticos. Todo mundo era um falso gótico, tal como na escola. Os garçons. As pessoas comendo. Havia até mesmo uma criança drapejada em musselina preta. Preto, preto e mais preto, misturado

com o esguicho ocasional de vermelho-vivo. As luzes foram desativadas pela atmosfera. As paredes eram meras sombras.

— Nós temos que sair, — eu disse a Clarik, enquanto falava através do caroço súbito em minha garganta.

A mão dele parou em cima do meu ombro. O calor dele me acalmou, mas não me confortou completamente.

— Por quê?

— Eu só, eu tenho que sair, isso é tudo. — Eu não ia esperar por sua resposta. Eu me girei e corri porta afora, para a segurança do carro. O mundo todo era Gótico? Não haveria nenhum porto seguro neste mar de uniformidade?

Com uma expressão de alguma maneira macia e dura ao mesmo tempo, Clarik andou rapidamente para o carro, as mãos em seus bolsos. Quando ele sentou ao meu lado, ele colocou a chave na ignição e disse:

— Eu não vou perguntar o motivo disso porque eu tenho a sensação que você não vai me responder.

— Você está certo.

— Estou fome, apesar de tudo. Existe algum lugar que você quer comer?

— Você alguma vez ouviu falar do Café Giovanni?

— Não.

Eu tagarelei o endereço, enquanto esperava com todo o meu coração que seria da mesma maneira que eu me lembrava. Eu poderia lidar com os góticos de lá. Era esperado. Familiar.

Durante os dez minutos no carro, Clarik fez o seu melhor para me fazer rir por meio de piadas sobre as diferentes “Barbies” que ele encontrou na Escola do Inferno.

— A Barbie Divorciada, também conhecida como Sra. Hamilton, — disse ele, — vem com a casa do Ken, carro do Ken, e todo o armário do Ken.

Uma pontada de diversão vazou além de meu distúrbio.

— Eu suponho que a Barbie Adolescente também conhecida como Mercedes virá com uma faca de ataque surpresa, — eu disse secamente.

Ele soltou um riso petulante, e o som disso era de alguma forma... Encantador.

— Nós estamos aqui, — disse ele, um pouco nervoso. Ele esperava que eu fugisse dessa vez, também?

O carro deu uma parada. Nós saímos depressa, atravessamos o estacionamento pavimentado, mas esfarelado, e descemos as escadarias de metal. Uma vez mais, ele abriu a porta do restaurante e eu passei rapidamente por ele.

— Espero que esse... Não, — eu disse em um suspiro. Meu olhar circulou o único lugar que me dava boas-vindas com braços abertos. Não, não, não. Não!

Parecia que esse, meu refúgio, seriame negado, também. As paredes pretas e cartazes de vampiro tinham sumido. A familiaridade que eu precisava. Agora o lugar inteiro se assemelhava a algo vindo da *Seventeen*. Paredes coloridas com desenhos vertiginosos. Música *pop* batia pulsante nos autofalantes. Uma luz estroboscópica. Garçonetes de patins.

Conde estava atrás do bar. Ele usava uma camisa branca abotoada e seu cabelo estava cortado em um curto cabelo à escovinha. Ele sorriu para um cliente, e eu vi que os dentes eram normais, não raspados em afiadas presas. Seu olhar se moveu pela sala e pausou sobre mim. Ele carranqueou.

— Me leve para casa, — eu disse suavemente a Clarik. — Por favor. Apenas me leve para casa.

A vida realmente era uma porcaria!

Em casa, eu marchei o comprimento do meu quarto. Cartazes de dragões, fadas negras, e Enya pendurados nas paredes e zumbindo por mim. Para frente e para trás, para frente e para trás. Uma manta preta com renda nas pontas guarnecia a cama. Eu tinha economizado meu dinheiro do almoço e tinha comprado isso sem a permissão do meu pai, enquanto substituía a da Disney que eu tinha tido desde a infância.

Clarik – que não tinha dito uma palavra após o último desastre – tinha me deixado aqui e tinha voltado para a escola. Ele provavelmente pensava que eu era estranha.

Sim. A vida realmente era uma porcaria.



Meu pai tinha saído – eu não sabia onde ele fora, não tinha deixado um bilhete – assim eu estava sozinha. Eu tinha deixado minha chave na escola e tive que pedir ao vizinho, que tinha uma reserva, para me deixar entrar.

Então aqui eu estava. Sozinha, como eu queria, mas tão miserável como antes.

Um Sidekick que não era meu estava em minha mesa-de-cabeceira, e tocava continuamente. Eu bati nele por alguns minutos. Quando não parou, eu o chutei para fora da janela.

Desesperada para voltar para a vida real eu procurei na lista telefônica o endereço e o número da casa da Sra. Hamilton. Claro, ela não estava na lista. Nem o Dr. Laroque. Eu não tive sorte com o Google, também.

Eu achei o número de Mercedes e liguei. Ela ainda estava na escola, então eu deixei uma mensagem na máquina dela, enquanto lhe dizia para me apanhar sem dúvida. Nós tínhamos que encontrar o laboratório.

Esquerda. Direita. Esquerda. Eu coloquei um pé na frente do outro. Direita. Esquerda. Cada uma das minhas paredes tinha uma cor diferente: amarelo, azul claro, esmeralda, e violeta. Toda vez que eu virava, eu via um borrão, um tom diferente. E toda vez eu passava na única janela do meu quarto, eu via o Jetta que estava imóvel na calçada. Eu não queria esperar por Mercedes. Eu queria dirigir ao redor agora mesmo e procurar. Mas...

Eu não poderia me forçar a ficar atrás do volante.

— Covarde, — eu murmurei para o meu reflexo quando passei em frente do espelho de corpo todo. Eu pisei com minhas botas no tapete marrom de pelúcia. Dr. Laroque e Sra. Hamilton, malditos sejam, haviam chegado ao mais profundo recesso do meu subconsciente, achando a pior maneira possível de me castigar, e empurrando-o na minha cara em uma bandeja de prata. Conformidade. Uniformidade. Falta de originalidade.

Minha mãe tinha odiado isso, também. Ela não tinha sido gótica ou qualquer coisa assim. Ela tinha sido Emma Leigh, uma gêmea idêntica que queria ter o próprio lugar dela no mundo. Ela tinha

pintado todas as paredes em nossa casa de uma cor diferente para que nenhuma delas tivesse a mesma aparência. Como meu quarto.

— Não está melhor? — ela tinha me dito. — Agora nós sempre saberemos qual é qual.

Sinto tanta saudades dela.

Lágrimas queimaram as beiras dos meus olhos, e eu as limpei depressa. Não havia tempo para um colapso emocional. Eu precisava de um plano de ação, e como eu continuava andando de um lado do meu quarto para o outro, eu esbocei aquilo que eu já tinha feito e aquilo que eu precisava fazer: Falar com Mercedes – feito. Ver a Sra. Hamilton – em andamento. Procurar o laboratório do diabo - hoje à noite. Então... O quê? E se eu não conseguisse encontrar Hama e o laboratório tivesse sido movido? E se...

Não! Eu não podia me permitir pensar assim. Eu *acharia* uma maneira de voltar para casa. Eu tinha. Se eu tivesse que pagar para alguém lançar um feitiço ou pechinchar com o Diabo, eu voltaria para casa.

E quanto a Clarik?

Mordi meu lábio inferior. Claro, seria legal ter a sua atenção por um pouco mais, mas prefiro tê-lo como eu. A eu impopular, desprezada. Não que ele gostasse de mim agora. Não mais. Eu provavelmente arruinei isso na hora do almoço.

— Tola, — eu murmurei.

O resto, bem, eu totalmente poderia viver sem. Nenhum (real) amigo. Um pai que gostava de mim pelas razões erradas. A falsa obsessão de meus semelhantes.

*Briiiiing.*

Assustada pelo barulho súbito, eu saltei. *Briiiiing!* Quando minha batida do coração se acalmou, eu andei até minha mesa lateral. *Briiiiing!* O identificador de chamada disse White, Linda. Ohmeudeus. Linnie! Esperança de vida desencadeou dentro de mim. Ela tinha me ligado. Ela realmente tinha me ligado. Talvez ela não me odiasse como os outros. Eu não sabia como ela tinha conseguido manter a sua verdadeira memória quando ninguém tinha, e eu não me importava.

Ela ligou!

*Briiiiing!* Sorrindo, eu peguei o receptor apressadamente.

— Oi.

Por um longo tempo, ela não respondeu. Então ela limpou a garganta dela.

— Eu posso, uh, falar com a Jade?

— Você está falando com ela. Graças a Deus! Linnie estou tão feliz que você me ligou.

Outra pausa. Crepitando estática.

— O que você está fazendo em casa? Era para você estar na escola.

— Eu vim para casa cedo. Escute, você não tem nenhuma ideia do quanto eu preciso agora mesmo de um amigo. Tive o pior dia da minha vida. — Eu suguei uma respiração. — Eu preciso que você leia seus cartões. Algo aconteceu e eu estou esperando que eles vão...

— Eu estava indo deixar uma mensagem, — disse ela, cortando-me, — mas acho que podemos fazer isso ao vivo.

Naquele momento, minha esperança desfiou nas extremidades. Ela soou tão formal e dura, tão determinada.

— Fazer o quê? — Eu disse, meus ombros caindo. *Por favor a deixe ser minha amiga*, eu rezei.

— Eu não gosto da maneira como você tratou meus amigos hoje.

*Meus amigos*, ela tinha dito. Como em - você não é uma de nós, Jade Leigh.

— Não fiz nada de errado. E como você sabe como eu tratei eles?

— Perguntei severamente. — Você nem mesmo foi à escola.

— Robb me ligou e me disse que você gritou com Mercedes no corredor. Como você tentou fazê-la ficar contra ele. Ele me falou como você fingiu estar em algum jogo virtual no almoço. — Sua voz aumentou com o calor de sua raiva. — Seria melhor você se cuidar. Nós estamos cansados do seu reinado de terror e se você não tomar cuidado alguém vai a empurrar para fora do seu pedestal.

— Linnie, você está se escutando? Eu não fiz nada de errado!

Ela riu amargamente.

— Deus, você é incrível. Você dirá qualquer coisa e culpará qualquer um para se fazer parecer inocente.

— Nomeie algo que eu fiz. Nomeie uma coisa. — Que tipo de falsa memória tinha o doutor lhe dado? Eu me vi desejando saber, novamente, se as pessoas neste jogo eram até mesmo reais ou somente invenções fingindo me atormentar. Como fantasmas. Irreais, fantasmas. Aparições que meu cérebro insistia que eram reais, então portanto viraram reais para mim.

— Eu não posso acreditar que eu estou falando com você, — ela fundamentou. — Você quer que eu nomeie algo? Ótimo. Que tal a vez que você photoshopeou o rosto de Erica no corpo de uma estrela pornô e colou as imagens em toda a escola?

Eu ofeguei.

— Isso não foi eu. Isso foi Mercedes.

Ela bufou.

— Que tal sobre a vez que você derramou suco em cima de minha cabeça? Ou quando você disse para Robb a apanhar e estava esperando seu namorado ao invés dele? — Com cada palavra que ela proferia, o distúrbio dela crescia. Uma vez a voz dela até mesmo falhou, como se estivesse lutando contra as lágrimas. — Eu devia continuar?

Suas palavras ecoaram na minha cabeça, e de repente eu senti como se estivesse presa em uma pequena caixa, sem buracos para respirar. Tudo que tinha nomeado, Mercedes tinha feito. Não eu. Nunca eu. Eu não sabia como convencê-la disso, não sabia como convencê-la da verdade. E isso me assustou.

— Linnie, eu nunca fiz essas coisas.

— Eu suponho que foi sua outra personalidade então. Ou talvez as vozes em sua cabeça a fizeram fazer isso.

— Você não entende. Você é minha amiga, Linnie. Minha melhor amiga. Eu nunca faria algo assim com você.

Ela bufou.

— Você é uma cadela e uma mentirosa. Eu nunca - nunca! - Seria a sua amiga.

— Linnie. Por favor. Me escute. Eu...

— Cale a boca. Cala a boca, inferno.

— Linnie, por favor. Pergunte a Mercedes. — Eu sei que disse que eu não ia tentar explicar a mais ninguém. Não novamente. Mas aqui

estava eu, incapaz de me parar e desesperada para a fazer acreditar em mim. — Ela lhe falará. Nós estamos presas em um jogo. Eu juro por Deus.

— É engraçado, porque ela estava rindo de você e de sua pretensão, quando eu falei para ela. Consegue explicar isso?

Ela riu? Mercedes tinha rido sobre o jogo? Eu raspei minhas unhas em cima da superfície de minha escrivaninha. Aquela cadela.

— Você tem que se lembrar...

— Me faça um favor. Vá para inferno.

*Click.*

## CAPÍTULO OITO

*Qual é o sentido da vida? Eu acho que sei a resposta. Felicidade. Acho que temos todos que tomar a nossa cota justa dela e ajudar os outros a encontrar a deles – seja ela na luz ou na escuridão. Quando o resto do mundo adquirirá o memorando?*

Incrédula, eu encarei o telefone por um longo tempo. Ela tinha sido tão inflexível no ódio dela por mim, mais do que os outros. Com essa realização, pensamentos horríveis começaram a passar por mim. E se o jogo de realidade virtual tinha apenas permitido que os sentimentos reais de Linnie aparecessem? O que então?

Todos meus amigos me odiavam secretamente? Gostaria de saber, agora paranoica.

Pela primeira vez em todos os nossos seis anos de amizade, Linnie tinha desligado na minha cara. Ela recusou-se a ouvir, tinha defendido Mercedes. Mercedes Turner de todas as pessoas.

Com uma respiração derrotada, eu recoloquei o telefone em seu lugar de origem. Eu não tinha nenhuma ideia do que fazer quanto aos meus amigos, e não foi me dado nenhuma oportunidade para pensar sobre isso. Eu ouvi a porta da frente abrir-se, ouvi meu pai andar para dentro da casa, assobiando baixinho. Ótimo. Eu não estava pronta para lidar com ele e não queria explicar por que eu tinha matado aula. Não havia como evitar isso, entretanto. Tinha que ser feito.

— Pai, — eu chamei.

— Jade? — Surpresa estendeu-se na voz dele.

Eu abandonei a segurança de meu quarto e avancei pelo corredor. Ele me encontrou a meio caminho, a expressão dele escura com curiosidade.

— Onde você estava? — Perguntei ao mesmo tempo em que ele disse:

— Por que você está em casa?

Eu atormentei meu cérebro por uma razão boa, mas nada veio a mim. Finalmente eu encolhi os ombros e optei pela verdade.

— Eu precisei de algum tempo sozinha.

— Oh. Certo. — Sem outra palavra, virou e andou para a cozinha.

É isso? Nada de, “Você não pode dar um intervalo na vida, assim por que deveriam lhe permitir dar um intervalo na escola?” Nada de, “Você acha que você será capaz de largar o seu trabalho quando você tiver uma família para alimentar?”

De boca aberta, segui o mesmo caminho que ele tinha feito.

— Isso é tudo que você tem pra dizer a mim?

— Sim. — Ele folheou as cartas. — Você é uma menina inteligente e eu confio e m seu julgamento. Se você precisa de um dia de folga, você precisa de um dia de folga.

— Mas, pai. Eu matei aula.

— Eu sei, doçura, mas você teve uma boa razão.

Quando eu superei meu choque, minha boca curvou em um lento sorriso. Certo. Então. Havia agora duas coisas que eu gostava sobre esse além-mundo Gótico. O modo que Clarik olha para mim e a atitude nova e aprimorada de meu pai sobre matar aula. “Doçura” nem mesmo me aborreceu dessa vez.

Essas razões não eram bastante para me fazer querer ficar nesta realidade, mas... Elas eram tão doces, e eu precisava desesperadamente de uma fresta de esperança.

Meu pai me lançou uma olhada rápida e colocou as contas no balcão.

— Eu tenho que fazer uma ligação, então...

— Então... — eu incitei.

— Então. É privado.

Eu permaneci no lugar, o assistindo, estudando a face dele. Os lábios dele apertaram em uma linha firme, e eu suspirei.

— Ótimo. Eu estarei em meu quarto. — Eu girei em meus calcanhares e marchei até o corredor, então abri e fechei a porta do meu quarto – sem entrar. Eu permaneci no corredor. Ele precisa de privacidade? Para quê? Ele e eu não deveríamos guardar segredos um do outro. Isso era o que ele tinha me dito uma vez, pelo menos.

Eu me apoiei contra a parede fria, esforçando para escutar.

— Teremos que fazer outro dia, — eu o ouvi dizer. Pausa. — Desculpe-me. — Outra pausa. — Eu queria vê-la também, mas algo

está acontecendo com a Jade, e ela realmente precisa de mim agora.

Perguntas brotaram pela minha mente. Quem ele tinha planejado receber? Uma mulher? Por que ele era tão reservado sobre isso? Ele estava saindo com alguém especial? Nos dois anos desde a morte de minha mãe, ele só tinha encontros casualmente. Nada sério. Ele nunca trouxe uma mulher para casa para me apresentar, mas eu sempre sabia quando ele se dava bem (vômito). Ele sorria por dias (vômito duplo).

Ele terminou a chamada e eu andei quietamente até meu quarto, fechando a porta atrás de mim com só o barulhinho silencioso mais leve das dobradiças.

Eu não gostei dessa novidade.

As horas se arrastaram até o anoitecer, tortuosas, uma depois da outra. Eu fiquei em meu quarto o tempo inteiro. Meu pai até mesmo trouxe jantar à minha porta. Eu tentei escrever, mas não formei palavra nenhuma. Escrever sempre tinha sido meu maior refúgio. Agora, quando eu mais precisava disso... Eu suspirei em frustração e raiva. Eu acho que, naquele momento, eu teria ido à uma festa com Sr. Parton se significasse ser capaz de escrever novamente.

Com nada mais para fazer, eu alternava ente ficar andando e deitando na cama, encarando o teto. Pensando, sempre pensando. Não importa quantas vezes eu pusesse em ordem as perguntas sobre meu pai, sobre o jogo de realidade virtual, sobre Clarik, sobre meus amigos, nenhuma resposta era suficiente. O telefonema secreto de meu pai – mistério. Uma forma de sair do jogo – mistério. Os reais pensamentos de Clarik sobre mim – mistério. Uma maneira de convencer os meus amigos de que realmente me amavam – mistério.

E eu detestava mistérios mesmo!

Que diabos de horas eram agora?

Eu olhei o relógio em meu computador pela milésima vez e soltei uma respiração aliviada. Não deve demorar muito tempo agora. 23h05. Deitando na suavidade do colchão, eu coloquei minhas mãos em meus bolsos e toquei a faca de bolso de meu pai. Eu tinha



pego-a. Por via das dúvidas. Eu só rezava pra eu *não* ter necessidade de usá-la.

O luar deslizou além de minhas cortinas, vermelho misturado com ouro. Que horas a Mercedes chegaria aqui? Ela mesma recebeu a minha mensagem? Eu estava ficando louca esperando pra ela me buscar para que pudéssemos procurar o laboratório.

E quem teria pensado que eu esperaria ansiosamente pela presença *dela*?

Uma batida soou em minha porta. Eu gemi internamente e rolei os olhos. Meu pai já tinha entrado aqui quatro vezes, apenas para ser conhecido com um inquérito e um olhar penetrante. Nunca desistir até que você tenha os resultados pretendidos, era seu lema.

— O que você quer agora? — Eu gritei.

— É uma noite escolar, doçura. Você deveria estar na cama.

— Eu não estou cansada.

Pausa pesada. Então:

— Você está decente?

— Sim, — eu admiti relutantemente. *Apenas vá embora!* Eu pensei. Eu usava uma calça camuflada e uma camisa preta assim eu me misturaria melhor na noite. Eu espero que ele não me questione sobre isto. Onde estava Mercedes?

Meu pai espreitou a cabeça preta dele pela porta, expressão sombria, sério.

— Eu quero falar com você.

— Ótimo. Vamos começar por onde você estava quando eu cheguei a casa e com quem você cancelou seus planos secretos.

A pergunta tinha o afugentado nas outras quatro vezes. Não desta vez, entretanto. Infelizmente.

— Isso não é importante, — ele disse, entrando no quarto e descansando sobre a extremidade da cama.

— Se você quiser falar sobre mim, você está desperdiçando seu tempo. Você tem seus segredos e eu tenho os meus, — eu disse.

— Doçura, eu estou tentando entender o que está acontecendo com você. Eu nunca a vi se comportar desta maneira.

Minhas sobranceiras vincaram juntas.

— Que maneira?

— Tão... — Ele abriu os braços amplamente, abrangendo a mim, meu quarto. — Tão imprevisível.

— Pai, você não iria acreditar em mim se...

Um *clang clang* sacudiu minha janela, me salvando do resto de minha resposta. Uma parte de mim quis lhe contar a verdade, desejando a ajuda dele. A outra parte de mim sabia o que aconteceria se eu fizesse. Descrença. Teste de drogas. Talvez até risos. Não, eu tinha aprendido minha lição. Duas vezes. Eu não ia falar para mais ninguém.

*Clang. Clang.*

Eu olhei de relance para o vidro. Assim como meu pai. Ele franziu.

— Tem alguém aí? — Ele perguntou, com uma sinistra ponta afiada para as palavras.

Eu andei até a janela e olhei para fora, meus ombros caindo em alívio. Graças a Deus.

— É a Mercedes.

— Mercedes Turner? — o franzido intensificou, esticando a pele dos lábios firmemente. — A Sus... A mãe dela sabe que ela está lá fora tão tarde?

— Isso importa? — Eu sinalizei que eu estaria fora em um minuto, e Mercedes acenou com a cabeça entendendo. Ela deu a volta no carro dela, um golpe pálido no luar.

Meu pai ignorou minha pergunta - ele estava ficando bom nisso.

— Você não está saindo por aí com ela, está? Ela não é seu tipo habitual de amigo.

— E daí? — Eu corri para o meu armário e remexi em minhas roupas, procurando minha jaqueta.

— Eu não quero você por aí com ela, Jade. — Ele disse severamente. — Ela é problema.

— Eu ficarei bem.

Sempre o soldado, ele tentou outra tática.

— Esta é uma noite escolar. Você precisa ficar aqui.

— Se você está preocupado que eu não dormirei o suficiente, não fique. Se eu tiver que perder aula amanhã para pôr em dia em meu

o meu sono, eu irei. Eu sei quando eu preciso de uma folga, se lembra? — Eu agarrei minha bolsa e sapatos.

— Jade...

— Você não tem que se preocupar com a minha — do que você chamou naquele dia que você me deu a conversa de sexo? — flor, tampouco. Mercedes manterá as mãos dela para ela mesma.

— Isso não tem graça. — Olhos cerrados, ele cruzou os braços em cima do peito. — Eu não a quero saindo tão tarde a noite. Pessoas perigosas ficam lá fora, rondando jovens meninas inocentes.

— Nós teremos cuidado. Prometo. Você sabe que eu amo a noite. Ele apertou a ponte do nariz dele.

— Você vai ficar aqui, juvenzinha, e ponto final.

— Eu não posso. Eu sinto muito. Eu tenho que ir. — Eu odiava ser idiota com ele, eu realmente odiava. Ele não era um sujeito ruim. Porém, eu me acalmei com o pensamento de que Mercedes e eu acharíamos o laboratório e os computadores e nós cairíamos fora do jogo. Amanhã meu pai não se lembraria que eu tinha o desobedecido.

— Eu quero que você fique em casa, — ele disse, usando a mais dura — voz de pai. — Eu não estou pedindo. Eu estou falando.

— Eu vejo você mais tarde. Não espere acordado. — Eu beijei a bochecha dele e corri pra fora do meu quarto, pra fora da casa.

— Jade, — ele chamou, incrédulo.

Ar noturno fresco tocou minha face, e as luzes claras do carro me fizeram piscar. Eu amo esta hora da noite. Sombras dançavam livremente, e estrelas piscavam de um poleiro de veludo preto. Insetos zumbiam preguiçosamente.

— Jade, volte aqui, — meu pai gritou.

Coração acelerado, eu deslizei no sedan azul. Eu nunca tinha sido tão descarada em minha desobediência.

— Acelera, — eu comandeí a Mercedes.

Ela o fez. Os pneus guincharam e pedras voaram dos pneus traseiros enquanto nos segurávamos e íamos para a estrada. Nós aceleramos. Meu estômago apertou e eu fechei meus olhos. Meu pai e sua raiva foram esquecidos, substituídos pelo meu medo de automóveis rápidos.

— Por que demorou tanto? — Ela exigiu. — Tive que esperar, tipo, pra sempre.

—Você esperou dois minutos. O que levou tanto tempo para  *você*  vir me buscar?

— Seus amigos idiotas continuam me ligando. Eles até mesmo vieram até a minha casa.

Ciúme faiscou por um instante e criou vida. Ela os dispensou casualmente, enquanto eu teria feito qualquer coisa para tê-los novamente comigo.

— Eles não são bobos. Entende isso?

— Tanto faz. — Finalmente, quando nós estávamos longe por uma distância segura, Mercedes reduziu a velocidade.

Eu olhei sobre ela.

— Por que você riu quando a Erica e Robb lhe falaram que eu tinha lhes falado sobre o jogo? Por que você riu sobre isto a Linnie?

— Eu não sabia o que dizer, tudo bem? Eles estavam rindo de você e eu não quero que eles riam de mim, também. Além disso, eu pensei que nós concordamos em não falar para ninguém. — Ela me lançou um olhar severo.

Eu não respondi.

— Acha que seu pai virá nos procurar? — ela perguntou.

— Não.

— Meu pai teria me perseguido logo atrás.

Havia uma ponta defensiva na voz dela dessa vez.

— Eu pensei que ele tivesse ido embora alguns anos atrás — eu disse.

Ela estalou a mandíbula, mas não ofereceu nenhuma resposta.

Eu olhei de relance na direção dela e balancei minha cabeça em perplexidade. Ela vestia uma regata verde clara (com laço) e uma minissaia (com renda na bainha). Os saltos altos verdes foram presos em seus pés e laçados nas panturrilhas dela.

— É isso que você está usando? Sério? E se nós tivermos que arrombar?

— Isso aqui é uma dica grátis de moda: não há nada de errado com parecer bem, não importa as circunstâncias. — Ela me deu

uma curta examinada de olhos. — Você realmente precisa considerar isso.

Minha mandíbula apertou. Não havia nada de errado com minhas roupas e nada de errado com minha aparência. Se nós *tivéssemos* que fazer uma pequena invasão, eu poderia escalar, correr e mover sem restrição. Ela iria cair sobre a própria cara. Divertido, sim, mas isso não nos levaria para casa.

— Então... — ela disse. Os dedos dela apertaram no volante até que as juntas dela ficassem brancas. — Avery disse alguma coisa sobre mim?

— Nada. — Nada de bom, isso é. Eu não tive que perguntar se Linnie e Erica tinham dito qualquer coisa sobre mim. Ela já tinha admitido eles tinham estado rindo de mim.

— E se nós não pudermos ir pra casa, Jade? — ela perguntou de repente. Havia uma característica rude à voz dela da que eu nunca tinha ouvido antes.

— Nós vamos. — Nós tínhamos que.

— Você diz isso tão confiante. — Ela soou mais forte, mais igual ao eu normal dela com cada palavra. — O que você acha? Nós vamos encontrar o laboratório, e *boom* - tudo voltará a ser o que era?

Eu tracei um dedo na janela empoeirada, deixando uma linha.

— Talvez. — Eu poderia esperar, pelo menos.

— Você ao menos se lembra de onde o laboratório é? — Franzindo ela passou uma mão pelo cabelo pálido dela. O carro diminuiu em uma parada numa encruzilhada, e ela olhou à esquerda, então à direita.

— Um pouco, — eu me esquivei.

— Um pouco? — Fixou-me com um olhar penetrante. — Isso não ajuda em nada.

— Eu não sei o endereço exato. Você também não, então cale-se. Você está encabeçando na direção certa, entretanto. Norte em Western.

Ela deslizou o carro à esquerda, resmungando.

— Espero que nós o conheçamos quando nós o virmos.

Uma hora, três voltas erradas e gritos múltiplos mais tarde, nós o achamos. Excitação passou por mim quando reconheci o elevado edifício de tijolo marrom, ainda desintegrando-se e coberto de grafites. Não havia nenhum carro hoje à noite no lote. Nenhuma luz ou postes de luz para iluminar a área.

Pela primeira vez, eu não gostei da escuridão.

Mercedes estacionou na parte da frente e olhou para o edifício com apreensão.

— É assustador. Eu não me lembro dele parecer assustador a *este* ponto.

Eu concordei. Eu sabia o que estava lá dentro, tinha experimentado terror lá, e não esperei ansiosamente por uma experiência repetida. Só de estar aqui, me senti exposta e vulnerável.

Mercedes cortou o motor, e o silêncio do total nos cobriu. Ela apagou as luzes do carro, e a escuridão total nos consumiu. Todo filme de terror que eu alguma vez tinha assistido passou por minha mente. Eu engoli em seco.

— Nós devemos, provavelmente, entrar? — Toda a sugestão de superioridade tinha se lavado do tom dela. Ela escoava medo.

— Sim? — Eu queria dizer a palavra como uma declaração, mas emergiu como uma pergunta.

— Certo, — ela disse.

— Certo, — eu repeti.

Nenhuma de nós se moveu. Eu acho que um pequeno demônio tinha tomado residência dentro de meu tórax e estava usando meu coração para prática de tambor. Eu tinha trazido à faca de bolso de meu pai, mas de repente não parecia bastante o proteção.

— Eu trouxe o meu Sidekick, — disse ela. — Talvez devêssemos chamar alguém. Ou mandar um e-mail a polícia assim eles podem ler isto depois que eles acharem nossos corpos sangrentos e mortos e saber onde começar procurando nosso assassino.

— Nós precisamos entrar naquele edifício e eu duvido que a polícia nos ajudasse a fazer isso. Nós podemos fazer isto nós mesmas. — Eu dei uma respiração funda, forcei minha mão na maçaneta do carro e abri a porta. Uma brisa fresca flutuou pra

dentro, perfumado com... perigo? Os pequenos pelos na parte de trás do meu pescoço se levantaram em atenção, e senti um par de olhos me penetrando. Observando.

Meu sangue esfriou.

— E se as pessoas estiverem lá dentro? — Ela sussurrou.

Eu engoli abaixo o caroço que se formou em minha garganta.

— Elas não estão, — eu me forcei a dizer. *Não estou sendo vigiada, eu não estou sendo vigiada.*

— Como pode ter tanta certeza? Eles poderiam estar lá dentro, esperando por nós. Talvez eles queriam que nós viéssemos assim eles pudessem nos pôr dentro de outro jogo. Um jogo pior.

Eu agarrei a extremidade da porta, incapaz de tirar meus olhos do edifício. *Fique forte. Fique tranquila.* Nós estávamos sós, eu me assegurei, as únicas pessoas na redondeza.

— Você está histérica, Mercedes. Preciso dar uma bofetada em você?

Ela inspirou nitidamente, então expirou um sopro instável de ar.

— Você é tão vadia. Você sabia isso?

— Que gentileza a sua notar, — eu disse com um falso tom doce como açúcar.

— Então o que você está esperando? — Ela sacudiu o cabelo dela em cima do ombro dela. — Um convite gravado? Continue o resto do caminho pra fora, feche a porta do carro, e entre lá dentro.

Eu mostrei uma careta pra ela e fiquei de pé. Outra brisa passou aos poucos, o ar da noite serpenteando ao meu redor. Ela fez pouco para aliviar o suor nervoso perolizando na minha pele.

Mercedes permaneceu no assento dela. Ela olhou de mim ao edifício, do edifício para mim.

— Eu vou esperar aqui e manter o carro rodando. Dessa forma, podemos fazer uma fuga rápida, se for preciso.

Sim, como se eu realmente iria deixá-la aqui para partir de carro sem mim. Considerando que minha porta ainda estava aberta, eu me apoiei no carro, agarrei as chaves da ignição e os enfiei em meu bolso.

Ela ofegou.

— Devolva-as.

— Venha pegá-las. — Eu bati na minha porta do carro. O baque alto ecoou em minhas orelhas, e eu encolhi. Eu examinei de perto o lote de estacionamento nervosamente, ainda sentindo aquele olhar invisível em mim e meio que esperando alguém saltar das sombras, gritando, “Buu!”

*Apenas a sua imaginação, Jade,* eu disse a mim mesma.

— Ótimo. — Mercedes saiu e bateu os pés até o porta-malas. Ela levantou-o e cavoucou lá dentro, retirando duas lanternas. — Aqui. — Ela jogou uma pra mim.

Eu mal consegui pegá-la.

— Obrigada. — Eu não tinha esperado que ela fizesse algo tão inteligente - ou considerado, desde que ela tinha trazido duas. Eu acho que até mesmo feridas inflamadas que infestaram a humanidade podiam ter momentos de grandeza.

Cascalhos trituraram ruidosamente conforme ela fechava a distância entre nós até que ela encontrou-se finalmente a meu lado. Eu notei ela estava tremendo, o corpo inteiro dela radiando plumagens de medo. O meu estava assim?

Levantei meu queixo.

— Vamos fazer isso.

Centímetro torturante após centímetro, nós chegamos ao edifício (também conhecido como inferno). A porta da frente, claro, estava fechada, como foi com as duas janelas mais próximas. Uma, das quais, estava na borda.

— Nós teremos que quebrar o vidro. — Mordiscando sobre meu lábios, eu espiei lá dentro.

Apenas escuridão me cumprimentou, muito mais espessa e mais opressora do que as trevas exteriores.

— E se nós ativarmos algum alarme? — ela sussurrou.

— Nós corremos pra diabo, nos escondemos e esperamos.

— Mas...

— É uma risco que temos de correr. — Nós estávamos aqui, e ninguém tinha saltado na gente. Nós não partiríamos até que nós tivéssemos procurado por toda parte do edifício. Eu me ajoelhei, reluzindo minha lanterna em cima do canteiro de flores pra que eu



revistasse por uma pedra grande. — Nós vamos entrar *hoje à noite*. Não importa como.

Ela engoliu audivelmente e abaixou ao meu lado.

— Só para sua informação, — ela disse sem calor, — quando isso acabar nós não seremos amigas mesmo.

— Eu estou alegre que nós estamos na mesma página. — Vadia. — Você compreende que você é a razão pela qual existem viciados em drogas na nossa escola, certo? Pessoas fazem qualquer coisa para escapar da realidade de vocês.

Ela respirou uma aguda - ousou dizer magoada? - respiração, e eu senti uma pressa de culpa.

— Seu ciúme está aparecendo, — ela retrucou.

— Eu não tenho ciúmes de você. — Eu estalei meu maxilar, tentando engolir minha raiva. Todo o senso de culpa me abandonou. — Eu tenho pena de você.

— Ha! Você gostava de Bobby Richards, mas ele não te quis. Você gostou de Clarik — e não tenta negar isto porque eu vi o modo que você estava olhando para ele — mas ele não gostou de você de volta, tampouco. Ambos me quiseram. A mim.

—Não mais, eles não querem.— Meus dedos curvaram em torno de uma rocha tamanho médio, irregular. Eu pesei-a em minha palma e fiquei de pé. Eu trinquei meus dentes junto e mordi dentro da minha bochecha até que eu tirasse sangue. Ouvir essas palavras - ele não gostou de você de volta - doeu. Duramente.

— Como isso significasse qualquer coisa, — ela murmurou. — Você sabe que eles não gostam do você verdadeiro.

— Eu sou a mesma garota que eu era antes, — Eu respondi, embora eu tivesse pensado essas mesmas palavras para eu mesma.

— Eles gostam de sua popularidade. Sua *falsa* popularidade.

Ela sempre soube a coisa exata para dizer para me ferir.

Sem outra palavra, eu lancei a pedra na janela. Vidro quebrou, chovendo e tilintando sobre o chão. Eu estava de pé, esperando, presa no lugar. Pronta para correr. Agradecida mente, nenhum alarme estourou.

— Me dê algum aviso da próxima vez, — Mercedes murmurou. Ela lançou a lanterna dela pela abertura, iluminando o quarto em um brilho dourado.

Eu fiz o mesmo.

— Esperançosamente não haverá um da próxima vez.

— Tanto faz. Me dê um impulso.

Eu dobrei meus joelhos e fechei minhas mãos junto e ela me usou como uma mola, escalando facilmente para dentro. O salto de sapato alto dela cavou em minha pele, e eu fiz careta.

Surpreendentemente, ela inclinou pra fora e me ofereceu uma mão, me levantando.

— Obrigada, — eu me forcei a dizer.

Cada uma de nós agarrou uma lanterna, mas nenhuma de nós avançou. Nós iluminamos nossas luzes em cima de nossos ambientes. Decepção. Pesar. Raiva. Eu experimentei todos os três.

— Está vazio, — Mercedes disse em um gemido. — Tudo é o mesmo - as paredes, o quarto, mas nenhum equipamento!

— Esta é apenas uma sala. — Eu tive que ficar positiva ou eu faria algo estúpido. Como chorar.

— Não significa nada.

—E se...

— Não diga isso. Nem mesmo pense isso. O equipamento tem que estar aqui. Em algum lugar.

Minhas palavras ecoaram nas paredes nuas, esperançosa, desesperada.

Apertando a lanterna em um punho férreo, eu chutei a porta fechada, uma vez, duas vezes. Eu não tive nenhuma sorte, assim Mercedes se juntou. Em nosso terceiro chute, madeira lascou das dobradiças e abriu para outro quarto. Olhamos uma para a outra, então seguramos nossas lanternas adiante.

Vazio.

Meu estômago torceu dolorosamente.

— Jade, — ela disse, a voz dela trêmula.

— Eu sei, — eu respondi, da mesma maneira trêmula. Tão perturbada quanto. Nós exploramos o local de cima para baixo. Documentos estavam espalhados do outro lado no chão, mas era

isso. Nada mais. Eu olhei em cima deles, vendo só geringonça. Números, símbolos, cartas. Eu enchi muitos dos documentos em meus bolsos. Mas...

Não era o que eu esperava.

Onde os computadores estavam? As máquinas? Eu andei ao redor, balançando minha cabeça em descrença. Em horror.

— Como eles moveram o equipamento tão depressa? — Mercedes gritou. Ela já não estava tentando ficar calma. — Eles levaram tudo!

— Eles não poderiam ter os movido longe. Nós vamos encontrá-los.

— Como? — ela exigiu.

— Eu não sei. — Eu entrecruzei meus braços sobre minha cintura, meu olhar ainda procurando enquanto eu soquei abaixo meu pânico.

— Nós estamos presas aqui, — ela disse, expressando meus medos. — Basta dizer. Nós estamos presos neste infernal pesadelo de uma realidade.

— Se há uma entrada, há uma saída. Nós vamos conversar com a Sra. Hamilton. — Mesmo ao meu ouvido, as palavras foram fracas.

— Você realmente espera que ela nos ajude? Diga me que você não é tão estúpida, Jade. Ela é quem nos inscreveu para isto. Ela provavelmente já deixou o país. Quem sabe? Ela pode nem mesmo fazer parte do jogo.

Eu não podia aceitar a derrota. Eu não poderia aceitar o que havia sido feito para nós sem uma luta. Deve haver outra saída.

— Ela *faz* parte do jogo. Todo o mundo ainda a conhece na escola. Nós a *acharemos* e a forçaremos a nos ajudar.

Mercedes escarneceu com aquele riso amargo seu.

— As chances de encontrar ela são quase tão boas quanto nós encontrarmos os computadores neste prédio vazio.

— Ela tem de aparecer um dia, — eu disse, determinada.

— Por quê? Não sabemos como o jogo funciona. Isto não é a vida real. Ela pode saber tudo o que nós planejamos. Ela pode poder entrar e sair à vontade, sempre ficando um passo à frente da gente.

Meu estômago rolou com o pensamento.

— Nós estamos presas aqui, — ela repetiu. — Impedidas com isto. — A mão dela ondulou a mim, então em cima dela. — Presa com você como a querida da escola, e eu como uma pária. Uma aberração. — A voz dela quebrou e lágrimas fluíram dos olhos dela, traçando a maquilagem perfeita dela. — Você é a aberração, não eu.

— Certo. Chega. — Eu fechei a pequena distância entre nós, nos pondo nariz-a-nariz - uma posição familiar para nós. Nos coloque no mesmo quarto e nós ficamos como animais que lutam por território, eu acho. Nós nos esquecemos de nossa situação, esquecemos por que nós estávamos lá, e permitimos o passado nos consumir. — Pare de me chamar de nomes. Está me ouvindo? Pare. Você fez isto durante anos e eu estou farta disto!

— Sai da minha frente. — Ela me empurrou.

Eu tropecei para trás, me endireitei, então empurrei ela de volta.

— Eu quero ir para casa, tanto quanto você quer.

—Você é adorada aqui. Eu não duvido que você tenha advertido o Dr. Laroque que nós estávamos surgindo assim ele pudesse mover o equipamento.

Eu ofeguei.

— Eu nunca faria isso.

— Você ama isto aqui, admita.

— Eu sou adorada, sim , mas eu também sou um clone. Uma da multidão e não há nada que me diferencie.

— E daí, — ela cuspiu.

E daí? Eu a encarei, incrédula. Ela realmente não entendia.

— Você não é uma aberração agora. Você não pode me dizer que você gostava daquilo.

— Eu não gostava, não. Eu odeio ser chamado de aberração, mas eu prefiro ser uma aberração que invisível. Quando você se mistura na multidão, Mercedes, você não é nada de especial. Você é um de mil outros. Você não tem nenhum valor real.

— Uh, eu odeio revelar isto para você, mas você se mistura com seus amigos. Todos vocês amam coisas estranhas, estúpidas. E oi, você não tem que ser diferente para ser especial. — Ela balançou a cabeça dela. — Quem te disse essa linha de raciocínio de merda?

Eu a empurrei novamente, mais duro desta vez, e ela caiu para trás com uma arfada, tropeçando nos saltos de sapatos dela. Ela ficou no chão, carranqueando pra mim.

— Você sabe quais foram as últimas palavras da minha mãe para mim? — Eu rosnei. — Nosso carro tinha capotado e tinha ficado de cabeça para baixo. Seu sangue foi escorrendo sobre mim enquanto ela morria e você sabe quais foram às últimas palavras dela? Você sabe? — Eu estava gritando no final, mas não pude me parar.

— Não, — Mercedes grasnou.

Eu sabia as palavras de cor. Eu tinha as memorizado, repetindo-as de novo mil vezes.

— Existem dois tipos de pessoas, — ela tinha dito. — Aqueles que andam junto da costa ao longo da vida como patos em uma fileira, seguindo um após o outro, e aqueles que montam nas ondas. — Lágrimas derramaram em minhas bochechas e minha voz quebrou. — Monte nas ondas, querida, e viva. Viva.

Silêncio.

— Eu escolhi viver, Mercedes. Certo? Eu escolhi ser eu, ser diferente do que todos os outros. Me destacar. Quando ela olhar para baixo para mim, ela saberá exatamente quem eu sou. Você entende agora? Você pegou isto?

— Jade, — Mercedes começou, mas qualquer coisa que ela ia dizer foi cortada quando luzes vermelhas-e-azuis flamejaram pelas janelas, quase como um estroboscópio.

Meu foco saltou ao lado. Assim fez o dela.

— Saia com suas mãos para cima.— uma voz funda e masculina comandou.

## CAPÍTULO NOVE

*Acho que o grande Capitão Kirk disse uma vez, "Por que todos nós não podemos nos dar bem?" Espera. Talvez esse fosse o Tiny Tim. De qualquer modo, parece com um sonho impossível.*

Revistada, algemada e colocada num carro de polícia.

Soa divertido? Excitante? Aventureiro? Não é.

Eles confiscaram os documentos que eu tinha colocado nos meus bolsos, e ainda levaram meu canivete.

— Dr. Laroque nos prendeu a um computador e agora nós estamos dentro de um jogo de realidade virtual, — Mercedes disse bruscamente quando ela foi empurrada para dentro ao meu lado. — Nós apenas queremos ir para casa.

Vários policiais riram. Eu olhei para ela, mandando-a silenciosamente para fechar sua maldita boca. Tudo em que suas palavras iriam nos colocar era em exames psicológicos.

— Estou falando sério, — ela choramingou.

— Não, você está implorando para ser testada por uso de drogas, — um dos policiais disse. — Agora cale a boca.

Felizmente ela o fez.

Fomos conduzidas até o centro, e nenhuma de nós falou uma palavra para a outra. Minhas emoções estavam ainda muito cruas. Talvez as dela também estivessem. Um dos agentes informou-nos que tínhamos tropeçado em um alarme silencioso quando nós estouramos a janela e o dono – Dr. John Laroque – tinha chamado eles.

Não tinham lido os nossos direitos ou algo assim, e não iríamos efetivamente ser presas. Nós estávamos sendo alojadas enquanto nossos pais eram notificados. O dono, aparentemente, recusou-se a prestar queixas – a primeira e única coisa simpática que Dr. Laroque tinha feito por nós. Eu só poderia esperar que a culpa estivesse o comendo vivo como uma bactéria comendo carne.

Será que nada iria dar certo hoje?

Na movimentada estação, eu notei que os criminosos que estavam sendo fichados e processados estavam vestidos iguais as Barbies clones, usando tons pastéis conservadores, camisas de botão apertadas e meias. Os policiais do sexo masculino, eu percebi na luz, usavam delineador preto e tinham múltiplas tatuagens esportivas.

A mudança era surpreendente.

Mercedes e eu fomos trancadas em um quarto pequeno é insípido que oferecia nada além de ar grosso, almiscarado, uma mesa arranhada, e algumas cadeiras sem estofamento. Nós fomos escoltadas a extremos opostos da mesa e tiraram nossas algemas.

Inclinando para trás, eu estiquei minhas pernas e suspirei. Os oficiais nos deixaram então, um deles murmurando.

— Comportem -se. Nós estaremos assistindo das duas vias.

— Isso é tudo *sua* culpa, — disse Mercedes no momento que a porta se fechou.

Minha boca abriu e fechou num estalar.

— Minha culpa?

— Você tem má sorte, obviamente.

— Já parou e considerou a possibilidade que você poderia ser o amuleto de má sorte nessa relação?

Os olhos dela se estreitaram em minúsculas fendas.

— Você podia ter me ajudado contar a eles o que aconteceu conosco.

— Como você me ajudou com os meus amigos? Eles poderiam ter trancafiado nós duas, Mercedes. O que então, hein?

Rebelde, ela se afastou de mim e encarou a parede.

O relógio marcou a hora de silêncio seguinte. Eu me mexi incomodamente no meu assento mil vezes, os meus nervos tão desgastados que ameaçaram se quebrar em qualquer momento. Eu estava sedenta, cansada, estressada, decepcionada e frustrada. Não era uma boa combinação. Onde estava meu pai?

Finalmente, as dobradiças da porta rangeram quando se abriram. Um policial que eu não reconheci entrou. Ele tinha cabelo claro e vermelho de caixinha, e açúcar de confeitiro da rosquinha branco ao redor a boca dele. Algumas coisas nunca mudam, eu acho.

— Seus pais estão aqui, garotas. — Sua voz pingava desaprovação, como se deveríamos ter sido deixadas aqui para apodrecer. — Eles gostariam de falar com vocês.

Mercedes empalideceu. Eu estava segura do que eu o fiz, também. Meu pai ia me matar. Não haverá nada disso de “escolher seu próprio castigo” ou “nada de TV para você” dessa vez, mesmo tão agradável quanto ele tinha sido ultimamente.

O policial deu um passo para o lado, e meu pai marchou por ele. Susan, mãe de Mercedes, seguiu nos seus calcanhares. Seu cabelo - Impossível! Ela era gótica. Ela tingiu o cabelo de preto. Era uma bagunça enrolada com mechas verdes vívidas entrelaçadas ao longo do processo. Seu vestido preto de estilo-prostituta estava enrugado. Linhas de raiva e tensão juntas nas pestanas falsas verde e próximo de sua boca.

Meu pai estava da mesma maneira desordenado. Sua camisa estava solta, e ele usava mocassins marrons vagabundos.

— Você está bem? —, Perguntou-me, sua voz profunda com preocupação.

A preocupação me surpreendeu um pouco. Da última vez que eu o vi, ele tinha se chateado comigo.

— Eu estou bem.

— Graças a Deus —, disse ele, e soltou um suspiro de alívio.

Suas pegadas estrondearam quando ele fechou o resto da distância entre nós. Ele curvou uma mão sobre meu ombro e apertou.

— Eles me chamaram, e... — Um tremor passou por ele. — Eu não tenho parado de me preocupar desde então.

Susan cruzou seus braços ao longo do seu peito e olhou para Mercedes.

— Como você pôde fazer isso? Diga-me como você pôde tranquilamente infringir a lei, deteriorar a propriedade de alguém e, em seguida, mentir sobre estar presa em um estúpido jogo.

Permanecendo calada, Mercedes virou para longe dela.

— Você percebe que você é uma má influência para sua irmã? Ela admira você.

— Eu nunca menti —, Mercedes disse suavemente.



Susan riu amargamente, uma perfeita mímica do riso anterior de Mercedes.

— Eu não sou estúpida, mas estou farta. — Ela virou -se para o meu pai, seus olhos encontraram-se por um breve segundo. — Este comportamento termina agora.

Minha respiração desceu quente e superficial em minha garganta. Esse era o mesmo tipo de “olhar” que Linnie e Robb tinham compartilhado o dia antes de eu entrar no jogo – ou anos tinham se passado? Parecia que uma eternidade tinha avançado lentamente despercebida. Só que esse olhar estava mais aquecido, mais intenso e cheio de desejo.

Eu quis negar isso, fingir eu não tinha visto isso.

— Eu sinto muito, Blake, — Susan disse. — Minha filha envolveu a sua nisso e isso é imperdoável. Mercedes sempre foi problema, mas trazer sua pequena garota inocente com ela...

A boca de Mercedes abriu-se.

— O quê?

Eu pisquei em choque.

— Yeah. O quê?

— Sinto muito, também, — o meu pai respondeu, ignorando -nos, concentrando-se apenas em Susan. — Eu achei que elas se odiavam, e eu sempre lamentei o fato. Até agora. Acho que eu prefiro o ódio a... — a mão dele apontou para nós — ... isso.

— Eu a castigarei, — Susan o assegurou. — Mercedes *lamentará* por isso.

Eles estavam colocando toda a culpa em Mercedes; eles me viam como a inocente. Inacreditável!

— Você não me ama mais? — Mercedes perguntou suavemente. Ela encarou a mãe dela, uma lágrima rolando em sua bochecha.

— Eu te amo, — disse Susan, seus traços desmoronando. Ela deu um passo em direção a Mercedes, então parou. Ela endireitou os ombros e elevou seu queixo. — Eu te amo, mas não posso tolerar mais o seu comportamento.

Mercedes bateu o punho contra a superfície da mesa, e a força vibrou todo o caminho até mim.

— Não fiz nada de errado.

— Você invadiu um prédio e arrastou a pobre da Jade com você.

— Bem, — comecei. Eu não queria fingir ser inocente nisso. Eu assumiria a minha parte. — Mercedes não me arrastou junto. Eu pedi a ela para me buscar, e...

— Cale-se, Jade, — meu pai disse. — Mercedes *a* pegou. *Ela* dirigiu até o edifício. Todos nós sabemos de quem é a culpa aqui.

— Sim. — Parecendo totalmente exausta, Susan esfregou uma mão por sua face, borrando o rímel dela. — Não tente defender ela.

— Pai, você não se lembra do jeito que eu saí de casa? Você não se lembra como eu desobedeci a suas ordens para ficar em casa?

Mercedes enxugou furiosamente suas lágrimas, secando-as. Seu queixo se ergueu desafiadoramente, e por um momento ela se assemelhou a mãe dela.

— Tudo com que você se preocupa agora é *ele*.

“Ele”, aparentemente, era meu pai. Ela cuspiu a palavra e olhou brava.

— Você deu um chute na bunda do papai por causa dele. Você destruiu a minha vida por ele. Tudo que fiz foi entrar em um prédio estúpido – e eu tinha uma boa razão. Você partiu o coração do papai. Você partiu meu coração. Tudo porque você é a pessoa mais egoísta do mundo.

Com as palavras de Mercedes, a caixa pequena e abafada que eu tinha encontrado hoje mais cedo fechou novamente ao redor de mim, me sufocando.

— Pai? — Eu consegui empurrar a palavra pela minha garganta constringida.

Ele tossiu.

— Nós falaremos depois sobre isso, Jade.

Eu o encarei, sua expressão culpada, e eu soube, *soube*, que ele e Susan eram mais que amigos.

— Quanto tempo? — Eu cerrei os dentes.

Silêncio. Silêncio pesado e esmagador.

— Quanto tempo!? — Em uma perfeita imitação de Mercedes, eu bati meu punho na mesa.

— Anos. — Mercedes falou comigo, mas luziu para a mãe dela. — Dois anos.

*Dois anos.* E eu não fiquei sabendo. Não tinha suspeitado. Ele escondeu Susan de mim como um segredo sujo. “Nós vamos sempre ser honestos um com o outro”, ele tinha me falado uma vez. Yeah. Certo. O que isso significava era que eu precisava contar todos meus segredos enquanto ele mantinha os dele seguramente distantes.

Eu nunca me senti tão traída.

— Jade, — ele começou.

— Não, — eu disse, asfixiando minha raiva, minhas lágrimas. — Não. — Eu gostaria de poder iludir a mim mesma e fingir que era apenas parte do jogo. Não era. Mercedes sabia antes do jogo e, como eu, sua mente não tinha sido alterada. Ela tinha as mesmas memórias que tinha antes.

— Olay, pessoal. — O policial coçou o lado de seu rosto e ajustou seu cinto; ele parecia desconfortável ouvindo nossa família brigar. — Vamos acabar com isso.

Susan suspirou pesadamente.

— Eu sinto muito por você descobrir desse jeito, Jade.

— Nós podemos ir agora? — Eu pedi ao oficial, enquanto a ignorava. Eu não olhei na direção de meu pai, também.

— Sim.

Meu pai suavemente agarrou o meu braço e me ajudou a ficar em pé.

— Vou te levar para casa, querida. Susan, — acrescentou com um aceno. Ele pausou. — Vou ligar para você de manhã.

Ela acenou com a cabeça em retorno e olhou para longe com culpa.

Eu fui arrastada da sala, mas meu olhar permaneceu preso em Susan o tempo todo enquanto perguntas corriam por minha mente. Ela tinha saído com meu pai antes da morte de minha mãe?

Minha mãe ficou sabendo?

Nem meu pai nem eu falamos uma palavra quando nós saímos da estação em nosso carro. Ele ligou o motor. Sopros de ar fresco escoaram das aberturas, e uma música clássica balançou suavemente dos auto falantes.

— Susan e eu... — ele começou.

— Não, — eu disse, parando-o. Eu estava muito desgastada, muito crua. — Apenas não fale. — Eu olhei para fora da janela, com as estrelas piscando no céu negro.

— Eu tenho que...

— Não. Você 'teve que' anos atrás. Agora é muito tarde.

— Eu não sabia como te contar. Você era tão chegada a sua mãe e estava devastada pela morte dela.

Minhas mãos ficaram duras na minha calça, torcendo o material. Eu não queria ouvir isso.

— E você não ficou? Lembro-me da maneira que você chorou por ela. Era uma mentira?

Ele inclinou a testa contra o volante.

— Eu não quero que você pense que eu estava substituindo ela. Eu nunca teria...

Eu apertei minha pálpebras bem fechadas e bloqueei sua voz. Você sabe o que é engraçado de um modo horrível e destorcido? Dr. Laroque e Sra. Hamilton pensavam que tinham que me colocar dentro de um jogo de RV para tirar minha identidade, para me ensinar uma lição, e me fazer apreciar a vida que eu costumava ter.

Eles não precisavam.

Tudo o que eles tinham que fazer era me contar sobre meu pai e a mãe de Mercedes.

## CAPÍTULO DEZ

*Garotos são de Marte.*

— O café da manhã está pronto, — meu pai chamou, a voz dele penetrando por minha porta fechada do quarto.

Meus olhos se fecharam firmemente, eu gemi e rolei por cima da minha cama. Luz solar apareceu além das minhas cortinas, luminosa, mal recebida e não desejada.

— Vá embora, — eu coaxe. — Quero dormir mais.

— Para cima e avante.

— Nãooooo.

— Sim.

Eu tinha me atirado e virado a noite toda e finalmente acabei chorando até dormir. Agora minhas pálpebras estavam pesadas, meus olhos queimavam e meu tórax doía. Talvez se eu dormisse por uma eternidade, eu acordaria descansada.

— Se levante, Jade, antes que eu jogue água gelada no seu rosto.

Ele faria isso, também; ele já tinha feito isso antes. Eu bati um punho no travesseiro macio e olhei para cima, enquanto piscava abrindo meus olhos cansados. Minha boca se alargou em um bocejo e eu arqueei minha espinha. Meu cabelo caiu nas minhas costas, fazendo cócegas.

— Você se levantou? — Ele exigiu.

Eu lancei meu travesseiro na porta.

Ele riu, e o som da sua diversão fez meus dentes trincarem. Ninguém deveria estar tão feliz no período da manhã — especialmente ele. Não depois de ontem à noite.

Eu me apressei no chuveiro, depois fui ao meu guarda-roupa, encarar o mar de roupas pretas. O que quer que eu usasse, eu me pareceria precisamente com mil outras pessoas.

Suspirando, arrastei para fora um par de calças pretas apertadas. Coloquei um cinto grosso de prata brilhante ao redor da minha cintura. Se eu tivesse um vestido branco, o usaria. Em vez disso acabei vestindo um top fofo de mangas pretas com veias pratas

correndo através dele. Eu escovei meus cabelos e os deixei caírem sobre as minhas costas.

Na mesa da cozinha, meu pai estava com uma espátula colocando nos pratos ovos, toucinho e torrada. Ele me fitou e sorriu.

— Você parece bonita.

*Não sorria para mim*, eu quase repreendi.

— Eu pareço exausta.

Lentamente seu sorriso desbotou. Ele colocou um prato na minha frente, colocou um do lado dele da mesa, e relaxou em sua cadeira.

— Escute, sobre ontem...

— Esqueça. — Eu coloquei o garfo e dei uma mordida com minha boca nos ovos-muito-salgados.

— Eu devia ter te contado sobre Susan. Eu admito isso. Eu estava errado. Mas quero que você goste dela, Jade. Eu... eu a amo.

Eu engoli, os ovos caindo como chumbo no meu estômago.

— Você vai entender um dia, — ele prosseguiu. — O amor é algo que você não pode lutar ou controlar. Simplesmente acontece, e você fica indefeso.

*Pare*, eu quase gritei.

— Você estava... namorando ela antes da mamãe morrer?

— Não, — ele disse firmemente.

Eu empurrei meus ovos com meu garfo, deslizando eles de um lado do prato para o outro.

— Por que a manter em segredo então? Se você a ama como você diz, por que a esconder de sua única filha?

— Eu não achei que você estivesse pronta para aceitar outra mulher na minha vida.

— Você não me deu uma chance, não foi?

Suas bochechas coraram ligeiramente. Um ponto para mim. Pena que foi uma vitória agri-doce e não me fez ficar feliz.

— Olhe, — eu disse, enquanto ficava em pé, — eu tenho que ir.

Ele ficou em pé, também.

— Eu dirijo.

— Não obrigada. Eu vou a pé.

Considerando que eu deixei a minha bolsa e livros na escola, eu não tinha nada para levar. Eu coloquei minhas mãos nos bolsos e,

sem outra palavra, fui para fora. Assim que eu pisei sobre a varanda e uma brisa de ar fresco e fragrante me acariciou, um carro funerário parou na calçada. Eu pisquei em surpresa, não sabendo o que esperar.

Bobby se desvelou do assento do motorista, Avery do lado do passageiro. Esse não era o carro habitual deles. Ela sorriu e acenou para mim.

— Eu tentei ligar e mandar e-mail – novamente – mas você não respondeu. De qualquer maneira, eu ouvi dizer que você caminhou para a escola ontem e não queria que você tivesse que fazer isso novamente. Venha, vamos!

Atrás de mim, ecoaram pegadas do meu pai.

— Quero dirigir, querida, assim nós poderemos continuar nossa conversa.

Eu não virei, não respondendo de forma alguma. Terror passou por dentro de mim, eu corri para o carro funerário e pulei para dentro na parte de trás. Eu olhei de relance para a varanda. Meu pai estava franzindo a testa, com os olhos um pouco triste. As chaves do carro balançavam nos dedos dele.

Minha garganta constringiu.

— Dirija,— eu comandeí Bobby.

O carro acelerou em movimento e logo (felizmente) meu pai estava completamente fora de vista. Quando ele disse que ele amava Susan, eu tinha sentido as palavras me cortarem completamente o osso. A mulher tinha substituído a minha mãe em seu coração. Era injusto. E errado. Ela não era suficientemente boa para ele!

— Por que você não respondeu seu Sidekick? — Avery me perguntou.

Eu mordi meu lábio e encolhi os ombros.

— Eu perdi ele? — As palavras emergiram mais como uma pergunta do que uma declaração.

— Oh, — disse ela, decepcionada .

— Então, Jade, — disse Bobby, rompendo meus pensamentos, — ouvi dizer que você estava andando com Mercedes Turner na noite

passada. O que está acontecendo? Primeiro você defende ela em sala de aula, depois de bom grado gasta tempo com ela.

— Yeah. — Avery endireitou o cabelo dela para trás e fixou os escuros em um rabo de cavalo trançado. — Ela é uma perdedora. Você não está com medo de ser manchada por ela?

Como posso responder a isso? O que eu poderia dizer que não os faria fazer outros dez milhões de perguntas?

— Bem? — Avery incitou. — Vocês não têm sido você mesma ultimamente. O que está acontecendo com você?

— O que, vocês são meus pais agora e eu tenho que me explicar a vocês?

— Não. — Bobby arqueou suas sobrancelhas. — Mas eu seria o seu papaizinho se você me pedisse com carinho.

Avery bufou e o esbofeteou no braço.

— Você é pervertido demais. — Ela virou -se a mim. — Ela me ligou ontem, você sabe, e disse que nós éramos melhores amigas e você era uma fraude. — Avery fez um barulho de engasgo. — Até parece.

— Ela ligou para você? — Eu perguntei, e Avery acenou com a cabeça.

— Eu acho que ela está usando drogas pesadas, — Bobby disse.

— Eu ouvi dizer que o pai dela está morando com uma veterana de Capital Hill. Como pode uma coisa tão nojenta?

Bobby encolheu os ombros.

— A mãe dela é booooo, entretanto. Quente. Eu pegaria, sem dúvida nenhuma.

Avery bateu no braço dele de novo.

— Você quer pegar cada rabo que você vê.

— Ow! Nada de errado com olhar. Jade sabe que eu nunca a tocaria.

Novamente, Avery bufou.

Eu assisti a troca com fascinação. Eles estavam relaxados, completamente à vontade, e faziam questão de me incluir lançando-me olhares conspiratórios. Achei estranhamente reconfortante. E fui percebendo que ser reconfortada por Bobby e Avery me fez sentir culpada, com o se eu estivesse traindo Erica,



Linnie e Robb. Eu suspirei. Eu nunca me sentiria sã e em paz novamente?

— Parece que John Hodges pretende apostar corrida comigo, — Bobby disse. Ele acelerou e nós aceleramos em alta velocidade.

A respiração ficou presa na minha garganta, e meu coração golpeou como uma bateria de banda de rock.

— Reduza a velocidade! — Estávamos perto da escola e as crianças estavam na calçada.

Bobby riu.

— Eu posso, cara, eu posso! Ele nunca vai nos pegar. Eu tenho habilidades furiosas atrás do volante.

— Reduza a velocidade, — eu disse, e com mais força neste momento. Eu apertei meus olhos fechados assim eu não teria que ver as árvores e as pessoas que zumbiam atrás de nós.

Quando chegamos à escola, Bobby reduziu a velocidade (graças a Deus!) e estacionou tão perto da porta da frente quanto possível - na verdade, em uma vaga para deficientes, que era extensamente conhecido como "o lugar de Bobby". Ninguém se atrevia a puni-lo pelo medo que ele acabasse com a raça deles. Até mesmo Sra. Hamilton o deixou estacionar lá, a hipócrita.

Por que ele não estava aprendendo uma lição?

— Nós precisamos ensinar uma lição seriamente para aquela Barbie extravagante, — Avery disse.

Ouvindo-a imitar meus próprios pensamentos me faz pausar.

— Só deixe ela em paz, — eu disse.

Mas havia um doce tipo de justiça no pensamento de Avery que perseguia Mercedes. O problema era que tanto eu quanto Mercedes estávamos no processo da miserável aprendizagem de Dr. Laroque e Sra. Hamilton. Nós não precisamos de ninguém nos instruindo. Avery encolheu os ombros e colocou a bolsa de veludo preta sobre eles. Ela saiu do carro, uma fada deusa concedendo a sua presença em seus assuntos. Ela parecia incrível hoje. Ela tinha alvejado e descolorido várias faixas mechas de seu cabelo em branco de forma que elas fizeram um contraste chocante contra o preto dos cachos. Ela usava uma minissaia desfiada e suspensórios multicores que imitavam asas.

Eu teria adorado a roupa em qualquer outra pessoa.

Soltando outro suspiro, eu saltei para fora na manhã luminosa e ligeiramente fria. Minhas pernas estavam um pouco trêmulas.

Bobby correu para olhar fixamente John. Crianças góticas estavam em todo lugar. Algumas vadiavam no pátio, conversando, algumas entravam no edifício, prontas para começar seus dias.

*Bem-vindo ao inferno*, eu pensei.

Sra. Hamilton não apareceu aquele dia. Na realidade, o vice-diretor anunciou que Hammy estava doente e não voltaria durante algum tempo. Eu sabia que a mulher diabólica não estava doente (menos da cabeça). Ela simplesmente era muito covarde para enfrentar Mercedes e eu.

Luz verde: as eleições estudantis foram adiadas até o seu retorno. Pelo menos eu não teria de lidar com a vida de presidente. Outra luz verde: Avery e os outros não eram todos assim tão maus. Toda vez que me viam no corredor eles gritavam alegremente. Eles pareciam realmente gostar de falar comigo, eles me ouviam. Eles me *incluíam*.

Eu odiava isso ontem. Por alguma razão, não me incomodava hoje. Talvez o choque da troca de realidade tivesse acabado. Eu não sei. Eu apenas, bem, eu fui zoada por tanto tempo, era bom ser aceita para variar - ainda que eu soubesse, no fundo, que era errado.

Ao deixar a escola, eu nem me importei quando Avery que me jogou um beijou de adeus no ar. Eu costumava vomitar quando ela e Mercedes faziam isso, mas eu, estúpida, meio que gostava disso quando *eu* estava envolvida.

— Você vai para a reunião do Clube do Caixão?

Eu enruguei meu nariz. O que era Clube do Caixão? Espere, talvez eu não quisesse saber.

— Não.

— Oh. — Ela suspirou em desapontamento. — Você quer uma carona pra casa?

Um grupo de rapazes sobre skates passou por nós.

— Na, — eu disse. — Eu vou ficar bem.

— Até amanhã então, — ela disse. — Ligue-me mais tarde, ok? Te amo.

— Te... amo, — eu devolvi, enquanto franzia a testa. Eu nem mesmo dizia isso para Erica e Linnie. Não que elas dissessem isso para mim.

Pensativa, eu voltei a me movimentar e fui em direção ao meu armário. Eu contornei o canto, só para ver Clarik fazendo careta e apontando um dedo em um rosto pálido e trêmulo de menino tremendo.

— Não se grita com as garotas. Você me entendeu?

— Eu sinto muito. Eu não quis dizer nada disso.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei, olhando ao redor da crescente multidão.

Clarik girou ao redor, de frente para mim. O menino usou sua distração como vantagem e fugiu.

— Eu não gostei da maneira como ele estava tratando à namorada, isso é tudo. — Seus olhos estavam brilhantes de fúria. Ele andou na minha direção sem dizer outra palavra e enfiou a mão em seu bolso. Quando ele passou por mim, ele não parou, não reduziu a velocidade, apenas retirou a sua mão, colocou uma anotação na minha, e continuou andando.

Eu parei, olhando para baixo confusa. Depois de desdobrar ela (com mãos trêmulas), eu li:

## Me encontre no campo de futebol.

Encontrá-lo. Eu. Eu quase beijei o papel antes de enfiá-lo no meu bolso. Por quê? Gostaria de saber. O que ele queria? Ansiosa, eu não perdi tempo recolhendo os meus livros – por que me incomodar com os trabalhos de casa quando esse não era o mundo real? – Eu saltei para o campo e me apoiei contra o pôster de parede preto-e-vermelho. Não havia muitos garotos treinando porque futebol não era mais animal.

Nenhum sinal de Clarik entretanto.

Vários minutos passaram, mas ele não chegou. Onde ele estava? Talvez ele estivesse aprontando uma brincadeira para cima de mim

e não ia aparecer. Senti que a cor do meu rosto sumiu. Eu não iria esperar por isso. Eu pisei em direção ao campo, pretendendo caminhar para casa, quando notei Mercedes, Erica, e Linnie trotando sobre a margem. Eu congelei no lugar.

Erica e Linnie estavam usando shorts curtos e tops esportivos, e começaram a saltar para cima e para baixo e gritar, "Vai time!" Mercedes estava as instruindo sobre... torcida? Sério?

— Mantenha suas pernas retas. — Pausa. — Boa. Perfeito.

Elas engoliram cada palavra dela como se ela estivesse dando - lhes instruções sobre como colar nos exames de vestibular sem ser apanhada.

Escondida como eu estava pela paredes espessas, elas não tinham me notado ainda. Eu assisti e escutei descaradamente. E sim, eu estava com ciúmes sobre a camaradagem fácil que elas compartilhavam. Deveria ser *eu* lhes ensinando. Não que eu saiba alguma coisa sobre torcida. Não que eu já tenha planejado aprender. Mesmo assim.

— Seus punhos estão quebrados, — disse Mercedes. — Você tem que manter os braços retos. Dessa forma. — Ela ergueu seus braços sobre a cabeça dela em um V. — Viu?

Ambas as garotas assentiram com a cabeça e imitaram a ação.

— Bom, — ela elogiou. — Vocês conseguiram. — Com apenas um sussurro, ela perguntou, — Onde está o Perna de Pau... Quero dizer, aquele garoto alto? O que sempre está andando por aí com você? Robin? Eu pensei que ele ia estar aqui, assistindo.

Linnie revirou seus olhos e deixou-os cair ao lado dela.

— Você sabe o nome dele. Você sabe os nossos nomes, também, e eu desejo a Deus que você pare de fingir que não. A piada está ficando velha.

— Robb está em casa, — disse Erica, enquanto caía na grama verde. Suor brilhando na pele pálida dela. — Ele pensa que você o odeia.

Um olhar de culpa flamejou no rosto de Mercedes.

— Apenas ligue para ele e lhe diga que estou arrependida por gritar com ele, certo? Eu só não quero, bem, sair com ninguém agora.

— Você está terminando com ele? — Linnie perguntou. Não havia nenhuma raiva no tom dela. Ela olhou abaixo para os sapatos dela e chutou uma pedra. — Isso é sério?

— Nós nunca realmente namoramos, — disse Mercedes, exasperada. — Esqueça sobre isso. Eu não quero mais falar sobre ele. Nós precisamos comprar Sidekicks para vocês. Dessa forma, vocês podem ligar, mandar e-mail e textos para mim com as últimas fofocas. Aver... não importa. Basta comprar um em breve, ok?

— De jeito nenhum. Isso é tão conformista. Eu ouvi dizer que esses clones góticos usam. — Erica rolou ao lado dela e encarou Mercedes. — Hey, você não deveria estar em casa? Você está de castigo.

— Como se minha mãe realmente pudesse me forçar a ficar em casa se eu não quero estar lá.

Linnie passou a mão pelo seu curto cabelo castanho.

— Por que você está andando com Jade Leigh, afinal? Pensei que você odiava ela tanto como nós. Ela é...

— Hey, — disse Clarik.

Ganindo, eu virei com rapidez para ficar na frente dele.

— Clarik, — eu disse, uma sugestão de culpa na minha voz. Pega espionando. Como era embaraçoso. As meninas tinham me ouvido?

Ele riu, os olhos azul dele brilhando.

— Desculpa. Eu não pretendia te assustar. Obrigado por esperar por mim.

— Sem problema. — Ele não tinha pretendido fazer uma brincadeira comigo! Com o coração desacelerando, eu virei para trás em direção à parede e espiei o campo de futebol. Meus ombros caíram. As meninas tinham desaparecido. Merda. Eu queria ouvir a resposta de Mercedes.

Suspirando, eu me volvei para Clarik.

— Eu fui barrado pelo Sr. Parton, — ele continuou. — Ele disse que tinha ouvido que você e eu éramos amigos e me perguntou se eu sabia por que você tinha matado a aula dele ontem.

Enrijecendo, eu cruzei meus braços em cima da minha cintura. Luz solar verteu em cima do rosto de Clarik, enquanto fazia o

cabelo escuro dele parecer fiado com ouro. Os olhos dele vislumbraram brilhavam como safiras azuis gêmeas.

— O que você disse a ele? — Eu perguntei.

— Que eu não sabia. — Ele piscou para mim. — O que é verdade.

— Obrigada. — Eu relaxei. Com tudo o que tinha dado errado ultimamente, eu não queria adicionar Sr. Parton na mistura. Essa era uma tortura melhor para, bem, nunca. — Então por que você queria me ver? — Eu mordei meu lábio. — Sua anotação não dizia.

A diversão de Clarik sumiu lentamente e ele me olhou atentamente.

— Eu só queria perguntar se você estava bem. Após o almoço de ontem...

Eu me forcei a rir e renunciar a preocupação dele.

— Apenas um dia ruim. Eu estou melhor agora. Sério. — Como um menino podia ser tão atraente? Ele estava usando calças jeans e uma camiseta cinza, para fora da calça. O cabelo dele estava desarrumado, um pouco ondulado, e os cílios dele eram tão longos que lançavam sombras em cima das bochechas.

— Posso te contar um segredo? — Ele disse, se inclinando para mim.

Uma brisa fria dançou entre nós, enquanto jogava o cabelo no meu rosto. Fitando para cima e nos olhos dele, eu joguei as mechas para o lado.

— Sim. — Eu quase recuei por causa do quão ofegante eu soava.

— A verdadeira razão de eu lhe pedir para me encontrar aqui era para que eu pudesse lhe convidar para ir à festa de Bobby comigo.

Eu ofeguei. Ohmeudeus. Ele estava me convidando para sair. Sair-em-algum-lugar-junto-com ele.

— Eu... eu não sei, — eu me encontrei dizendo, uma onda de nervosismo varrendo através de mim. Porra, eu queria dizer sim.

Eu nunca tinha sido convidada para sair antes. E se eu fizesse papel de boba? E se eu ficasse com comida no meio dos dentes ou se eu saísse do banheiro com papel higiênico nos meus sapatos?

— Diria que sim se eu lhe pedir para me encontrar lá? — perguntou, determinado.

Eu ofeguei novamente, mas dessa vez eu acenei com a cabeça.

Lentamente os lábios dele se transformaram num sorriso.  
— Então eu a verei lá.

Sábado à noite chegou muito cedo e não cedo o bastante. O que significava que era hora de sair para a festa de Bobby. O que significava que eu iria em breve ver Clarik.

Por que eu tinha concordado em ir? Eu desejei saber nervosamente, enquanto encarava meu reflexo no espelho. Meu apertado vestido de vinil coube perfeitamente, a bainha há algumas polegadas dos meus joelhos. Eu tinha colocado minhas botas altas até os joelhos e eles abraçaram o comprimento das minhas panturrilhas.

— Eu pareço uma dominadora, — eu murmurei. Nem pensar que eu ia me trocar, no entanto. Eu tinha passado toda noite de sexta-feira e hoje revirando meu armário, me deixando louca. Escolher esta roupa tinha quase me matado, e eu não ia reviver o processo para algo diferente.

Meu cabelo fluiu nas minhas costas, as mechas azuis a única cor que eu usava (além do preto, isso é). Eu tinha amarrado tiras pretas em meus braços, e polvilhado glitter escuro sobre minha pele.

*Bi. Bi. Biii.*

Oh Deus. Minha carona está aqui. Minhas mãos começaram a suar e meu coração começou a operar intensamente. Fiquei feliz de repente em não ter concordado em deixar Clarik me buscar. Já queria vomitar e ele não estava nem mesmo próximo.

—Jade, — meu pai chamou. — Taylor está esperando.

— Eu estou indo, — eu disse a ele. Olhei para o meu reflexo pela uma última vez. Esta era a minha última chance de adicionar um colar ou retocar minha maquiagem. Talvez eu devesse acrescentar mais brilho nos meus lábios. Talvez eu deveria devesse usar o meu sapato de saltos com alças em vez de botas.

*Biiii.*

— Jade.

— Estou indo! Jesus. — Decidindo não fazer mais nada, eu agarrei minha bolsa aveludada e sai do meu quarto. Meu pai estava

esperando na porta da frente, segurando ela aberta. Eu dei um beijo de adeus.

— Tenha cuidado, — ele disse. — Mercedes não vai estar na festa, vai?

— Pai. Por favor. — Sem outra palavra, corri para o Sentra vermelho de Taylor Bale e deslizei para dentro. Taylor era - ou tinha sido - uma das melhores amigas da Mercedes. Ela nunca me chamou de esquisita, não na minha cara, pelo menos, mas ela nunca falou uma palavra a meu favor, também. O principal alvo de *sua* maldade tinha sido Robb.

— Hey, Taylor. — Ali estava de novo - culpa por socializar com (e realmente desfrutar) os inimigos dos meus verdadeiros amigos. — Obrigada por ter me apanhado.

— Porque está me chamando de Taylor? Você sempre me chama de Cheesy.

Minha face se apertou em confusão.

— Por que eu te chamo assim?

— Uh, oi, porque eu sempre estou sorridente. Você é o que me deu o nome.

O-kay. Não sabia disso.

O carro acelerou em movimento.

— Noooossa, garota, — Taylor - uh, Cheesy - disse quando nós estávamos planando abaixo na rodovia. — Você parece perversamente quente.

— Obrigada. — Ela parecia muito, também. Seu cabelo escuro estava torcido em cordas em cima da cabeça e ela usava um vestido apertado preto. Se essa fosse à vida real - *Pare, não pense assim. Não é. Seus verdadeiros amigos não querem sair com você.*

Eu odiava ter que admitir isso, mas as Barbies-agora-góticas cresciam no meu conceito a cada minuto que passava. Tal como um vírus. Ou um fungo. Com cada sorriso que me davam, cada coisa amável que faziam por mim – como me buscar para que eu não tivesse que dirigir – me fazia esquecer-se da maneira que eles tratavam a mim e meus amigos.

Uma semana atrás, eu teria jurado a Deus que eu nuncaalaria com qualquer sócio do clã da Barbie, nunca sairia com eles. Nunca



os perdoaria. Agora olhe para mim. A esta altura, eu ia ter que começar a me lembrar de que eu preferia a individualidade ao invés de popularidade.

— Eu senti sua falta na reunião de Clube do Caixão, — ela disse.  
— Por que você não foi?

Okay, eu realmente tive que perguntar.

— O que exatamente é o Clube do Caixão?

— Duh. Como se você não soubesse. Nós nos reunimos um dia por semana e falamos sobre morte, esse tipo de coisa. Esta semana a reunião realmente foi uma droga sem você. Nós acabamos saindo cedo sem planejar nossos funerais ou qualquer coisa.

— Desculpe, — eu disse, e fiz uma nota mental para não comparecer a reunião da próxima semana, também. A morte era coisa da Linnie, não minha.

— Esta vai ser *a* festa, não é? — Cheesy disse. — Animaliciosa. Melhor do que a festa de boas vindas do Bobby ano passado. Lembra-se ou estava tão loucamente bêbada como eu? — Ela não me deu tempo para responder, não que eu tivesse um. — Ouvi dizer que o novo garoto, Clarik, vai estar lá, e ele é tão gostoso. Misterioso, você sabe. Ele não pertence a um único grupo - que eu saiba. Talvez ele pense que ele é muito bom para todas nós.

Ouvir o nome de Clarik me fez ficar nervosa novamente.

— Talvez ele goste de todo mundo.

Ela encolheu os ombros, como se isso nem mesmo fosse uma opção.

— Eu pensei em convidar ele para sair, mas eu não quero parecer muito fácil. Seja fácil, sim. Pareça isso, não. — Ela riu, despreocupada. Desinteressada. — O que faria você? Convidaria ele para sair? Eu aposto que você iria. Você é, tipo, a menina mais valente no universo conhecido.

Eu? Valente? Quem me dera. Eu não me sentia valente no momento. Eu poderia vomitar de fato.

— Então você faria isso? — ela continuou. — Convidaria ele para sair, eu quero dizer?

— Bem, — eu disse relutantemente, — *ele* meio que *me* convidou para sair.

A boca dela ficou aberta.

—Sério? O que você disse? Você disse que sim, não disse? Eu posso dizer que você tem uma queda por ele, mas e quanto a Bobby? Ele é seu namorado, e vocês dois estão saindo há, tipo, um tempão.

— Dificilmente. — Eu não tinha absolutamente mais nenhum interesse em Bobby. Ele era bom o suficiente (quando ele não estava dizendo às pessoas que estávamos dormindo juntos), definitivamente bonito o suficiente, mas o sentimento de que ele tinha que ser meu que eu experimentava cada vez que eu olhava para ele já tinha ido embora.

— Ohmeudeus, vocês terminaram? Vocês terminaram não é mesmo? Me deixe adivinhar. Você ouviu do Moore sobre a piranha que ele pegou há algumas semanas. Bem, fico aliviada. Eu aposto que ele está agora estragado com mil doenças.

Não, eu não tinha ouvido. Mercedes tinha? Espere. Ele e Mercedes estavam saindo antes de nós entrarmos no jogo ou eles tinham terminado? Eu perdi a noção. Ainda assim. Eu massageei minhas têmporas, tentando desviar a próxima dor. Mercedes não era minha amiga, mas mesmo ela merecia algo melhor do que um namorado a traindo.

— Assim ficaria, tipo, bem se *eu* falasse com o Bobby? — Cheesy perguntou. — Não vou se você não quiser, então você pode me dizer a verdade. Não quero furtar a sua propriedade, mas ele é tão gostoso.

Okay. Sério. A menina muda de interesse amoroso tão frequentemente quanto muda de roupa íntima?

— Fique a vontade. Ele é todo seu.

Um sorriso se espalhou por todo seu rosto.

— Muito animal.

Chegamos à festa elegantemente tarde. Música vociferava da casa e as crianças caíam de portas e janelas (derramando cerveja e rindo), assim rolando no perfeitamente cuidado gramado. Acho que tinham tido algumas pegações loucas porque alguns deles estavam dando amassos. A Gótica Asiática estava chupando o pescoço do jogador de futebol Matt Henassey. E - era um nerd de banda

acariciando uma antiga líder de torcida em cima de um Mustang vermelho cereja?

As festas de Bobby sempre foram assim? Eu sempre me perguntava secretamente o que acontecia quando as crianças “legais” ficavam juntas. Eu esperava tagarelice e risadas, e não esta... selvageria. Querendo ver tudo de uma vez, eu teci o meu caminho através da multidão. Cheesy conversava continuamente do meu lado.

— Olhe, Jade está aqui, — eu ouvi alguém dizer

— Oi, Jade.

— Posso te arranjar uma bebida, Jade? Cerveja? Mista?

— Não, obrigada. — Eu não me importava em beber, mas já me sentia fora de controle, e eu não precisava de álcool para tornar isso pior. Não havia como saber o que eu ia revelar. Eu pisei dentro da casa, que provou ser mais apertada do que o jardim. A sala de estar estava abarrotada com góticos. Eu não acho que eu alguma vez vi tanto top negro, saias pregueadas curtas, ou piercings.

Havia um grupo de crianças sentadas ao redor da mesinha de centro, brincando com um tabuleiro Ouija. Eles eram as pessoas que me chamava de “maligna” por fazer o mesmo. Eles gesticularam para me juntar a eles, mas eu balancei minha cabeça.

A música estava alta. Na realidade, tão alta que minhas orelhas zumbiam e uma vibração leve planava por minha espinha. Pessoas estavam dançando de modo selvagem em toda direção, cabeças balançando, cabelo voando. Eu nunca tinha visto meus colegas tão indisciplinados. As pessoas atravessavam os quartos diferentes de um lado para outro, enquanto brincavam de pega pega. Uma bola de praia estava sendo esbofeteada pelo ar.

Atrás de mim, eu ouvi um grupo de meninos que riam sobre “aberrações”. Eu me virei, bem em tempo de ver Mercedes sendo escoltado para a porta. Ela estava encharcada, sua camisa azul gelo e calça grudadas ao corpo dela como se ela tivesse sido empurrada em uma piscina ou tinha sido regada com mangueira de cerveja.

— Você não pertence aqui, — um dos meninos pronunciou inarticuladamente com um riso.

— Sim, eu pertença! — ela rosnou.

— Desaparece, aberração.

Seus olhos torturados se lançaram ao redor da sala, e em seguida colidiram com os meus por um milésimo de segundo. A porta da frente foi batida no seu rosto, e os rapazes se cumprimentaram. Espontaneamente, me senti me movimentando em direção à porta. Eu não sabia o que ia fazer; eu só sabia que eu não deveria deixá-la sair sem dizer algo.

— Venha, — disse Cheesy, agarrando meu braço e me arrastando para frente. — Vamos circular e olhar antes de decidir com quem devemos ficar.

Realmente, não havia nada que eu poderia fazer sobre Mercedes, eu admiti a mim mesma. Eu falaria com ela outro dia.

— Eu acho que eu preferiria encontrar um lugar para repousar. — Assim eu poderia assistir e ver tudo.

— Okay, — ela disse, decepcionada mas ainda se movendo. — Olha, é Avery. E a Michelle. Hey Michelle!

Meu olhar seguiu a direção na qual ela apontou e eu vi Avery falando e rindo em um canto sombreado com um menino que eu não reconhecia. Ao lado deles estava Michelle, uma ruiva com mais curvas que uma rodovia. Ela segurava uma garrafa de cerveja e estava dançando na batida da música.

Logo, meu olhar caiu em Bobby. Ele estava sussurrando na orelha de uma menina. A gótica novata sorria para ele com adoração nos olhos. Enquanto ele falava, os olhos dele perambularam pela multidão. Ele me espiou e parou de falar. Ele se despediu da menina sem olhar para trás e marchou até mim. Eu parei de repente.

— Vá em frente sem mim, — eu disse à Cheesy. — Há algo que tenho que fazer.

— Você tem certeza?

— Positiva.

— Okay. — Ela acenou com a cabeça e foi para fora.

Eu não queria falar agora com Bobby. O que eu deveria fazer?

— Jade, — uma deliciosa voz disse na minha orelha.

Eu girei ao redor. Meu coração parou e meus joelhos se agitaram um pouco.

— Hey. — Eu tive que gritar para ser ouvida acima da música.

Clarik aceno u com o queixo dele na direção da porta dos fundos. Eu mordi meu lábio e acenei com a cabeça. Sorrindo, ele apertou minha mão e me arrastou pela casa. Eu dei para o Bobby o mesmo tratamento que ele tinha dado a menina e não olhei para trás.

Embora Clarik usasse calça jeans e uma camiseta branca, embora o cabelo dele não fosse tingido e ele não usasse nenhuma pintura no rosto, ninguém o chamou de aberração. Por que isso? Eles tinham medo dele? Ele parecia feroz e forte e pronto para dar bordoadas.

Ele me levou para o quintal e meu nervosismo aumentou com cada passo. Sobre o que iríamos falar? E se eu soasse idiota? Embora não fosse nem perto do Natal, luzes estavam penduradas e brilhavam ao redor de um belvedere branco empolgante. Folhas verdes luxuriantes entrelaçavam a madeira riscada.

— Isso é melhor, — ele disse, enquanto ficava de frente para mim. Ele se apoiou contra a madeira, enquanto parecia relaxado e a vontade. — Nós podemos ouvir um ao outro agora.

Eu arranquei uma folha orvalhosa de um dos pedaços de madeira.

— Então... — Eu disse. Eu limpei minha garganta. *Você não estava nervosa aquele dia no estacionamento*, disse a mim mesma. *Por que você está nervosa agora?* — O que tem feito nesse fim de semana?

Ele encolheu os ombros.

— Carros, computadores, e irritando meu tio. O habitual, eu acho. E você?

Não tãooooo habitual.

— Irritando meu pai, eu acho.

Sua boca levantou em um sorriso que eu estava começando a amar e seus olhos azuis centelharam.

— Estou feliz por você ter vindo hoje à noite.

— Eu, também. — Soei tão idiota para ele como eu soei para mim mesma? — Ouça, eu queria pedir desculpas a você ontem, mas me distraí. Eu realmente estou arrependida sobre te deixar na mão

para almoçar no outro dia. Conseguiu comer antes de voltar para a escola?

Ele acenou com a cabeça.

— Eu comi um hambúrguer.

— Bom. — Eu coloquei meu lábio inferior entre os meus dentes.  
— Você entrou em apuros com seu tio por não me levar de volta?

— Não muito. — Uma pausa longa decaiu entre nós. Então: — Eu, uh, acho que nós deveríamos tentar novamente logo.

Minha testa enrugou em confusão quando eu repeti de novo nossa conversa em minha mente e fiquei em branco.

— Tentar o quê?

Ele tossiu e olhou para longe, além de mim, além do estaleiro.

Comer. Juntos. Num encontro. Onde na verdade eu vá te buscar.

Ohmeudeus, ohmeudeus, ohmeudeus.

— Eu gostaria, — eu disse. Muito. Eu não iria deixar meu nervosismo impedir dessa vez. Cheesy achava que eu era valente. Era hora de agir dessa maneira.

O corpo inteiro de Clarik relaxou (eu não tinha percebido que ele tinha endurecido) e ele sorriu.

— Nós realmente vamos comer dessa vez, certo?

Eu ri, surpreendida por quão calma de repente eu me sentia.

— Sim, nós vamos comer. Eu prometo. — Meu riso lentamente se acalmou, entretanto, quando eu percebi que eu tinha que ficar nessa falsa realidade para manter a minha promessa. Se eu voltasse para a minha verdadeira realidade, ele pode não se lembrar de que ele me convidou para sair. Ele pode até pensar que ele tinha convidado a Mercedes, uma vez que todos tinham confundido nossas ações após a mudança.

— O que há de errado? — ele me perguntou. Ele veio na minha direção.

— Nada, — eu disse, insegura se naquele momento eu queria voltar para a outra realidade - ou permanecer nessa por mais um tempo. Muito mais.

— Talvez possam os ver um filme, também, — ele sugeriu. — De que tipo de filmes você gosta? Espera. Tenho uma pergunta melhor. Qual é o seu filme favorito de todos os tempos?

Minhas bochechas queimaram com um rubor luminoso. Deus, eu odeio quando as pessoas me perguntam isso.

— Tudo Por Uma Esmeralda, — eu admiti. Eu poderia ter mentido, mas pensei que eu não deveria.

Os olhos dele se arregalaram.

— De jeito nenhum. Você está me zoando, certo?

Eu senti meu rubor se esparramar para o meu pescoço e clavícula.

— Não.

— Eu nunca teria achado que esse era o tipo.

Minhas costas se endireitaram e meus ombros esquadriharam.

— O que você acha que é o meu tipo?

— Não... romance. Underworld talvez.

O que ele quis dizer com isso?

— Bem, e quanto a você? Qual é seu filme favorito de todos os tempos?

— Hackers, — disse ele, sem hesitação. — Um menino é preso por criar um vírus e... — Ele se parou. — Desculpe. Sei que é velho, mas eu vi, tipo, mil vezes.

— Eu teria achado que o seu tipo era O Exterminador do Futuro.

Os lábios dele se contraíram.

— Então nós dois estávamos errados.

— De uma boa maneira? — Eu não consegui evitar perguntar.

— De uma boa maneira, — disse ele com um aceno. — Então o que você faz no seu tempo livre? Além de puxar as cordas de suas marionetes, quero dizer.

— Eu *não* tenho marionetes. — Eu ri, porque eu sabia que eu mentia. Eu ainda me sentia um pouco culpada sobre isso, mas eu gostava disso mais e mais a cada dia.

Quando meu olhar novamente encontrou o de Clarik, o meu riso morreu numa morte rápida. Seu olhar tinha se tornado intenso. Eu engoli o súbito caroço na minha garganta.

— O que você está pensando? — Minha voz estava sem fôlego.

— Você fica bonita quando sorri. — Ele se aproximou mais de mim. — Estou pensando em te beijar.

Eu pisquei. Ohmeudeus, ohmeudeus, ohmeudeus. Minha boca ficou seca, mas eu elevei meu queixo. Sim! Era isso! Eu não estava com medo. Eu queria beijar ele. Tão urgentemente. Meu primeiro beijo.

Lentamente, ele inclinou seu rosto para baixo. Sua respiração soprou na minha bochecha. Minhas pálpebras começaram a fechar. A qualquer momento sua boca roçaria na minha. Sua língua ia...

A porta dos fundos deslizou para se abrir. Avery e Cheesy saíram, rindo. Clarik e eu congelamos no lugar, assustados, e depois nos separamos.

— Jade, sua safadinha, — disse Avery. Ela e Cheesy vieram para cima de mim. — Nós procuramos você por toda parte. Tommy Barrett está fazendo um strip-tease na mesa da cozinha. Você tem que ver.

— Eu quase morri de tanto rir. — Cheesy deu risada. — Eu acho que Bobby vai dançar, também.

— Acho que vou ficar aqui, — eu disse a elas, enquanto olhava para Clarik. Ele se apoiou para longe de mim e estava com as mãos dentro de seus bolsos.

Avery fez um beicinho com sua boca. Cheesy perdeu seu sorriso (para variar).

— Mas...

— Está tudo bem, — Clarik disse. Ele deu outro passo para longe. — Eu tenho que ir de qualquer maneira.

Agora eu estava carranqueando.

— Mas... — Eu disse fazendo uma perfeita mimica de Cheesy. Eu vim aqui para ver ele e eu não estava pronta para o ver sair.

— Te vejo por aí, Jade. — Sem outra palavra, ele marchou para longe.

Confusa, eu o assisti. Por que ele tinha que ir tão rápido assim? O que tinha mudado seu humor fácil assim? Eu não tive tempo de pensar na estranheza disso. Avery agarrou minha mão e me arrastou para dentro da casa.

— Que tipo de amiga eu seria se deixasse você perder toda a diversão? — Ela disse. — Vamos.



Eu poderia ter protestado, mas não o fiz. *Diversão*. Quanto tempo tinha sido desde que eu tinha me divertido? Certamente já tinha passado uma eternidade. A perspectiva era tentadora. Inebriante.

Dentro da casa, alguém empurrou uma cerveja para mim e eu agarrei isso para impedir ela de cair no chão. Avery e Cheesey risonhamente me brindaram. Eu tomei um gole, mas ambas balançaram a cabeça.

— Uh, uh, uh, — disse Avery. — Bebida. Você tem que relaxar se você quiser se divertir!

Diversão, eu meditei novamente. Eu trouxe meio gole da garrafa. Normalmente eu não gostava do gosto de cerveja, mas me encontrei terminando o resto quando nós chegamos à mesa de cozinha. Eu até drenei outra.

Entre vivas e assobios, vários rapazes estavam, realmente, dançando em cima da superfície da mesa.

— Tira, vai, — uma garota gritou com alegria.

Bobby balançou os quadris e alcançou a cabeça dele com as mãos. Ele tirou a camisa dele, enquanto revelava um estômago forte, bronzeado. Meninas gritavam em encorajamento. Os olhos dele encontraram os meus; ele lançou a camisa para mim. O material drapejou na minha cabeça e uma onda de tontura me dominou.

Rindo, consegui me livrar. Naquele momento, me senti feliz, como se pudesse fazer qualquer coisa. Como se nada importasse. Nem o desaparecimento de Clarik, nem o jogo de realidade virtual. Nem meus amigos. Eu girei a camisa em cima de minha cabeça e a joguei de volta para Bobby.

Ele pulou para baixo, meninas gemendo com decepção. Ele chegou até mim, enquanto dizia:

— Vamos dançar.

Eu deixei ele me acompanhar para dentro da sala de estar, onde as crianças ainda batiam e trituravam tudo. Eu só tropecei duas vezes. Ele enlaçou os braços dele ao redor de mim e me puxou para perto. Minha bochecha se enredou no ombro nu dele.

— Você está quente hoje à noite, — ele disse.

— Obrigada. — A palavra estava inarticulada, até mesmo para minhas próprias orelhas. Eu franzi a testa.

— Eu estou feliz por você ter vindo. Nós não conseguimos passar muito tempo juntos ultimamente.

Por um tempo, eu teria dado ambos meus rins (talvez meu fígado), para estar nesse exato local: nos braços de Bobby. Agora só... parecia errado.

— Você quer passar a noite aqui? — Ele perguntou roucamente.

Minha carranca agravou.

— Não. Meu pai está me esperando em casa.

Meu olhar atordoado deslizou por cima da sala, enquanto procurava uma fuga. Casa soava tão bem. Meus olhos pousaram na janela distante. Eu vi um borrão de cabelo loiro e... aquela era Mercedes? Eu endureci. Sim, essa era exatamente ela. Ela estava abaixada na janela, enquanto investigava a sala. A *mim*. Os olhos dela estavam escuros de raiva, contudo a boca dela estava macia com tristeza e as bochechas dela estavam manchadas com lágrimas.

Uma barra escura apareceu no seu lado, alegando sua atenção. Meu queixo inclinou para o lado, e eu - a minha boca caiu aberta. Clarik. Clarik estava com ela, estava falando com ela. Ele enxugou uma de suas lágrimas. O que eles estavam fazendo lá fora? Juntos? Eles tinham se beijado uma vez. E se eles o fizessem novamente?

Eu empurrei Bobby e saltei em movimento.

— Hey, — ele chamou. — Aonde você vai?

Eu me empurrei pela multidão, ao redor de mobília, combatendo a tontura em minha cabeça enquanto eu ia lá fora. Mas no momento que cheguei lá, eles já tinham desaparecido.

Minha cabeça golpeou, meus olhos queimaram. Eu gemi. Minha boca ficou seca como algodão e meu estômago... querido Deus, meu estômago. Se agitava e torcia e apertava.

— Café, — eu ouvi uma menina balbuciar. — Eu preciso de café.

Eu reconheci a voz de Avery. Confusa, eu me obriguei a sentar. Esfregando minhas têmporas, eu olhei ao meu redor. Eu estava no

meu quarto, eu percebi, na minha cama. Avery estava do meu lado, e dois outros corpos estavam espalhados no meu chão.

— O que você está fazendo aqui? — Eu lhe perguntei.

— Nós levamos você para casa, lembra, e decidimos dormir aqui.

— Ao invés de dormir na estrada, — disse Cheesy, contraindo -se. Ela sentou e fechou os olhos.

— Merda, minha cabeça. Onde está o Tylenol?

— Eu me sinto bem, — Michelle disse. Ela esticou os braços por cima da cabeça e se levantou com um sorriso.

— Por que você não está com dor? — Eu exigi.

Ela sorriu.

— Ao contrário de vocês, eu parei depois de uma cerveja.

— Cadela, — Avery murmurou

Michelle riu, um som profundo e destemido.

— Você só está com inveja.

*Que estranho, eu pensei, acordar com as Barbies no meu quarto.* Ainda mais estranho elas estarem de boa vontade aqui e eu não querer expulsá-las.

Fizemos rodízios do banheiro, e todas as três emprestaram minhas roupas. Quando estávamos preparadas - que traduzido era o cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo, sem maquiagem, e jeans e camisetas - nos empilhamos no carro de Michelle. Meu pai estava no trabalho, por isso não tive que me preocupar em ter a sua permissão.

Com insistência de Avery, Michelle dirigiu até a Starbucks. Nós logo estávamos sentadas numa mesa, enquanto tomávamos Caramel Macchiatos.

— A noite passada foi divertida, — disse Cheesy.

— Muito divertida, — respondeu Avery, esfregando suas têmporas.

— Minha cabeça ainda está pulsando. — Vários tufo de cabelo caíram nas minhas têmporas, e eu os coloquei atrás da minha orelha. — Lembre-me de nunca mais beber outra vez.

— Então qual é o negócio entre você e Clarik? — Avery perguntou. — Vocês dois pareceram bizarramente confortáveis no meu quintal.

— Ele a convidou para sair, — Cheesy respondeu por mim. Ela tomou um gole de café.

Falar sobre Clarik lembrou-me da festa. Eu realmente tinha o visto espreitando na janela, com Mercedes de todas as pessoas, ou isso tinha sido um sonho bêbado? No fundo, eu duvidava que tinha sido um sonho. Uma menina podia sonhar, no entanto. Eu não sabia o que fazer se eu descobrisse que eram amigos-coloridos?

Olhos se estreitando em mim, Michelle rodou uma colher na xícara meio-vazia dela.

— Clarik lhe convidou para sair e essa é a primeira vez que ouvimos falar sobre isso?

— E quanto a Bobby? — O tom de Avery era destituído de emoção, enquanto não dava nenhuma sugestão dos pensamentos dela.

Minha cabeça doía muito para tentar suavizar minhas palavras.

— Eu não estou interessada em seu irmão, Avery. Eu sinto muito.  
— Eu tomei um gole da minha bebida, enquanto me sentia um pouco mais forte quando o líquido quente e doce deslizava no meu estômago.

Os cantos dos lábios dela viraram para baixo.

— E sobre o nosso plano? Você iria se casar com ele, e iríamos ser irmãs.

— Mudança de planos, — eu disse, não sabendo o que mais eu poderia dizer.

Silêncio.

Então ela suspirou.

— Vocês teriam se divorciado, de qualquer maneira. Você é mais indecisa que as calcinhas da vagabunda da Wendy Benedict.

— Jade disse que estava tudo bem se eu der em cima do Bobby,  
— Cheesy disse.

Avery mal a olhou de relance apenas.

— Então, — ela disse a mim. Eu poderia dizer que ela estava chateada por eu não estar saindo com o irmão dela, mais transtornada que Cheesy o queria, mas ela estava tentando não demonstrar isso. — O que você disse para Clarik?

— Eu disse que sim, — eu respondi sinceramente. Eu encarei minha caneca, assistindo o caramelo derreter através do líquido escuro. — Estou nervosa com isso, — eu admiti então. Era tão natural, conversar com elas.

— Por quê? — Michelle drenou o resto do café dela. — Você foi a milhares de encontros.

Quem me dera.

— O que você faz quando está em um encontro? Sobre o que conversa?

Avery encolheu os ombros.

— Nós conversamos sobre, bem, eu.

— Por que você não joga um feitiço ou algo assim? — Michelle ergueu o joelho dela e ancorou isso entre ela e a mesa. — Você poderia lançar um feitiço de amor. Ou talvez um feitiço de memória se você fizer algo estúpido.

— Feitiços não são o meu forte, — eu disse. — Eu não sei os lançar.

— Oh. Hmm. Você poderia o embebedar, então ele se divertirá, importa o que você faça ou diga.

— Ela poderia beijá-lo, — Cheesy sugeriu. — Isso é o que eu faço quando há um incômodo silêncio.

— Isso é porque você é uma vadia de beijos, — replicou Avery.

Cheesy ofegou.

— Eu não sou.

— Eu aposto que você beijou todos os rapazes da nossa escola, Cheesy Fácil, se não mais. Mais do que beijar e mais do que os meninos na nossa escola, quero dizer.

— Isso é tão falso. Tão falso.

Enquanto elas discutiam de um lado para outro, eu sorri. Eles gostavam uma da outra, eu poderia afirmar. Assim como Avery e Bobby, um irmão e irmã. Essas meninas não eram parentes, mas elas ainda se preocupavam. Havia afeto genuíno nos olhos delas e os insultos delas estavam provocando em lugar de machucar. Isso era a mesma relação que eu tinha tido com Erica e Linnie. Eu sentia falta disso.

Aquela parte de minha vida havia terminado?

Eu suspirei, não querendo pensar sobre isso agora. Pelo menos eu tinha esse grupo de amigas. Um grupo de amigas que estava ficando mais difícil e mais duro de pensar como fraudes.

— Venham, meninas. Chega de brigar. Vamos para a livraria e esquecer de todos nossos problemas, mesmo que seja por pouco tempo.

## CAPÍTULO ONZE

*Quando alguém morre, eles deixam pedaços de si próprios para trás. Eu entendo. Gostaria apenas que deixassem pedaços melhores.*

Segunda-feira acabou sendo uma verdadeira podreira.

Sra. Hamilton não compareceu. Mercedes matou aula e, surpreendentemente o bastante, eu senti falta dela. Ela era a única pessoa que verdadeiramente entendia o que eu estava passando. Linnie, Erica, e Robb encaravam -me cada vez que me viam (pelo menos eles tinham parado de me mostrar o dedo do meio), e metade das meninas na escola estavam usando exatamente a roupa que eu tinha usado para a festa do Bobby.

Suspirando, eu fui até a aula do Parton com meus nervos aos extremos. Eu passaria a hora inteira, se necessário, pensando em modos para caçar Sra. Hamilton por aí. Clarik, eu notei, sentou na parte de trás da sala. Meu coração deu uma pequena palpitação, assim como na festa.

Ele gesticulou para mim entortando o dedo dele. A expressão dele era vazia e não transmitia nada. Que pensamentos rolavam pela mente dele? Se ele planejava me dispensar para então ele poder perseguir a Mercedes.... Minhas mãos fechadas em punhos.

As cadeiras ao redor dele já estavam ocupadas, mas ele disse algo a um dos meninos, que olhou pra mim, acenou com a cabeça, e apressadamente ficou de pé e se moveu pra outra cadeira.

— Obrigada, — eu disse, deslizando para a agora desocupada mesa.

Clarik inclinou na minha direção, abrindo a boca para dizer alguma coisa. Antes que ele pudesse falar, eu disse:

— Esteve com a Mercedes sábado à noite ou foi a minha imaginação? Eu pensei que eu vi vocês na janela.

Algo que eu não reconheci passou pela expressão dele.

— Eu a achei lá fora. Ela estava chorando, então eu a levei a casa dela. Não houve nada mais que isso.

Doce, doce alívio me envolveu.

— Você se foi tão de repente, eu...

— Decidiu dançar com um semivestido Bobby Richards, — ele finalizou por mim. Finalmente, a face dele assumiu uma emoção que eu reconheci. Raiva. Os olhos azuis dele flamejaram com isto; a boca dele ficou tensa esticou com isto.

— Não aconteceu nada, eu juro. — Ele estava, ousou eu espero ter esperança, com ciúmes?

— Eu não gostei, — ele rosnou quietamente.

Ele estava. Clarik estava com ciúmes.

— Eu não planejo fazer isto novamente, — Eu rosnei de volta, da mesma maneira quieta. Eu estava tentando não sorrir. Nenhuma garoto alguma vez tinha tido ciúmes de mim antes.

— Bom.

— Bom.

Lentamente os traços dele relaxaram e ele estudou minha face por um longo tempo.

— Então o que é isso que eu ouvi sobre você e Mercedes serem presas? — ele perguntou, mudando de assunto.

Cor floresceu em minhas bochechas, escaudando de quente.

— Nós, uh, fizemos um pequeno arrombamento e invasão. Isso é tudo.

— Isso é tudo, hein? — Ele estalou sua língua.

Eu fui salva da resposta quando tocou o sino.

— Bom dia, classe, — Sr. Parton disse quando ele entrou na sala.

— Sentem-se assim nós podemos começar.

Eu me agachei e juntei meus lápis, livro e papel. Clarik o ignorou e continuou falando comigo.

— Fui preso duas vezes, e nunca teria vinculado você a este tipo de gente.

Carranqueando, eu organizei a minha mesa. Eu não soube sabia me ofendia com as palavras dele ou ficava contente com elas - obviamente, eu estava inclinada para a ofensa. Esta era a segunda vez que ele tinha me acusado de ser um "tipo".

— Qual tipo você acha que eu sou? — Espera. Eu balancei minha cabeça. — E por que você foi preso?



— Você é muito doce. Eu deveria ter adivinhado que você tem um temperamento selvagem escondido, entretanto, quando você me contou seu filme favorito. — Ele inclinou um pouco mais perto de mim, tão perto que a respiração dele soprou no meu ouvido. — E eu nunca vou dizer.

Certo. Eu estava contente com as palavras dele. Totalmente. Nenhuma ofensa a ser levada quando ele e pensava que eu era doce e tinha um temperamento selvagem. Minha carranca desapareceu. Garotos simplesmente não diziam coisas como essa para mim. “Chata”, surpreendentemente, sim. “Esquisita”, absolutamente.

— Agora você fez os seus crimes um enigma a ser resolvido.

Ele piscou em surpresa - e esperança.

— Sabendo que eu estive na prisão não assusta você?

— Não. — Linnie uma vez tinha sido presa por furto em lojas, mas ela não era má pessoa. Robb, também, tinha sido levado à delegacia por intoxicação pública. Pessoas fazem coisas estúpidas. Isso não os tornava maus. — Bebendo e dirigindo? Pintando o lado de um edifício?

— Com licença, senhorita Leigh.

Gemendo interiormente, eu virei em minha cadeira e encarei Sr. Parton. Minha boca caiu aberta. Ele estava me encarando, os olhos dele fortemente alinhados com preto, os lábios dele margeados com preto. Ele só usava preto e o cabelo (fino) dele estava espetado. Eu não tinha visto ele nenhuma vez desde que tinha entrado no jogo.

— Sim? — Eu consegui dizer.

Houve uma pausa espessa, pesada, de fazer as palmas suarem.

Os traços dele amoleceram gradualmente.

— Estou feliz que você tenha conseguido vir hoje. Você perdeu sexta-feira. Estava doente? Eu não fiz uma anotação de falta, mas tudo bem. Eu só estava preocupado com você.

— O quê? — Eu balancei minha cabeça. Certamente eu tinha escutado mal. O Sr. Parton não deixaria a sua mãe morrendo perder a aula dele sem o atestado de um doutor. Ele era *tão* controlador assim.

— Pobrezinha. — Ele caminhou até mim e bateu levemente em meu braço, tão doce quanto o Caramelo Macchiato que eu tinha pegado na Starbucks. — Se você começar a sentir-se doente, é só se levantar e ir embora. Você não tem que esperar por permissão.

— Eu... obrigada?

— A qualquer hora. Nós não podemos ter nossa melhor estudante sofrendo, podemos? — Ele se virou e marchou à frente da classe.

Melhor estudante? Boquiaberta, eu o assisti se retirando. O comportamento dele não deveria ter me surpreendido, eu, e talvez eu deveria ter esperado isto. Mas aconteceu e eu não tinha. Não dele. Eu me afundei em minha cadeira e, sim, eu sorri com satisfação.

— Ei, — Clarik sussurrou, reclamando a minha atenção. — Eu a notei várias vezes no escritório hoje, perguntando pela Sra. Hamilton.

— Sim. Você a viu?

— Não. — Sua cabeça inclinou-se para o lado. — Você e Mercedes estão em algum tipo de problema? Ela está desesperada para achar Sra. Hamilton, também.

Havia uma inflexão estranha na voz dele. Ele sabia de algo? Silenciosa, eu estudei a expressão séria dele. Não, certamente não. Não sei como ele *poderia* - a menos que o Mercedes tivesse lhe falado.

— O que a Mercedes lhe contou? — Eu não queria que ele soubesse, pensasse que eu estava louca.

— Ela apenas mencionou que ela precisava encontrar Sra. Hamilton, e ela tinha o mesmo brilho selvagem nos olhos que você tem agora.

— Nós precisamos falar com ela... sobre um projeto especial em que nós estamos trabalhando, — Eu respondi finalmente. Verdade.

Ele enrugou os lábios dele.

— Talvez eu posso ajudar.

Minha testa vincou quando eu contemplei ele todo.

— Como?

— Ela está doente, certo, e não vai estar de volta à escola por um tempo.

— Eu duvido mesmo que ela está doente, — eu disse, meu tom seco.

— Bem, se nós acharmos o endereço residencial dela, nós a achamos.

— Ela não está na lista.

— Não na lista telefônica, não, mas se ela for como minha mãe, ela traz o correio dela para trabalhar assim ela pode lê-los e evitar realmente fazer trabalho. Seu endereço estará nos envelopes.

Ah. Meu. Deus. Eu me endireitei em minha cadeira com um sobressalto. Ele estava certo. Idiota, minha mente castigou. *Por que você não pensou nisso?* Talvez eu não quisesse pensar sobre isso. Talvez eu tivesse estado me divertindo muito aqui. Eeeee ainda tinha a culpa.

— Eu preciso entrar no escritório dela.

Os lábios dele se contraíram e os olhos dele arderam com triunfo, e naquele momento ele nunca pareceu mais gostoso.

— Mais arrombamento e invasão, huh?

Meus dedos apertaram e abriram, eu estava tão ansiosa para começar.

— Você me ajudará?

Ele sorriu, só um pouco perverso e muuuito sexy.

— Absolutamente.

— Ei, Cher. Posso falar com você por um minuto? Em particular?

Embora ele não estivesse falando comigo, o tom de voz profundo sensual de Clarik me derreteu de dentro pra fora. Cher deve ter sentido o mesmo, porque ela bateu levemente os cachos vermelhos dela, levantou, e se aproximou do balcão onde se situava Clarik. Eu assisti do canto do corredor, abaixando os olhos toda vez que os olhos vejo-tudo dela vagavam em minha direção.

Minhas mãos estavam suadas e minhas costelas doíam da força megawatt da minha batida do coração. Eu não me importava se eu fosse pega. Quero dizer, por favor. Você não ouviu? Doce pequena Jade não pode fazer nada de errado. Não, não eu temia fracasso. Novamente. Eu temia achar nada. E...

Eu odiei admitir isto, mas parte de mim temia achar *alguma* coisa.

— O que você precisa, Clarik? — Cher apoiou os cotovelos dela no balcão que os separa e descansou o queixo dela em suas palmas.

— Preciso de uma passagem pra fora do campus.

— Tsk, tsk, tsk. Você sabe que eu não posso dar-lhe uma sem permissão de seus pais.

— Mas eu não vivo com os meus pais, — disse ele tristemente.

Eu rolei meus olhos. Forçando um pouco a barra, Clarik.

— Oh, está certo. — Cher bateu levemente na mão dele. — Eu esqueci. Eu sinto muito.

A outra secretária, Gail, se juntou a eles.

— O que está acontecendo?

— Clarik quer um passe pra fora do campus,— Cher a informou.

— Mas eu não tenho pais para me dar permissão,— acrescentou no mesmo triste tom.

Eu dei outro rolar de olhos. Um vencedor da Academy Awards ele não era. Ele praticamente radiava o termo “mentira”.

— E quanto ao seu guardião? — Gail perguntou com um vislumbre instruído nos olhos dela.

Ainda assim, a atuação dele fez o trabalho. Com ambas as mulheres distraídas, eu abaixei e me encolhi pelo canto, rastejando em minhas mãos e joelhos ao escritório. A porta de Hammy estava fechada e eu rezei a Deus pra que não estivesse – trancada. Droga! *Estava* trancada. A maçaneta recusou virar, até mesmo um pouquinho.

Contorcendo, permanecendo abaixada, eu circulei meu olhar ao redor do escritório. Quem teria uma chave sobressalente? Cher, mais provavelmente. Ela tem que ser capaz de entrar lá dentro, no caso de ela precisar de algo. O vice-diretor, também, teria de ser capaz de entrar.

Então, onde eles mantêm as suas sobressalentes e como eu poderia roubar uma?

Meus olhos fecharam desesperadamente em Clarik.

— ... preciso do meu inalador — ele dizia com um falso arquejar e tosse. Deus me ajude. — Eu esqueci. — O olhar dele encontrou o

meu num milésimo de segundo.

*Chaves*, eu balbuciei, *Trancado*. Eu gesticulei para a maçaneta com um único movimento do meu queixo.

Ele fez um aceno com a cabeça quase imperceptível.

— Parece que você está fingindo, — Cher disse, percebendo o seu blefe. — Aposto que você não usa mesmo um inalador. Talvez eu devesse chamar seu tio e perguntar. Ou talvez enviar alguém para a cabine de segurança para conversar com ele pessoalmente.

Clarik permaneceu calmo.

— Ele não gosta de ser perturbado enquanto ele está no trabalho.

— Tenho certeza que ele não gosta, — disse ela secamente.

— Ok, olha. — Ele endireitou e ficou totalmente ereto. — A verdadeira razão que estou aqui é que... — Ele encarou os tênis dele, repentinamente embaraçado. — Eu queria te convidar para sair, mas eu não sabia como me aproximar de você então eu fingi precisar de um passe.

O quê?

— O quê? — Cher guinchou.

— O quê? — Gail gritou.

— Eu acho que você é gostosa. — Ele nivelou Cher com um sorriso de arrepiar até os ossos.

— Uh, Clarik, você é...você é... — Ela lutava para formar uma resposta adequada.

Seus olhos arregalaram.

— Feio? Não o seu tipo? Não me diga que eu sou muito jovem. Idade não importa.

Ele parecia tão sincero que eu quase acreditei que ele queria sair com a mulher.

Cher passou ao redor do balcão e colocou as mãos dela nos ombros de Clarik, lhe dizendo todas as razões que ela não poderia sair com ele. Ele jogou os braços em torno dela para um abraço, e ela fez *hm*. O que diabos ele estava fazendo?

— Apenas me dê uma chance, — ele disse, afastando-se levemente. Sem virar, ele deslizou o braço dele ao lado e me lançou um jogo de chaves.

Assustada, eu mal peguei elas. Eu olhei boquiaberta para a abri na corrente de prata por metade de um segundo. Clarik, batedor de carteira extraordinário. Quem teria adivinhado? E como ele soubera que Cher tinha elas?

As vozes deles enfraqueceram em minhas orelhas quando eu estirei para cima meu braço e inseri chave depois de chave até que eu finalmente encontrei a certa. Sim! Sucesso. Eu abri a porta e quietamente engatinhei através da abertura. Então, com apenas um estalo, eu me fechei lá dentro. Um grande suspiro de alívio escapou de mim.

Um suspiro assustado saiu e uma braçada de documentos se espalhou ao chão. Uma cabeça loira espiou ao redor do canto da escrivaninha.

— Jade?

— Mercedes?

Ela permaneceu no local, olhos cortantes sobre mim.

— O que você está fazendo aqui?

— A mesma coisa que você está fazendo. Procurando Sra. Hamilton. — Eu encarei atrás a porta.

— Como você entrou aqui? As Nazis do escritório nunca teriam deixado você entrar.

— Você tem razão. — Os cantos da boca dela enrolaram em um sorriso leve. — Linnie e Erica me ajudaram. Eles compraram uma chave de imitação daquele garoto, qual seu nome, que foi pego arrombando a escola no ano passado. Quem teria pensado que sair com as aberrações teria essas regalias?

Ciúmes passou por mim. Eles eram *meus* amigos. Eles deveriam ter *me* ajudado. E estava pensando, xingando eles quando ela tinha gasto tempo com eles, conversando e rindo no treino de líderes de torcida?

Antes que eu pudesse responder, Mercedes rastejou por detrás da escrivaninha e disse:

— Bem, não fique apenas sentada ai. Faça alguma coisa. Nós não temos muito tempo. — Ela abriu seu Sidekick e bateu várias fotos dos documentos e mandou por e-mail para si mesma.

Minha boca caiu aberta quando me foi dado uma vista completa da sua aparência.

— Você está usando couro preto?

As bochechas dela avermelharam, a cor se espalhou por cima da clavícula exposta dela.

— Sim. E daí? — Ela ergueu o queixo dela desafiadoramente.

Ela usava delineador grosso preto, não o marrom suave que ela normalmente usa. Delineador de lábios pretos ao invés de cor-de-rosa e um macacão de couro preto.

— Por que você está vestida assim?

— Minha mãe me obrigou, certo? E é a razão por eu não ir à aula hoje. Como se eu realmente quisesse ser vista parecendo com o *Grim Reaper* Felino.

— O que é que Erica e Linnie disseram?

— Elas não gostaram. Agora me ajude a passar por estes documentos. — Ela empurrou uma pilha pra mim.

Peguei-os cegamente, dizendo com um sorriso reprimido.

— Você não está tão ruim. Você está realmente meio fofinha.

— Apenas cale a boca — disse ela, mas não houve calor no seu tom desta vez. — Você quer ser pega aqui? Comece procurando coisas sobre o jogo.

— Não doeria pegar o endereço de Hammy, tampouco.

— Sim. Se nada der certo podemos jogar ovos em sua casa.

Eu folheei os documentos. Eles eram relatórios de incidentes, informação sobre estudantes específicos, e várias folhas com a mesma geringonça que eu tinha visto nos documentos do armazém. Esses eu coloquei em meus bolsos e disse a Mercedes para fazer o mesmo.

— Eu não preciso roubar e alertar todo mundo ao fato que alguém estava por aqui. Eu imprimirei as fotos quando eu chegar a casa.

Talvez eu não deveria ter jogado fora aquele Sidekick.

— O que você acha que eles são? — Ela perguntou.

— Eu não sei. É por isso que temos de estudá-los. — Eu pausei, tentando me fazer parecer desinteressada. — Eu ouvi dizer que Clarik a levou para casa sábado à noite.

— Sim. E daí?

Eu rangi meus dentes.

— E daí que ele falou que nada aconteceu.

— Ele está certo. — Pausa. Mudança de assunto. — Então como *você* entrou no escritório?

— Clarik.

Ela me lançou um rápido olhar.

— Então vocês estão, tipo, namorando ou algo assim?

Eu estalei minha mandíbula, corri minha língua sobre os meus dentes, não realmente querendo responder-lhe, mas não sabendo como responder, de qualquer modo.

— E se ele não gostar de você quando nós formos para casa? — Ela perguntou, expressando um dos meus maiores temores. Um medo que não tinha me permitido insistir.

— E daí?

Talvez eu tenha empalidecido. Talvez eu tenha radiado apreensão. De qualquer maneira, ela sacudiu a cabeça e disse confiantemente.

— Você gosta dele, ou a possibilidade não a preocuparia tanto.

— Então o que eu faço? — Meu olhar fendeu que a parte superior e a parte inferior de meus cílios se entrelaçaram. Mercedes se tornou nada além de um borrão preto. — Você vai tentar outra vez dar em cima dele?

— Do que você está falando? Eu nunca dei em cima dele.

— Sim. — Eu bufei. — Claro.

— Eu não — ela insistiu.

— Você beijou ele na biblioteca e lutou com suas amigas por ele. — Só então meu olhar se parou em um jogo de documentos com o nome de Clarik neles. Entusiasmada, eu dobrei eles e adicionei eles ao meu estoque. — É por isso que você foi castigada. É por isso que *você precisava aprender uma lição*. — Eu adicionei em minha melhor personificação da Hammy.

— Eu não beijei Clarik na biblioteca — ela disse depois de uma longa pausa. — E eu não lutei por ele. Eu beijei o Bobby.

— Não. De jeito nenhum — eu ofeguei.



— Eu esbofetei Cheesy por me falar que o Bobby dormiu com uma menina do Moore. Ela me esbofeteou de volta e antes que eu soubesse nós estávamos rolando no chão.

— Então você não beijou Clarik?

— Não.

Choque – sim. Alegria – definitivamente. Clarik não tinha... eles nunca tiveram... A língua dele não tinha estado dentro da boca dela! Ele nunca tinha estado interessado nela. Só um senso de autopreservação me impediu de saltar para cima e para baixo, batendo palmas e gritando como uma idiota.

Enquanto eu celebrava internamente, Mercedes encarava as mãos dela, uma mudança visível de emoção tomando ela. De arrogante para insegura, em uma piscada de olhos.

— Você realmente não sabia sobre os nossos pais?

— Não. — E eu desejei que eu não soubesse agora. Ignorância verdadeiramente era felicidade. — Como você sabia sobre eles?

Um longo suspiro saiu dela, triste e irritado ao mesmo tempo.

— Eu os peguei juntos. Se beijando. — Ela fingiu vomitar. — Eles não perceberam que eu os vi e só recentemente eu comecei a dar dicas que eu sabia.

— Eu sinto muito. — Acho que, no fundo, eu quis dizer as palavras como uma desculpa para tudo. Não só os nossos pais, mas a nossa guerra uma com a outra. Agora eu entendia por que ela tinha reagido da forma como ela reagiu nestes últimos anos.

— Sim, — ela disse suavemente. — Eu, também. Eu acho que eu a odiei tanto por causa de seu pai. Ele a ama, você sabe. O meu nem mesmo retorna meus telefonemas.

— Você tem uma mãe que te ama — eu lembrei ela.

— Sim — ela repetiu, mas ela não soou segura.

Nós procuramos em silêncio por um longo tempo depois disso, o único barulho sendo o tique taque do relógio de parede. Talvez nós tivéssemos medo de quebrar a frágil paz que nós há pouco tínhamos estabelecido, eu não sei.

Finalmente, eu suspirei.

— Eu não estou achando nada.

— Eu, muito menos. — Franzindo a testa, ela jogou para cima as mãos dela. — Que pesadelo.

— Nós não podemos ficar muito mais tempo ou nós vamos ser pegas, e não há nenhuma maneira que nós podemos explicar invadir o escritório de Hammy.

Ela enroscou uma mão no cabelo dela.

— O que nós deveríamos fazer? Eu já tentei o computador dela, mas é protegido por senha.

— Nós *temos* de encontrar essa mulher.

Um leve toque ressoou da porta; Mercedes e eu paralisamos. Nosso olhar se fechou um no outro, instantaneamente apavoradas. Ambas nos abaixamos sob a escrivaninha quando o tinido da maçaneta tocou em nossos ouvidos. Dobradiças rangeram. Minha respiração emergiu agitada, misturando com a da Mercedes.

— Onde está minha chave? — Cher disse. — Eu sei que eu fechei esta porta.

— Então... você está bem casada ou não? — Perguntou Clarik surpreendentemente calmo.

O arrastar de passos. Um suspiro. Uma pausa.

— Sim. Agora, eu lhe disse para ir para a aula. Eu tenho trabalho para fazer e eu não posso fazê-lo com você pairando por cima do meu ombro.— Mais passos.

— Mostre-me as fotos de seu marido novamente. — Clarik já não soava tão calmo.

— Vá. Para. A. Aula. — Outra pausa. — Como esses documentos foram parar no chão? — Cher se ajoelhou. Eu peguei uma visão de seu meio na panturrilha, a bainha do vestido esmeralda dela, os joelhos dela, então os cachos vermelhos dela quando ela juntou os documentos ao redor dela.

Ao meu lado, Mercedes endureceu. Se Cher virasse somente um pouco à esquerda, ela nos acharia.

— Deixe-me ajudá-la com isso, — Clarik disse com pressa. Ele correu para o lado dela, seus olhos encontrando os meus por um milésimo de segundo, então os de Mercedes. A boca dele abriu - se com um estalo e eu notei que ele estava pálido e coberto com suor.

Ele usou suas costas para nos bloquear da visão. — Eu amo ajudar. Yep, amo isso.

Cher estourou aos pés dela ficou de pé explosivamente.

— Garoto, você não pode ficar aqui. Você tem que ir para aula...

— Você vai me levar até lá?

Ela proferiu um resmungo frustrado. Lá fora, a campainha tocou e o rolar de passou foi abundante.

— Por favor, — ele disse.

— Ótimo. Vamos.

Mais passos. A porta fechou totalmente. Eu espiei por de trás da escrivaninha e alívio derramou por mim. Obrigada Deus.

— Nós estamos livres.

— Vou dar o fora daqui, — disse Mercedes, rastejando para fora.

Eu segui atrás dela, fechando o escritório depressa e encontrando o corredor. Na curva, nós seguimos em direções opostas. Infelizmente, eu esbarrei com vários estudantes.

— Ei, olhe por anda. — Então, — Oops desculpe, Jade.

— Minha culpa, Jade,— outra pessoa disse.

Finalmente eu atravessei o canto sem ser pega por qualquer uma das secretárias. Eu parei e esbarrei de encontro a um dos armários, sugando respiração após respiração. Foi por pouco!

Alguns minutos mais tarde, quando o corredor começou a esvaziar, Cher andou ao redor do canto distante. Ela carranqueou quando me viu.

— Você precisa ir para a aula, Jade.

— Sim, senhora. Estou indo para lá agora.

Ela desapareceu no escritório, mas eu permaneci no lugar. Logo Clarik, também, caminhou em minha direção. Ele sorriu, um animado brilho nos olhos dele. Ele tinha de ser um viciado em perigo.

— Cara, eu pensei que tivéssemos sido pegos.

*E se ele não gostar de você quando formos para casa?* As palavras de Mercedes ecoaram através da minha mente, de repente e sem avisar. Eu escovei meu cabelo pra fora do meu rosto, mentalmente escovando o senso de mau presságio com ele.

— Eu também.

O sorriso dele alargou.

— Você conseguiu o que você precisava?

Eu pensei nos documentos ilegíveis que eu tinha roubado e na pasta de papéis que eu tinha colocada na minha camisa que estava cheio com informação sobre ele. Ainda, assim nada disto era o que eu precisava para ir para casa.

— Não. — Eu suspirei.

— Eu sinto muito. — Correndo o lábio inferior dele entre os dentes, ele descansou um dos braços em cima de minha cabeça. Nossos narizes quase se tocaram. Vários segundos passaram e eu assisti a um jogo de emoções reluzirem pela face dele. Arrependimento - o qual eu não entendi. Culpa - por meu fracasso para achar endereço de Hammy? Determinação - outra emoção que eu não entendi.

— Pode vir até minha casa depois da escola? Eu posso tentar invadir o banco de dados da escola ou algo assim e pegar o endereço dela desse modo.

Eu me alegrei, mais por pensar em ir para a casa dele.

— Sério?

— Eu lhe contarei um segredo, — ele sussurrou. — Isso é um das razões pelas quais eu estive preso. Hackear. Eu sou muito bom.

Meu coração saltou uma batida ao pensamento de gastar mais tempo com ele e eu me senti sorrindo. Eu não me preocuparia se os sentimentos dele por mim mudariam quando eu deixasse o jogo. Eu não me preocuparia de me fazer de boba ao redor dele. Não agora. Não hoje. Hoje eu só desfrutaria ser uma menina que gosta de um menino.

— Eu gostaria disso — eu disse. — Muito.

Ele me observou silenciosamente um pouco, os estudantes-que-logo-estariam-atrasados correndo para a próxima aula sumindo de nossa visão.

— Você tem um sorriso muito bonito. Eu já te disse isso, certo?

— Ei, Jade, — alguém chamou antes que eu pudesse responder. Bem, isso é no caso de combustão interna não contar como uma resposta.

Eu olhei a minha esquerda. Avery e Cheesy foram saltando na minha direção, largos sorrisos espalhando através da face delas. Erica e Linnie estavam atrás delas, me encarando.

— Um grupo de nós estão indo para o shopping depois da escola, — Avery disse. Ela parou em frente a mim. — Quer vir?

Meu olhar permanecia fechado em Erica e eu abri minha boca para recusar. Avery disse antes.

— Por favor, diga que sim. Nós não nos divertiremos sem você. Clarik pode vir, também. Além disso, nós precisamos lhe comprar outro Sidekick assim eu posso entrar em contato com você vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Se o seu pai não vai te comprar um, eu vou. Tenho cartão da minha mãe!

— Eu sinto muito — eu disse ao mesmo tempo Clarik disse:

— Sim, eu gostaria disso. Obrigado.

Avery proferiu um grito deliciado. Erica e Linnie desapareceram abaixo pelo corredor. Uma parte de mim queria perseguir elas. Uma parte de mim não.

— Animal, — disse Avery. — Nós vamos nós divertir pra caraaaamba. — Ela e Cheesy foram embora tão depressa quanto elas tinham se aproximado.

Clarik uniu os dedos dele com os meus e apertou minha mão, chamando minha atenção.

— Será divertido. Eu não saio com um grupo de amigos há, bem... Podemos passar algumas horas com eles antes de irmos para a minha casa.

A palma dele estava quente contra a minha, calosa onde a minha era macia. Eu tremi.

— Conte comigo.

## CAPÍTULO DOZE

*Uma vez cortei meu dedo (nunca corte o seu bife enquanto es tiver distraída). Doeu. Muito. Mas quando a dor foi embora, eu percebi uma coisa. Meu dedo nunca se sentiu melhor. Você acha que é preciso uma verdadeira dor para causar verdadeiro prazer?*

Fazer compras com as Barbies antes havia sido minha ideia de castigo. Mas fazer compras agora com elas, eu descobri, ser bastante divertido. De alguma maneira elas me fizeram sentir como se eu fosse algo especial. Um sentimento precipitado, considerando que meus amigos anteriores me faziam sentir como uma espinha nojenta gigante, toda vez que olhavam para mim.

— Eles não tem mais esmalte de unhas preto — disse Avery fazendo beicinho.

— Compre gelo azul então — eu sugeri. — Unhas azuis são animais.

— Sério? Okay. — Sorrindo, ela derrubou vários esmaltes de tonalidades azuis em sua cesta. — Você acha que eu deveria comprar o cachecol de esqueletos ou o de adagas?

— Por que não ambos? Você tem os cartões de sua mãe, certo?

O sorriso dela se alargou.

— Excelente ideia!

— Você sempre sabe exatamente o que parece bom, — disse Cheesy, — e é por isso que você tem que me dizer se esse colar é bom para mim ou não. — Ela apontou para uma corrente prateada com pérolas negras balançando no centro, torcendo junto e formando um coração. — Será que vai parece caprichosamente estúpido em mim?

— Não, mas você ficaria melhor com a gargantilha de cristal.

Os olhos dela se alargaram sobre a gargantilha em questão e ela se aproximou, pegando ela.

— Estrela preta para você! Você tem razão, como sempre. Obrigada, obrigada! Estou tão feliz que você veio hoje. Eu ficaria

perdida sem você. Imagine se eu comprasse o colar de coração ao invés desse.

— Acho que elas parariam de respirar se você lhes falasse que não era animal, — Clarik murmurou em meu ouvido.

Eu ri, mas ele não estava muito longe de acertar. Havia um senso de poder nisso. Nada mais de ser a fracassada. Agora era a líder. Minhas opiniões eram valorizadas. Meu senso de estilo inquestionável. *Mas você está se tornando mais um na multidão...* Eu afastei esse pensamento da minha mente e me concentrei em Clarik. Os outros garotos teriam continuamente pulado fora, mas Clarik tinha ficado ao meu lado o tempo todo, sem protestar, como se ele realmente, realmente gostasse de ficar lá.

— Eu estou louca de fome, — Avery disse depois que ela pagou pelo esmalte e cachecol. — Quer pegar algo para comer?

Ela dirigiu a pergunta para mim, e todo mundo do nosso pequeno grupo se virou para me assistir esperançosamente.

— Definitivamente.

— Eu também, — disse Cheesy.

— Estou com fome, prestes a roer meu braço, — disse Michelle.

Nós fomos em direção à praça de alimentação e tínhamos quase chegado quando Bobby e os amigos dele se juntaram a nós novamente. Com um olhar furiosos na direção de Clarik, Bobby pisou a meu lado e colocou o braço dele ao redor da minha cintura.

— Eu vou comprar o seu, Jade — disse ele. — O que você quiser. Hambúrguer. Taco. Biscoito. Deixa que eu pego.

— Bobby disse 'deixa que eu pego', — um dos outros garotos riu silenciosamente. — Mas na verdade ele quer pegar ela. — Os meninos gritaram e assobiaram; as meninas giraram os olhos delas e gemeram.

Eu amarrei a cara e tentei me livrar suavemente do aperto de Bobby.

— Eu posso pagar por mim mesma. — Eu não ligava para a ideia de um cara pagando a minha comida - não que isso já tivesse acontecido - eu só não queria que Clarik pensasse que Bobby significava algo mais para mim do que ele realmente era.

— Eu pagarei o da Jade, — Clarik disse. Ele agarrou minha mão e me arrastou para o lado dele.

Hey, espere um segundo...

A carranca de Bobby ficou mais escura quando ele me agarrou. Um garoto tinha um braço, o outro tinha o outro braço, e eles começaram a se revezar me puxando para frente e para trás. Eu era a corda em um zangado cabo-de-guerra. Eles iam lutar por minha causa? Avery e os outros pareciam pensar que sim. Eles correram para a parede, encostando-se contra ela.

— Eu vi seu carro. Você não pode pagar merda nenhuma. Além disso, você não é o namorado dela — disse Bobby.

— Nem você é — disse Clarik.

— Ela e eu temos uma história, cara. Um montão de história.

— Não, não temos, — eu disse.

O olhar de Clarik estreitou sobre mim.

— Você me falou que vocês dois não estavam saindo.

Eu empurrei ambos para longe. Não havia nenhum jeito para eu poder explicar isso. Nenhum jeito para ele acreditar.

— Há algo estranho com este sujeito, Jade — disse Bobby. — Ele tem estado em cima de você desde o primeiro dia dele, a assistindo, a seguindo. Eu não gosto disso.

Avery me agarrou e me arrastou pra o lado dela. Eu mantive meus olhos nos meninos. A carranca de Bobby era letal agora e ele empurrou Clarik pelos ombros. Clarik rosnou e devolveu o empurrão.

— Me toque novamente, — Clarik e emitiu — e eu vou te encher de porrada. Entendeu?

— Você pensa que é grande o bastante para me enfrentar? Tente então. Eu o desafio.

Clarik sorriu, um vislumbre antecipatório nos olhos dele.

— Acredite em mim, será meu prazer.

Antes que decidissem matar um ao outro, me desloquei da parede e pulei entre eles.

— Parem. Okay. Parem agora mesmo.

Bobby levantou seu braço para me bloquear do círculo entre eles.



—Eu não vou parar até ele sair. Ele não é um de nós, Jade, e você precisa perceber isso. Ele faz parte das aberrações. Olhe para ele. Ele não está usando nenhum delineador e o cabelo dele não tem nenhuma cor real.

Vi Clarik enrijecer, vi seus músculos firmarem como se se preparassem para pular adiante.

— Ele não é uma aberração — eu estalei. — Só porque alguém é diferente, ou novo, ou vocês não os entendem, não significa que eles sejam ruins.

— Eu não pedi sua opinião — Bobby cuspiu.

— Volte para a parede, Jade — Clarik disse categoricamente. Seus olhos estavam frios.

Ambos os garotos estavam além do bom senso. Exasperada, eu joguei minhas mãos para cima.

— Ótimo. Se matem, mas não esperem que eu assista. Eu estou dando o fora daqui. Vamos, meninas.

Eu saí sem olhar para trás.

— Não vá, Jade, — chamou Avery de modo trêmulo. — Tenho que ficar com o meu irmão.

Okay, então as meninas não me seguiriam. Lá se vai eu ser a líder delas. Eu não olhei para trás, não reduzi a velocidade. Eu caminharia para casa e elas poderiam achar outra pessoa para as aconselhar no esmalte de unha delas e na escolha de joias.

— Certo então. Corra. Seu covarde, — eu ouvi Bobby gritar. Mordi a parte interna da minha bochecha, debatendo se me virava e o esbofeteava ou simplesmente continuava em movimento, me afastando dele o máximo possível. Como ele ousava falar comigo assim, aquele pedaço podre de...

— Hey, — Clarik disse, de repente ao meu lado e mantendo o ritmo.

Eu me sobressaltei em surpresa.

— Você não vai ficar para lutar?

— Eu preferi ficar com você.— Ele enrolou os dedos dele ao redor do meu braço e me fez parar suavemente. — Eu sinto muito se eu deixei Bobby me tirar do sério. Ele gritou com você, e bem... — A voz dele se arrastou. — Eu reagi. Não fique furiosa.

Eu não olhei para ele. Eu olhei além dele, além das lojas abarrotadas de góticos (nós realmente tínhamos assumido o mundo), além dos corredores de sapatos pretos e roupas pretas. Eu suspirei.

— Quando você coloca isso assim, eu não posso ficar furiosa de verdade, posso?

Ele sorriu lentamente.

— Eu gosto de você, Jade Leigh. Eu realmente gosto.

*E se ele não gostar de você quando nós voltarmos para casa?* Bem, inferno. Por que aquela pergunta não saia da minha cabeça? Minhas mãos se apertaram. Eu tinha falado a mim mesma que não me preocuparia sobre isso hoje. Mesmo assim, eu me encontrei dizendo:

— Por que você gosta de mim, Clarik?

Uma máscara em branco blindou seus traços.

— Simplesmente... porque sim.

— Por que porque sim? — Eu insisti.

Círculos igualmente rosados mancharam as bochechas dele.

— Você realmente vai me fazer dizer isso?

— Sim, — eu disse, mas meu estômago retorceu dolorosamente.

Olhando desconfortável, ele massageou a parte de trás de seu pescoço com sua mão livre.

— Você é linda, okay? Você é engraçada e inteligente e eu gosto de como me sinto quando estou perto de você. — A outra mão dele abaixou para pegar a minha e ele uniu nossos dedos. — Você gosta de mim? — Ele perguntou hesitante.

Minhas bochechas coraram, uma cópia exata das suas. Eu tinha o feito dizer isso, então eu não poderia fazer menos.

— Sim, — eu disse calmamente.

— Por quê?

Eu encarei nossas mãos embaixo. As dele eram maiores do que as minhas, os ossos mais espessos, mais fortes. Sua pele era mais escura por várias tonalidades e ele tinha uma longa cicatriz que cortava a partir da unha do seu dedo indicador para o início do seu pulso.

— Você é atraente, — eu disse. Inalando profundamente, eu senti o cheiro de hambúrgueres, biscoitos e camadas múltiplas de perfumes opostos. Debaixo de tudo era o cheiro dele. Clarik. Sabão e couro com um toque de óleo de motor. — Eu gosto do seu sorriso. E eu gosto como eu me sinto quando você olha para mim.

Ele não respondeu por vários segundos agonizantes. Em seguida:

— Estou contente que resolvemos isso. — Ele lançou seu braço sobre meu ombro. — Então o que vamos fazer? Agora que eu gosto de você e você gosta de mim.

— Agora, — eu disse, enquanto limpava minha garganta, — nós vamos para sua casa e vemos o que nós podemos desenterrar sobre a Diretora Hammy.

— Certo.

— Teremos que... — O meu olhar ampliou quando eu peguei um vislumbre de uma familiar cabeça loira. Lá, na área de alimentação, estava Mercedes. Ela não estava sozinha, também. Erica, Linnie, Robb a cercavam.

A mesa estava nos fundos, e os quatro estavam no meio de uma conversa animada, rindo. Mercedes tinha removido todos os rastros do olhar felino gótico e agora estava usando um top rosa com calças brancas. Ela nem mesmo estava olhando ao redor, para ter certeza que ninguém a via com as “aberrações”. Parecia que ela estava os instruindo em como usar os novos Sidekicks deles.

Eu achei que eles teriam lhe falado não, que os telefones lhes fariam ser conformistas.

Eu experimentei uma muito familiar pontada de ciúmes. Pelo menos Robb havia parado de pensar em si próprio como namorado de Mercedes. Ele e Linnie estavam trocando olhares melosos entre si - por favor, diga-me que eu não faço isso com Clarik.

Curiosamente, eu não estava chateada pelo amor entre eles nesse momento. Melhor ele estar com Linnie do que com a falsa Mercedes.

— Okay, o que é que te colocou nesse transe? — Clarik perguntou. O olhar dele seguiu a direção do meu. Ele balançou a cabeça dele. — Ah, seu projeto especial de sócio e sua inimiga número um.

— Sim, — eu disse fora de hábito.

Ele friccionou sua palma para cima e para baixo do meu braço.

— O que faz vocês duas odiarem tanto uma a outra?

— Nossos pais estão... namorando. — Eu quase vomitei a última palavra.

— Ah. Não precisa dizer mais nada. A minha mãe uma vez namorou meu treinador de futebol. Eu acordei um dia para encontrar o homem comendo cereal na minha mesa da cozinha. — Ele estremeceu.

— Você o atacou?

— Algo assim, — ele murmurou.

Enquanto eu assistia, Avery e Bobby marcharam em direção à mesa deles. Minhas sobrancelhas se juntaram.

— O que eles vão fazer?

Um segundo se passou em silêncio e Clarik carranqueou.

— Nada bom, eu posso lhe dizer. Eu odeio tiranos.

Ele radiou veemência, e havia uma qualidade crua e vulnerável agora nele. Eu não tive tempo para o questionar. Bobby deslizou no assento próximo a Mercedes, enquanto a derrubava. Ela bateu no chão com um baque, mas rapidamente se levantou. Ela o esbofeteou na parte de trás da cabeça.

— Imbecil, — eu a ouvi gritar. — Quando eu voltar ao mundo real, eu vou fazer você pagar por isso.

— Não bata em mim, — ele disse com calma ameaça. — E o inferno que você vai me fazer pagar, sua cadela louca.

— Nunca me empurre novamente. Agora mexa-se!

Ele cruzou os braços ao longo do seu espesso peito de zagueiro.

— Faça-me.

— Deixe ela em paz, — Robb retrucou.

Bobby enquadrou sobre ele, determinado, eu adivincho, obter a briga dele com alguém. Ele provavelmente tinha ficado um pouco amedrontado por causa da falta de medo de Clarik, então virou a mira dele em Robb que não tinha nenhum músculo para se proteger.

— Venha aqui e me faça, Perna de Pau.

O rosto de Robb se avermelhou e um estremecimento de medo balançou dele, mas ele permaneceu no lugar, pronto para lutar se ele tivesse que fazer.

— Eu vou.

— Vamos, então, — disse Bobby, enquanto sustentava as pernas dele com total indiferença. — Estou esperando.

— Pare. — Mercedes esbofeteou o topo da mesa. O cabelo pálido dela sacudiu por cima de seus ombros, enquanto tremia com a força do ataque. — Simplesmente pare. Não há nenhuma razão para isso.

Eu me coloquei em movimento, enquanto corria até eles.

— Aberrações não são permitidos neste shopping. — Bobby se endireitou. — Ou vão para casa agora, ou eu enviarei todos vocês para casa em bolsas de corpos.

Eu estava prestes a atingi-los quando Clarik voou além de mim e embarrilado em Bobby. Os dois impeliram em Mercedes que caiu para trás com um grito. Os dois meninos rolaram em uma lata de lixo pesada, grunhindo. Balançando. Lutando.

— O meu pé — Mercedes chorou. — O meu pé!

Os que andavam no shopping saíram caminho quando Bobby lançou um soco. Clarik esquivou-se e lançou um, desembarcando um sólido golpe no nariz de Bobby. O sangue derramou instantaneamente.

Eu não tentei parar eles dessa vez; eu estava muito preocupada com Mercedes. Ela tinha torcido seu tornozelo e estava preso entre as pernas da mesa. Minha boca secou quando ela chorava e agarrava à perna dela, tentando se livrar.

Quando eu tentei ajudá-la, Linnie me empurrou para trás. Eu tombei em Avery, que envolveu seus braços em torno de mim para me manter estável.

— Deixe ela em paz, — Linnie cuspiu fora.

— Você e seus amigos já fizeram o bastante!

— Mercedes, — eu comecei, enquanto avançava para frente novamente.

— Me deixe em paz, — ela disse, chorando. — Só me deixe em paz. Eu odeio você. Eu odeio você!

Entre os gemidos de Mercedes e grunhidos de dor, Erica tirou o tornozelo ferido dela suavemente das pernas de mesa.

— Nós deveríamos levá-la para um hospital? — ela perguntou a Linnie, uma preocupação frenética na meia voz. — O que nós deveríamos fazer?

— Sim, a leve para o hospital, — eu disse suavemente. A rejeição de Mercedes ardia de certo modo que eu não entendi. Eu tinha pensado que nós viríamos a ter uma trégua. Eu tinha pensado... Eu tinha pensado que nós tínhamos começado a gostar e respeitar uma a outra. — O tornozelo dela já está ficando azul. — Quando eu falei, eu vi um segurança se apressando abaixo pela escada rolante.

Meu foco se voltou para briga ainda-furiosa. Clarik tinha fixado Bobby no chão e tinha o socado uma vez, duas vezes. Havia tal raiva em sua expressão, eu pisquei, insegura se eu estava vendo corretamente.

— Clarik! Pare, okay. Você tem que parar.

Ele nem sequer pausou.

— Clarik!

Desta vez, ele me olhou. Havia sangue em suas mãos e um fluxo de vermelho escorreu de seus lábios rachados. Bobby estava deitado no chão, gemendo.

— Vamos. — Eu o chamei. — O segurança estará aqui em um segundo.

Seu olhar foi para trás de mim e ele se levantou. Com um último olhar para Mercedes, Clarik agarrou minha mão e arrancou em uma corrida mortal.

## CAPÍTULO TREZE

*Como as prioridades e desejos podem se tornar tão distorcidos e borrados com só algumas simples mudanças de vida?*

Caminhamos de volta para a escola, o que não era muito longe, e subimos dentro do carro de Clarik. Por um longo tempo, enquanto nós vagamos ao longo da rodovia, nenhum de nós falou. Eu não sabia o que dizer, realmente. Eu continuei vendo a face coberta de lágrimas de Mercedes, os olhos dela vidrados com dor.

— Suas mãos estão bem? — Eu finalmente perguntei. Elas já estavam inchados e ligeiramente azuis. Carros zuniram além de nós na estrada. Embora o ar condicionado dele me bombardeasse com sopros em explosão, uma gota de suor gotejou entre minhas omoplatas.

— Elas estão bem.

Eu empurrei um dos livros dele com a ponta da minha bota.

— Você bateu-lhe muito forte. Mais de uma vez.

— Ele mereceu. — Ele pausou e deu um profundo e estremeedor silvo. — Primeiro Bobby gritou com você, então ele empurrou a Mercedes.

Nós chegamos à casa de Clarik, uma pequena estrutura, ligeiramente em estado precário no coração de um bairro em estado ainda mais precário. Ele me conduziu pra dentro, agarrou duas bolsas congeladas de ervilhas e me conduziu para o quarto dele. Eu gostei do aspecto disto. Uma cama pequena com cobertas azuis escuras ocupava a parede distante e outra cama estirada contra a mais próxima (animais de pelúcia estavam por toda parte). Algumas roupas estavam espalhadas sobre o chão. Cartazes de mulheres em trajes de banho cobriam um lado. Cartazes de aviões cobriam o outro. Havia uma escrivaninha, um computador e muitos equipamentos que eu não reconhecia. Havia até uma estante cheia de livros. A maioria era sobre computadores, eu notei.

— Este é meu lado do quarto, — ele explicou. Claro que ele gesticulou para o lado com modelos de traje de banho. — E o outro

lado é do meu irmão. Nós dividimos.

— Eu não sabia que você tinha um irmão.

— Ele era uma surpresa.

— Onde ele está?

— Ele é muito jovem para a escola, assim ele normalmente está com minha tia. Eles provavelmente estão fazendo compras de supermercado ou algo.

— Estou preocupada com a Mercedes, — Eu revelei, incapaz de esconder as palavras por mais tempo. Eu não conseguia tirar a imagem da face aflita dela da minha mente. — Eu acho que ela quebrou o tornozelo dela.

Clarik caiu pesadamente na cama com um suspiro cansado. Ele provavelmente estava com dor por toda parte.

— Eu pensei que você odiava ela.

— Eu não odeio, — Eu admiti, medindo. E era a verdade. — Não realmente. Acho que eu meio que aprendi a gostar dela.

— Bobby pensará duas vezes antes de a empurrar novamente. Que idiota.

— Eu não tinha ideia de seu verdadeiro terror até hoje.

Clarik rolou de lado e me fixou com um olhar estranho. Eu não sei o que ele estava procurando em minha expressão, ou se ele encontrou o que ele queria. Eu não o pude ler.

Eu queria dizer a ele o que aconteceu, eu percebi, a verdade sobre mim e Mercedes. Eu queria que ele gostasse de mim o suficiente pra acreditar em mim. Gostar de mim por *mim*.

— Eu... — Espera. Eu estaria arruinando tudo? Quando alguém souber seus segredos mais fundos, mais escuros, eles terão poder em cima de você. Eles poderiam usar o conhecimento contra você. Eles poderiam contar a escola inteira. Eu tomei um profundo fôlego. Clarik ria na minha cara? Ele já concordou em me ajudar a encontrar o endereço residencial da Sra. Hamilton, por isso eu não tenho que explicar. Mas...

Seria tão incrível se ele soubesse. E acreditasse em mim. E simpatizasse comigo. Seria fantástico ouvi-lo me dizer que eu não era louca e que ele iria gostar de mim de qualquer forma, jogo ou não. Que ele gostaria de mim, não importa a realidade.



*Corra o risco*, minha mente implorou. *Confie nele*. Eu não estava mais nervosa ao redor dele e estava pronta para o nosso encontro. Eu realmente queria que ele me levasse para sair, quando ele verdadeiramente não gosta de mim por mim mesma?

Eu engoli, franzi meus lábios, então fiz. Eu lhe falei tudo. A partir do momento em que eu caminhei até o escritório de Hammy para o meu castigo, até o momento que levantei da minha cama, sem marcas de agulha. Clarik sentou na cama, escutando atentamente. Na metade da minha explicação, a sobrancelha dele enrugou. Até que eu terminasse, ele estava rangendo seu maxilar.

Eu torci minhas mãos juntas.

— Você acha que eu sou maluca, não é?

Com uma expressão pensativa, ele ficou de pé. Água gotejou das suas mãos inchadas e vermelhas conforme ele relaxou na cadeira da escrivaninha. Fazendo careta, ele esfregou as mãos na sua calça e começou a digitação.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei, curiosa e insegura e precisando de algum tipo de garantia dele.

— Procurando algo.

Eu pausei ao lado dele, encarando a tela. Pelo menos ele não tinha rejeitado minha explicação imediatamente. Ele não tinha rido, tampouco.

— Eu ouvi falar de Laroque, — ele admitiu. — Ele é um cientista que quer revolucionar o estado de jogos de RV e 'psicoses' adolescentes. — Clarik disse a palavra com um sorriso de escárnio. — Ele é totalmente capaz de fazer algo como você descreveu.

Minha boca caiu aberta em choque, mas alívio obscureceu rapidamente todo o resto. Clarik sabia o que tinha acontecido comigo e ele acreditou em mim.

— Como você sabe isso?

Ele não respondeu por um longo tempo. Então, como se fosse vergonhoso, ele admitiu:

— Por sugestão da Sra. Hamilton, meu tio me fez visitar o doutor antes de me deixar me mudar para a casa dele.

— O que Laroque fez a você?

Os dedos dele continuaram voando em cima do teclado.

— Ele falou um pouco comigo, então decidiu que eu tinha muita raiva reprimida para entrar em um jogo meu próprio. Eu, uh, estava constantemente em brigas na minha antiga escola e sempre estava sendo expulso.

— Não fique nervoso por eu dizer isto, certo, mas você tem muita raiva reprimida.

— Eu sei, — ele disse quietamente, de longe. — Naquela época era, — ele encolheu os ombros, — Eu não sei. Meu pai há pouco tinha ido embora – de novo – depois de espancar a minha mãe. Em todos os lugares em que eu olhava eu via a cara dele e queria machucá-lo.

Oh. Eu estendia a mão e apertei o ombro dele.

— Eu sinto muito.

— Quando eu vi Bobby empurrar Mercedes... — Ele bateu o punho dele contra o topo da escrivaninha, tremendo sua base. — Ninguém deveria ter que temer levar uma pancada, especialmente uma menina. — Ele levou um momento para respirar, então gesticulou para o computador, terminando aquela linha de nossa conversa efetivamente. — Olhe para isto. Eu não tive sorte com o endereço da Sra. Hamilton, mas eu pude achar uma menção dela.

Excitação faiscou dentro de mim à medida que eu me ajoelhei. Meu olhar esquadrinhou em cima do artigo sobre um homem – John Laroque - que tinha sido despedido da Divisão de Ciências Paranormais de alguma universidade em Boston por comportamento antiético.

— Eu não posso acreditar que a Sra. Hamilton me pôs nas mãos daquele charlatão — eu disse.

— Parece que ele não aprendeu bem a lição dele sobre comportamento antiético. — A cadeira de Clarik rodou até que ele estivesse de frente pra mim. — Você viu a parte onde eles mencionam a intenção dele para escrever um livro sobre as experiências dele com ajuda de 'Donna Hamilton?'

— Aquela mulher! — Eu bati no topo da cadeira dele. — Ela tem de aparecer um dia. E se não, bem, eu tenho esses documentos que eu roubei do escritório dela. — Senhor, os papéis! Eu tinha

esquecido sobre eles. Eu tinha os enfiado em meu armário antes de sair para a aula. — Talvez eu ache uma pista ou algo.

Os longos cílios dele varreram abaixo, lançando sombras em cima das bochechas dele quando ele encarou às mãos.

— O que acontece se... e se você voltar e não se lembrar de que você... gosta de mim?

Eu engoli, dei um passo para trás, outro e outro até que eu bati na extremidade da cama. Meus joelhos se desmoronaram e eu caí subitamente sobre o colchão. Essa perspectiva me assustou, mas de uma forma diferente da que ele presumiu. Eu me lembraria de que eu gostei dele. O perigo era que *ele* não se lembraria de *mim*.

O que eu faria se ele olhasse para mim como uma estranha?

Ele tinha apoiado os cotovelos dele nos joelhos e tinha estado me observando, eu percebi. Observando os meus lábios. Esperando por uma resposta? Ou... querendo algo mais? Minha face corou, calor espalhando da minha testa para minha clavícula. As pálpebras dele elevaram, parecendo pesadas e oh tão sexy. Eu engoli de novo.

Eu não tinha esperado achar qualquer coisa nesta realidade nova da qual eu gostaria. Mas eu achei. Eu tinha achado. E, bem, eu não quer ia renunciar a ele. Ou as outras coisas que eu tinha tornado a apreciar.

Sem uma palavra, Clarik levantou e fechou a distância entre nós. Ele se ajoelhou em frente a mim e estendeu suas mãos sobre meus joelhos. Eu tinha mudado para uma saia e a pele nua dele tocou minha pele nua. Um calafrio dançou por mim à primeira sugestão de contato.

— Meu tio não está aqui — ele disse roucamente. Nós estávamos cara a cara e nossa respiração misturou juntas. — Nem a minha tia ou o meu irmão.

— Eu estou contente — Eu disse sobre a fina captura de respiração. Meu coração saltou uma batida.

— Eu quero te beijar.

— Eu não estou te parando. — Eu queria beijá-lo. Tanto. Quero, *preciso* sentir a pressão dos lábios dele, experimentar meu primeiro beijo. Com ele. Só ele.

— Você tem certeza?

— Sim. — Eu inclinei.

Ele levantou e me encontrou na metade do caminho. Nossos lábios pressionados gentilmente juntos, suave e experimental. O aroma quente dele encheu meu nariz. Então a língua dele saiu e hesitantemente buscou entrada em minha boca. Eu abri para ele, o dando boas-vindas para dentro.

Nossas línguas roçaram uma vez, duas vezes. Ele tinha gosto quente e oh tão doce, igual fogo e Morango Julius. Os efeitos do beijo ricochetaram por meu corpo inteiro, lambendo meu sangue, me fervendo de dentro pra fora. Sem parar nós provamos um ao outro.

Um beijo era como entrar nos portões do paraíso, Linnie tinha me falado uma vez. Ela estava certa.

— Jade — ele sussurrou.

— Clarik.

— Eu não quero parar.

— Eu não quero que você pare, também.

— Mas tenho que parar. — Houve arrependimento em seu tom. E desejo. E necessidade. E dor.

O pensamento da boca dele se separando da minha me teve gemendo em decepção.

— Só... um pouco... mais.

— Certo. Você me convenceu. — A língua dele mergulhou profundamente em minha boca. Rude. Deliciosa.

Meus braços deslizaram pelo peito dele e enrolaram no cabelo dele. Os fios eram sedosos e eu poderia ter ficado exatamente onde eu estava pela... eternidade. A mão dele arrastou-se pelas minhas pernas e ancorou sobre a parte inferior das minhas costas. Ele me puxou pra frente, até que não havia nada mais que um sussurro nos separando.

Eu sabia que eu ia escrever histórias sobre este momento por anos. O beijo, bem, compensou de alguma maneira todas as vezes que fui chamada de aberração, compensou por cada garoto que já escolheu Mercedes ao invés de mim. Compensou o horror que eu tinha suportado com a mudança em minhas realidades.

Ele puxou as mãos dele para cima, para cima, e em volta, então colocou em minhas bochechas. Lentamente, com pesar, ele terminou o beijo. Eu o contemplei através dos olhos pesados, ofegando um pouco. Seus lábios estavam molhados, inchados, e um tom de rosa mais escuro do que antes.

— Eu não acho que eu quero que você volte, — ele disse asperamente. — Eu gosto desta realidade.

Eu também. Deus, eu também. Naquele momento, eu gostava tanto dela. Eu queria ficar para sempre.

O som de um bater de uma porta de carro nos sacudiu e nós pulamos para longe culposamente. Eu fiquei de pé. Clarik se levantou, também, e caminhou à janela. Ele separou as cortinas.

— Minha tia e meu irmão, — ele disse. — Você quer ficar para o jantar?

— Não — Eu disse com pesar. — Eu preciso ir para casa.

— Vou levar você.

Eu limpei minha garganta, tentando combater os efeitos narcóticos do beijo dele. Tentando agir como se meus joelhos não estivessem a ponto de se desmoronar.

— Você pode parar na escola primeiro, assim eu posso pegar meu material?

— Será que o edifício não está fechado?

— Não. Fica aberto para os atletas em treinamento. — Nós não fomos em direção ao carro, entretanto. Ele uniu nossos dedos juntos e nós ficamos de pé no lugar, simplesmente olhando um para ao outro. Não, eu não queria renunciar aa isto.

O que diabos eu ia fazer?

## CAPÍTULO QUATORZE

*Se eu pudesse voltar no tempo e mudar alguns aspectos da minha vida, eu ainda seria a menina que eu sou hoje? Eu seria melhor? Pior? É estranho pensar que se uma coisa minúscula fosse diferente, eu seria diferente.*

Nessa noite, eu me tranquei no meu quarto apesar do desejo do meu pai em obter uma conversa franca. Ele me convidou para jantar com Susan, Mercedes e Lara (a irmã mais nova), todas quem ele havia convidado .

Eu queria vê-las.

Eu ainda estava preocupada com Mercedes. Eu tentei ligar para ela. Sem resposta. Ela nunca ficou muito longe de minha mente, porém, enquanto eu folheava os documentos que roubei do escritório de Sra. Hamilton. Nos papéis não tinha nada a não ser rabiscos e o arquivo que eu tinha encontrado sobre Clarik.

Ele não tinha mentido. Sua mãe tinha assinado a custódia dele para seu irmão, seu tio. Ela deixou ele e seu irmão mais novo – em todos os sentidos da palavra – e nunca olhou para trás. Seu pai estava na prisão por assalto e agressão, e o próprio Clarik tinha sido detido e até mesmo colocado em um lar para adolescentes violentos.

Ele teve mais uma chance de recuperar a vida dele e era na Escola do Inferno. Ele tinha quase estragado isso hoje brigando com Bobby. Ele *poderia* ter estragado, se qualquer um o denunciasse.

Ele podia ser um lutador, mas comigo ele não era nada mais que... um namorado. Como era estranho pensar essa palavra em conjunto comigo. Mas ele me beijou. Ah, ele tinha me beijado (com a língua!). Eu suspirei sonhadoramente e caí de volta no meu tapete, me estendendo. Eu sorri para o teto. Clarik. Eu poderia dizer o seu nome mil vezes e não seria o bastante.

— Jade? — Meu pai disse, batendo na minha porta.

Adeus sonhadora recordação. Eu franzi as sobrancelhas.

— Yeah?

— Susan ligou e cancelou. Mercedes quebrou o tornozelo.

Eu mexi meus pés e golpeei a porta, então depressa abri a fechadura e abri a porta.

— Ela disse qualquer outra coisa? Como Mercedes está?

— Ela estava no centro comercial, entrou em uma briga e quebrou o tornozelo dela. Susan esteve na sala de emergência com ela e elas há pouco voltaram para casa. A pobrezinha está com gesso.

Minhas bochechas coraram com a culpa.

— Deveríamos, talvez, ir lá e ver como ela está? Talvez nós devemos lhe mandar flores.

— Sim sobre as flores, não sobre a visita. — Ele balançou a cabeça e traçou um dedo ao longo do meu maxilar. — Mercedes está dormindo e Susan não quer perturbar ela.

Eu assenti com a cabeça entendendo.

A mão de meu pai caiu ao lado dele e a expressão dele adquiriu uma imagem triste, quase curiosa. Uh-oh. Aborrecimento sem dúvida.

— Isso é o que acontece quando os adolescentes conduzem uma vida de não-conformista, eu acho.

Não-conformista? Mercedes? Por favor. Seu maior crime foi ser esnobe.

— Não há nada de errado com expressar a individualidade, pai. Isso não faz as pessoas serem más ou torná-las merecedores de coisas ruins. — Quantas vezes eu teria que dar esse discurso?

Ele não disse nada, mas seu queixo inclinou para o lado e ele considerou como se eu tivesse falado uma língua estrangeira. Odiava ter que admitir isso para ele, mas eu reprovei em Espanhol.

— Eu realmente duvido que você gostaria que do mundo se todos fossem iguais, falassem a mesma coisa, e agissem da mesma forma. — Em uma tangente agora, eu não poderia ter fechado minha boca se o próprio Deus descesse e apertasse meus lábios para se calarem. — E se Susan fosse igual a qualquer outra mulher do mundo? Será que ela continuaria a ser especial para você?

— Bem...

— Eu achei que não.

Ele cruzou os braços dele em cima do tórax e se apoiou contra a envergadura da porta.

— Doçura, Mercedes é selvagem.

É isso que ele pensava de mim? Antes da mudança, eu quero dizer? Ele me via como uma selvagem não-conformista que causava problemas e basicamente merecia qualquer dificuldade que viesse no caminho?

— Pense no que eu falei, ok? Pense em como brando e infeliz o mundo seria sem pessoas como eu... uh, a Mercedes - para adicionar tempero. — Sem mais nada a dizer, eu fechei a porta na cara atordoada dele.

Mercedes perdeu o próximo dia de escola. E o próximo. Liguei várias vezes por noite, mas ela me ignorou. Uma vez Linnie atendeu seu telefone e me disse que eu poderia viver na podridão pela eternidade. Eu ouvi Mercedes rindo ao fundo.

Ela começou a gostar, obviamente, dessa realidade, bem como também - com os meus amigos, que não eram realmente mais meus amigos. Era Avery quem me ligava toda noite e falava sobre os meninos e roupas. Avery, que buscava o meu conselho e me ajudava com a lição de casa. Ela não se preocupava que eu não queria sair com o irmão dela; ela gostava de mim não importava o que.

E eu gostava dela.

Veja. Eu estava admitindo isso sem qualquer sugestão de culpa ou embaraço. Eu gostava dela. Sim.

No terceiro dia, o vice-diretor anunciou que a pobre, doente Sra. Hamilton (doente da cabeça, era o meu diagnóstico) voltaria na outra semana e que ele estava indo em frente com todas as atividades estudantis - incluindo as eleições de classe. O que significava...

— Você vai vencer, — Avery disse após o primeiro período. Ela uniu nossos braços e nós saltamos pelo corredor. — Não fique nervosa. Você está incrível.

— Eu não estou nervosa.



Cheesy se juntou a nós, conversando sobre o meu esplendor, também.

— Você nunca esteve melhor, e você será a melhor presidente! Você pode falar para Hammy finalmente criar uma classe de magia negra.

Eu parecia à mesma de sempre no meu jeans e um top de franja preto. Nada de especial sobre a minha roupa. Nada de diferente sobre o meu cabelo ou maquiagem. Mas hoje me sentia diferente. Mais forte. Mais segura. E era uma boa sensação. Talvez eu finalmente tenha encontrado meu lugar no mundo.

— Não há nenhuma forma de você perder, — continuou Cheesy. — Todo mundo adora você. Simplesmente *adoram* você.

Onde estava Clarik? Eu gostaria de saber. Eu não o tinha visto hoje. Não tinha visto ele a semana toda, na verdade. Ele perdeu vários dias - e eu sentia falta dele. Ele me ligou algumas vezes, mas não era o mesmo que vê-lo. Especialmente quando, mais cedo nessa manhã, eu tinha sido atingida por um horrível pensamento que se recusava a me deixar. E se eu fosse arrancada do jogo? Sem nenhum aviso prévio, não encontrando Sra. Hamilton ou Dr. Laroque ou os computadores. Simplesmente *boom!* Num momento aqui, no outro lá.

O que então?

Eu não estava pronta para sair. Eu queria gastar mais tempo com Clarik, o beijar um pouco mais. Eu queria me tornar a presidente de classe e mostrar aos meus antigos amigos e Mercedes que eu era alguém importante. Que outras pessoas me adoravam.

— ... e eu estava esperando por isso o ano todo, Senhora Presidente, — Avery estava dizendo.

— Aposto que Bobby tem o primeiro pedido formal, — disse Cheesy. — Ele quer que você faça uma petição ao conselho escolar para uma vestimenta mais vulgar para as meninas.

— Como *está* Bobby? — Eu perguntei a Avery. Ele, também, não tinha ido à escola esta semana.

Ela acenou sua mão em sinal de descarte.

— Ele tem um olho roxo e um nariz quebrado, mas não é menos do que ele merece por intimidar você.

Eu notei que ela não disse nada sobre Mercedes sendo intimidada por ele, e isso provocou um pouco de irritação dentro de mim.

— Ele veio para a escola hoje?

— Yeah, ele está por aqui em algum lugar. — Seu rosto esmagou com preocupação, enquanto aumentava as linhas de preocupação na sua testa. — Clarik não vai brigar com ele novamente, vai?

— Não. — Eu não esperava, pelo menos. Eu podia gostar da imagem de Bobby gemendo e urrando em uma bola fetal de dor, mas eu não queria Clarik em dificuldades.

Avery tomou fôlego e deu um suspiro de alívio.

— Graças a Deus. Clarik é totalmente... violento, não é?

— Ele é um machão total — Cheesy disse com um suspiro sonhador, — e isso é o que faz ser totalmente gostoso. Jade tem tanta sorte.

Nós passeamos o resto do caminho no hall de entrada, braço com braço. Todo mundo olhava para as três de nós com admiração e temor em seus olhos. Várias crianças pararam e acenaram para nós. Algumas competiram até mesmo por nossa atenção. Avery e Cheesy gostaram disso, e eu admito, eu também. Havia uma nova estrutura para a minha caminhada, confiança em cada passo meu.

— Hey, Jade — alguém disse.

— Hey — eu respondi.

— Está bonita — Outra pessoa.

— Obrigada — Eu sorri.

Linnie passou caminhando por mim, mas não disse nada. Nem sequer olhou para mim. Eu mantive meu queixo alto, não falando com ela, tampouco. De melhores amigas, para *isso*. Era triste. Não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso agora. E eu descobri que não me incomodava mais.

— Em seguida é a rainha do baile, não é? — Eu perguntei para Avery, um pouco animada com a perspectiva.

— Yep. Depois rainha da formatura, e depois Miss Haloway. Você será a primeira mulher a vencer todos os três na história da escola. — Avery esticou o braço e apontou. — Veja. — Sua voz caiu para um semianimado, meio-temeroso sussurro. — Ali está Clarik.

Meu coração saltou uma batida quanto eu arrastei meu olhar através do corredor, procurando por ele. Lá! No final do corredor. Quando nossos olhos colidiram, ele parou de caminhar. Parei de andar. Ele sorriu lentamente. Eu sorri lentamente. Ele começou a caminhar até mim e eu segui em movimento, tendo cuidado para não pular. Avery e Cheesy ficaram ao meu lado, ansiosas para ouvir nossa conversa, eu acho.

— Hey —, Clarik disse, olhando só para mim.

— Hey, você — eu disse.

— Eu ouvi falar da eleição. Você está nervosa?

— Não realmente. — Eu não tinha me inscrito, uma vez tinha pensado que odiaria isso, mas agora eu queria vencer. Eu *iria* vencer. Todo mundo iria ficar impressionado. Eu seria consagrada, a líder absoluta desta escola.

Avery suspirou e disse:

— Lá está Mercedes. Ela parece tão... triste. Não sei por que, mas isso me deixa triste. — No instante em que ela percebeu o que tinha falado, suas bochechas ficaram coradas com mortificação. — Eu não posso acreditar que eu disse isso em voz alta. Eu devo estar sob efeito de drogas. Quem se preocupa com aquela aberração, certo?

Eu encarei arduamente Avery, tentando ler ela. Okay. O que tinha acabado de acontecer? Ela não deveria gostar de Mercedes, nem sequer um pouco. Os verdadeiros sentimentos estavam escapando através dela? O jogo estava enfraquecendo? Ou se reprogramando com nossas ações?

Estava esse... amolecimento acontecendo com *meus* ex-amigos?

Mercedes não olhou na nossa direção quando ela passou por nós. Seus traços estavam pálidos e apertados. Erica caminhou ao seu lado, carregando seus livros. Ela me nivelou com um olhar e uma carranca, mas havia mais curiosidade na carranca do que calor.

Eu senti uma onda de pânico de que eu seria levada desta realidade, e tudo o que eu tinha ganhado seria perdido sem aviso prévio. Eu me obriguei a ficar calma.

— Está tudo bem, — eu disse a Avery. — Todos nós enlouquecemos um pouco às vezes.

— Vamos. — Clarik apertou minha mão. — Vamos levar você à assembleia.

— Avery, Cheesy — eu disse, — vocês poderiam ir na nossa frente e nos guardar lugares?

— Claro, — elas responderam em uníssono, riram, em seguida, saíram com sorrisos felizes.

Clarik piscou para mim, com uma faísca provocante nos olhos azuis dele.

— Precisa de algum tempo só comigo, é?

— Clarik, — eu disse, mas eu olhei para ele e o resto das minhas palavras vacilaram. Eu não estava segura do que iria dizer, de qualquer forma. Após a coisa com Avery e, em seguida, com Erica, eu tinha uma súbita necessidade de ter Clarik para mim, agarrar ele para não perdê-lo.

— Você, uh, encontrou qualquer coisa sobre Sra. Hamilton?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não. É como se ela tivesse apagado toda a informação sobre ela.

— Talvez ela *tenha*.

Alguém de repente bateu no lado dele, o impelindo para trás. Eu ofeguei, arrastada junto com ele. Ele endireitou e olhou ao redor. Bobby — cujo rosto estava cortado e contundido, eu notei com satisfação — tinha juntado um grupo grande de amigos dele. Eles estavam alinhados ao lado dele como um desfile de testosterona.

Meu estômago se amarrou com pavor. Não agora, eu gemi silenciosamente. Não com Clarik tão perto da expulsão.

— O que você está fazendo, Bobby? — Eu disse, tentando o meu melhor para soar dura, como um professor. Ou a Sra. Hamilton. Essa mulher poderia assustar o diabo.

A atenção de Bobby não oscilou de Clarik.

— Eu apenas quero provar que seu *namorado* — ele zombou na palavra — não é tão durão quanto ele pensa que é.

Fazendo carranca, eu ancorei um punho em meu quadril e olhei furiosa para ele.

— Então você vem com sua gangue de amigos para cima dele? Tudo isso prova como você é fraco. Vista suas cuecas de garotão

Bobby, e aja um pouco inteligente.

Clarik se postou na minha frente, bloqueando-me com seu corpo.

— Vá para a assembleia, Jade. Você não precisa ficar para isso.

— Yeah, vai ser um banho de sangue, — Bobby disse com um sorriso apreciador.

— Eu não vou sair, — eu disse corajosamente. Por dentro, eu admito, eu tremia e balançava de um lado para outro entre decisões. Eu deveria ir buscar ajuda? Eu deveria gritar? Eu deveria, talvez, paquerar Bobby para acalmá-lo? O que eu deveria fazer, o que eu deveria fazer?

— Briga, — eu ouvi as crianças da sala começarem a cantar. — Briga! Briga! Briga!

As pessoas estavam se reunindo ao redor, esquecendo a assembleia, prontas para assistir ao abate. Ver a carnificina.

— Alguém vá buscar...

— Não, — Clarik disse, me cortando. — Bobby não aprendeu a lição sobre não mexer com as pessoas menores que ele, então eu vou ter a certeza que ele aprenda dessa vez.

— Vá buscar ajuda, — eu comandeí a menina próxima a mim.

— Faça e você lamentará por isso, — Bobby repreendeu.

Ela congelou no lugar. O que eu deveria fazer? Eu novamente desejei saber, um pouco mais desesperadamente.

— Você quer um pedaço de mim, — Clarik disse, dando um passo adiante — Venha pegar.

Bobby, também, deu um passo para frente. Seus amigos ao seu lado.

Só então uma menina veio correndo na frente, rebocando o vice-diretor.

— Parem! — Ele chamou. — Parem. Bem. Agora!

Um suspiro aliviado jorrou de mim enquanto as crianças se aquietaram. Bem assim, o potencial de uma briga terminou e o desastre foi evitado escassamente.

Sr. Bradford se intensificou no meio dos rapazes, arquejante, olhando furiosamente para Clarik.

— Clarik Spanger, recolha seus pertences e marche até meu gabinete. Eu sabia que você seria problema no primeiro dia que

coloquei os olhos em você. Nunca deveriam ter permitido você a entrar nesses corredores, e eu vou ter certeza que você não terá permissão para voltar.

— Mas Sr. Bradford, — eu disse, — Clarik não...

— Obrigado por sua ajuda, Sr. Bradford, — Bobby disse, lutando contra um sorriso mal. — Eu não tinha certeza sobre o que fazer quando Clarik me ameaçou.

—Mas...

Clarik bateu o punho dele contra um armário.

— Achei mesmo que eu fosse ser culpado. — Ele girou ao redor e andou arrogantemente para longe, nunca olhando para trás.

## CAPÍTULO QUINZE

*Minha mãe costumava me dizer que qualquer coisa era possível. Quem me dera que fosse verdade, mas eu não fui capaz de trazê-la de volta, e eu não fui capaz de obter apoio por quem eu sou. As pessoas são a coisa mais difícil em todo o mundo a mudar.*

Tentei correr atrás de Clarik, mas o Sr. Bradford me parou pulando no meu caminho e abanando um dedo em minha face.

— Onde você pensa que você vai, mocinha? Você tem uma assembleia para participar, e sua presença é obrigatória. Sra. Hamilton me chamou de sua cama doente, exigindo que eu tenha certeza que você esteja lá.

Eu acalmei.

— Você falou com ela? O que mais que ela disse?

— Uh, uh, uh. Sem perguntas.

Meus dentes rangeram juntos. Então a Sra. Hamilton *estava* nesta realidade. Ela estava evitando Mercedes e eu, como nós tínhamos suspeitado, e não era apenas um nome aqui.

— Clarik não teve culpa, você sabe.

— Meninas têm defendido os meninos maus durante séculos, Senhorita Leigh. — Com um movimento do seu braço, fez-me sinal na frente dele. — Agora ande.

No caminho para o auditório, eu expliquei o que realmente aconteceu. O Sr. Bradford acenou com a cabeça em todos os lugares certos, mas recusou-se a mudar de ideia sobre de quem era a culpa. Eu não entendi isso. Todos os outros professores fizeram o que eu disse a eles para fazer. Ele tinha sido programado para resistir a mim?

— Ele é uma ameaça, Jade, e destinado à prisão. Estou surpreso que seu pai lhe permite sair com alguém como Clarik Spanger. Ele deve temer pela sua vida.

— Sr. Bradford...

— Não, nenhuma outra palavra de você.

*Garrar.* Nós tínhamos alcançado os assentos. Ele me acompanhou à fila dianteira, bateu levemente no meu ombro e passeou sobre o palco. Em seguida ele lançou-se em um discurso sobre a honra e integridade e formas não violentas de se expressar.

Avery sentou ao lado de mim. Ela chegou e apertou a minha mão.

— O que aconteceu?

— Tudo que eu não queria que acontecesse — eu murmurei. O que eu ia fazer? Clarik não merecia ser chutado para fora da escola. Ele não tem um comportamento muito bom, sim, mas ele protegia os mais fracos do que ele próprio. Não era para as pessoas serem louvadas por isso?

Deus, que pesadelo! As coisas pareciam tão promissoras apenas uma meia hora atrás. Eu tinha um novo grupo de amigos. Eu era popular e adorada, com um namorado que realmente, realmente gostava de mim. Agora... Eu tinha os amigos, eu ainda era popular, ainda era adorada, mas o namorado que gostava de mim podia ser levado embora e não havia nada que meus novos amigos ou popularidade poderiam fazer para impedir isso de acontecer.

O preconceito do Sr. Bradford contra o Clarik era como o preconceito que o Sr. Parton tinha contra mim. Infundado. Desnecessário. Indesejável.

Estúpido.

Porque as pessoas são desse jeito? Por que havia tanto ódio?

— Não há necessidade de um maior atraso. O novo presidente de classe sênior é... — Sr. Bradford sorriu e empurrou os óculos dele alto no nariz. — Esta não é nenhuma surpresa. Eu acho que todos vocês serão deleitados. — Ele deu uma pausa dramática.

— Conte para nós, — alguém gritou da multidão.

Risinhos circularam a sala.

— Dê uma rodada de aplausos para... Jade Leigh! — Sr. Bradford bateu palmas. — Ela é sua nova presidente de classe. Isto certamente prova que será um ano fantástico!

Gritos e assobios estouraram. Aplausos abundantes. Eu tinha estado contemplando as minhas mãos, mas ao som de meu nome,



minha cabeça se levantou. Engolindo, olhei ao redor. Todo o mundo me assistia esperançosamente.

— Vai lá em cima, tonta — disse Avery com um grande sorriso. — Você ganhou. Você ganhou!

Eu queria que isso acontecesse, certo? Naquele momento, eu não conseguia me lembrar. Eu fiquei de pé, minhas pernas trêmulas, e arrastei os passos até a plataforma. Se o coro estivesse aqui, eu sei que eles teriam estourado em uma canção.

Eu cheguei finalmente no pódio e encarei a multidão ainda aplaudindo. Luzes luminosas me envolveram, mas eu conseguia identificar algumas faces. Eu mesmo - sim! Eu podia ver Clarik de pé atrás, inclinado contra uma das paredes. Ele sorriu animadoramente pra mim, provavelmente tinha se movido furtivamente até aqui para me assistir.

“Eu sabia que você seria problema”, o Sr. Bradford tinha lhe falado. As mesmas palavras que o Sr. Parton tinha uma vez dito para mim.

“Ela é selvagem”, meu pai tinha dito sobre a falsa Mercedes, significando que eu era a selvagem nos olhos dele.

— Woohoo! — alguém chamou.

— Você arrebenta, Jade!

— Obrigada, — eu disse no microfone. Minha voz ecoou em meus ouvidos e eu recuei. — Agradeço a todos vocês que votaram em mim. — *Eles não votaram em você, entretanto, votaram?*

— Vai, Jade, vai!

— Eu vou tentar... — O quê? O que devo dizer? — Vou tentar ser uma boa pres... idente. — O momento que eu falei, meus olhos fecharam com os de Mercedes. Ela pareceu ciumenta e miserável e tudo dentro de mim gelou. A injustiça absoluta de minhas palavras ecoou em meus ouvidos, abafando todas as outras vozes. Meus lábios apertaram junto, minhas mãos apertaram o pódio.

Isso foi tudo que levou, aquele única batida de coração suspensa no tempo e eu sabia. *Sabia*.

Isto estava errado. De alguma forma, ao longo do caminho, eu comecei a perder o meu verdadeiro eu. Se não fosse pelo jogo,

esses alunos me considerariam uma aberração. Indigna. Eles me odiariam, me desanimariam.

O que eu estava fazendo, aceitando esta posição? O que diabos eu estava fazendo?

Eu quis isto por todas as razões erradas. Provar a mim mesma? Sim. Mas eu não deveria precisar ganhar uma competição de popularidade para fazer isso. Para colocar Linnie, Erica, Robb, e Mercedes nos seus devidos lugares porque me odiavam? Sem dúvida. Mas a mesma coisa tinha sido feita inúmeras vezes a mim, pessoas me colocando em meu "lugar". Como eu poderia fazer isso à outra pessoa? Alguém que eu deveria amar?

Eu encarei, capturando as faces esperançosas. *A garota que vocês votaram não sou eu*, eu pensei. Não realmente. Não o verdadeiro eu. Eu não deveria estar aqui. Esta vitória pertence à outra pessoa, a *ela*. A verdadeira *ela*.

O ódio tinha que parar.

No instante seguinte, algo dentro de mim rompeu. Satisfação, talvez. Aceitação, seguramente. Eu não poderia deixar que isso fosse adiante. Se eu voltasse para a minha realidade ou não, as coisas tinham que mudar.

— Mercedes Turner, venha aqui em cima, por favor, — eu disse. Minha voz não oscilou, entretanto eu estava tremendo por dentro.

Um ofegar coletivo soou.

Mercedes sacudiu violentamente não com a cabeça.

— Eu não mereço esta honra, — eu disse. — Você merece. Venha até aqui. Por favor.

— Jade — ela rosnou. Ela olhou ao redor. — Pare.

— Não. Temos de acabar com a guerra entre nós, de uma vez por todas. Temos de pôr fim à guerra entre os Góticos e as Barbies.

— Jade...

— Por favor.

Havia um silêncio mortal enquanto ela ficava de pé lentamente e mancou para o palco. Alguns dos estudantes mais tumultuantes lançaram chumaços de papel a ela. Segundos agonizantes pareceram passar fazendo tique-taque, até que finalmente ela ficou

ao meu lado. Ela colocou a mão sobre o microfone e sussurrou ferozmente:

— Eu tenho que te dizer uma coisa.

— E eu tenho que contar a escola algo. — Eu inquiri a mão dela para longe e enfrentei a multidão. Eu tinha que fazer isto; precisava ser feito e precisava por muito tempo. — As Barbies não são aberrações e nós deveríamos estar envergonhados de nós mesmos...

— Cale a boca, Jade. Você apenas vai...

— ... por tratá-los...

— ... fazer tudo...

— ... dessa maneira.

— ... pior para mim.

— Eles podem se vestir diferente, mas isso não lhes faz menos que nós. Todos nós temos esperanças e sonhos, pensamentos e sentimentos.

— Clarik está trabalhando para a Sra. Hamilton — Mercedes disse bruscamente.

— O quê? — Eu gritei, diante dela.

— Ele está trabalhando para Sra. Hamilton. — Sua voz ecoou em todo o estádio. — Eu não ia te contar, mas você não calava a boca! Todo mundo já me chama de uma aberração. Eu não preciso deles me chamando de projeto de caridade da Jade Leigh, também. Você é doce por fazer isso, você é. Eu admito isso. Mas posso lutar minhas próprias batalhas.

Minha visão ficou preta e vermelha por um momento e minha respiração ficou presa na garganta.

— Você está mentindo sobre Clarik, — eu disse quietamente. — Ele não está.

Ao longo da multidão, sussurros de “Sobre o que elas estão falando?” escorriam para nós, calmos no início, mas rapidamente crescendo em volume.

— Eu não iria mentir sobre uma coisa como essa. Ele faz parte do jogo. Hammy deve ter dito pra ele nos vigiar e informar tudo desde o princípio. Eu achei as notas dela. Elas estavam nos documentos que eu fotografei no escritório dela.

— O que está acontecendo, meninas? — Sr. Bradford exigiu.

— Jade, — Clarik chamou da multidão. — Jade, me escute. Me deixe explicar.

A segunda vez que ele falou meu nome, ele pareceu mais perto de mim. Ele devia estar correndo na minha direção, eu pensei, mas eu não poderia dizer, porque meus olhos estavam tão aguados. Eu virei e corri. Eu bati para fora da porta lateral no auditório, pra fora do edifício.

Ele me alcançou no estacionamento e pegou no meu braço, me parando laboriosamente.

— Me deixe explicar — ele disse, resfolegando.

— É verdade? — Eu exigi, estando em frente a ele. Eu enxuguei furiosamente os meus olhos.

Ele estava pálido e carranqueando.

— Sim. — Eu tentei correr novamente, mas ele agarrou meus ombros e me segurou no lugar. — Era para eu te levar no primeiro dia e mostrar a você que todo mundo era Gótico. Eu fiz isso. Eu relatei. Desde então eu tenho dito a ela algumas coisas, mas não tudo. Eu não pude. Eu não quis trair você.

— Isso é engraçado, porque você me *traiu*. — Eu fugi do aperto dele, mas não tentei escapar. Como eu poderia ter sido tão estúpido para pensar que um garoto como ele iria realmente me querer? — Tudo o que disse para mim foi uma mentira. Você faz parte do jogo. Você disse que eles não o puseram no jogo!

— Eu nunca menti, Jade. Nunca. Eu disse que eles não me puseram em meu próprio jogo. Eles me puseram no seu. Eu ia te contar. Eu planejei te falar hoje à noite, na verdade.

— Por que você faria isto? — Fechei os olhos, bloqueando o seu rosto pelo relampejo de tempo que eu precisava para ficar sob controle. — Apenas me diga por quê.

Ele parecia torturado.

— A Sra. Hamilton não ia me permitir nesta escola, e se ela não me aceitasse eu iria pra longe e seria colocado dentro de uma instituição. Eu não a conhecia na ocasião, então por isso eu disse que sim. Eu lamentei isto no momento que eu conheci você. Você tem que acreditar em mim.

— Você sabe onde ela está ficando então? Você mentiu sobre isso?

— Não. Nós nos encontramos no laboratório. Eu juro a você.

Isso extinguiu um pouco da minha raiva, mas nenhum da minha dor.

— Você falou sobre querer que eu ficasse aqui assim você não me esqueceria. Você é parte do jogo. Você não vai esquecer. Você sabia disso. Só mais de suas mentiras, eu acho.

— Não. — Ele balançou a cabeça, um brilho desesperado nos olhos dele. — Eu disse que não queria voltar para a outra realidade. Eu tinha medo que você descobriria o que eu tinha feito e teria deixado de gostar de mim.

— Você tinha razão. — Eu ri amargamente e me afastei pra longe dele.

— Eu sei como ajudá-la a voltar, — ele correu. — Eu acho que posso duplicar o jogo, apenas em sentido inverso. Quando o doutor me colocou aqui, eu o assisti. Eu só preciso dos códigos. Se pudermos achá-los, eu posso levar-nos de volta.

Eu parei a meio-passo, então lentamente virei em direção a ele. Naquele momento, eu não gostava dele, mas há pouco eu teria trabalhado com o diabo para chegar a casa.

— Eu roubei alguns papéis do escritório da Sra. Hamilton. Havia um monte de números e outras coisas neles.

Ele se animou.

— Então é isto! Isso é o que eu preciso.

Eu arqueei uma sobrancelha, assistindo a expressão dele.

— E se você for expulso da escola por me ajudar a retornar?

— Eu lidarei com isto, — ele disse, determinado, porém um pouco da luz tinha se escurecido. — Eu *vou* fazer isso por você. Eu não menti sobre gostar de você, Jade. Eu gosto de você. Muito. Você é doce e atenciosa e você me faz rir.

Eu não respondi à declaração dele. Eu não poderia. Eu me sentia muito crua, muito exposta.

— Me leve para casa, — eu disse suavemente, — e eu lhe darei os documentos.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

*Como as pessoas no céu veem através das massas e encontram seus entes queridos? Pela minha vida, eu não consigo pensar em uma resposta. E mais que tudo, eu quero que a minha mãe me veja, cuide de mim.*

Na manhã seguinte, eu me vesti como um clone de Barbie. Isso mesmo. Você não entendeu mal. Um clone de Barbie. Eu usei o vestido de domingo favorito de minha mãe, de renda marfim e arcos rosa fluídos. Eu tive que cavar em uma caixa das coisas velhas dela, e tinha chorado. Depois, eu até mesmo lavara a tintura do meu cabelo e agora os cachos loiro escuro cascadeavam em meus ombros.

Eu me sentia estranha, mas estranhamente *correta*.

Eu era Jade Leigh, pura e simplesmente. Eu não me conformava, não seria parte de uma multidão que odiava tudo diferente. Não seria o que todo mundo achava que eu deveria ser. Eu simplesmente seria eu, com todos meus defeitos, com todas minhas deficiências. Deixe o mundo me chamar de aberração. Eu não me importo. Outras pessoas não tem que viver com as consequências de *minhas* ações. Outras pessoas não determinam a quantia de felicidade que eu tenho. Eu faria isso. E eu estaria contente comigo. Eu estaria contente com minha vida, não importa que me chamem de outros nomes.

Meu pai dirigiu até a escola murmurando só:

— Festa a Fantasia? — Ele lançou olhares chocados continuamente em minha direção. — Se você está fazendo isso para provar um ponto de vista...

— Eu não estou. Estou fazendo isso por *mim*.

— Eu amo você por quem você é, Jade — ele disse e havia verdade na voz dele. — Não importa como você se vista. Você sabe disso, não é?

Eu olhei para ele e sorri lentamente.

— Eu sei agora.

Quando nós chegamos ao edifício, e u beijei a bochecha dele e sai do carro com minha cabeça alta e meus ombros enquadrados. Eu entrei na Haloway High aos sons de suspiros chocados. Meu queixo nunca abaixou.

— Aquela é Jade Leigh?

— De jeito nenhum.

— Jade? É você?

— Por que ela está vestida como uma aberração?

— Ela gosta deles. *Hello*, se lembra da assembleia?

— Ela está se suicidando total socialmente — alguém murmurou.

— Por que tem que haver *Góticos* e *Barbies* diferentes? — Eu perguntei para ninguém em particular. — Por que não podem apenas serem pessoas?

Avery, Cheesy, Michelle e Bobby estavam de pé em frente aos armários e me encararam, estupidamente. Eles não entendiam o que eu estava fazendo. Infelizmente eles talvez nunca entendessem. O ódio tinha que parar, eu pensei novamente, e eu estava agora em uma posição de ajudar a fazer isso.

Eu talvez nunca estivesse novamente nessa posição.

— Eu te levarei para sua casa, — Avery disse, enquanto pisava até mim. Ela contemplou para ver ao redor quem estava assistindo.

— Você pode mudar...

— Eu não quero mudar.

— Mas... mas...— ela tropeçou.

— Ou você gosta de mim pelo que sou, não importa como eu estou vestida, ou você não gosta de mim mesmo.

Com isso, eu marchei para a classe.

Sra. Collins estava tão chocada quanto os estudantes. Ela tropeçou tantas vezes por cima da lição que eu perdi a conta. Ela simplesmente não conseguia tirar o olhar de cima de mim. Ficar chocada era bom, apesar de tudo. Um choque iria segurar a atenção e fazê-los falar sobre isso depois durante dias. E talvez, quando conversassem sobre isso, eles começariam a ver o quão bobos tínhamos sido todos.

Na metade da aula, a porta abriu com tudo. A cena era misteriosamente familiar, como um retrospecto para meu primeiro

dia dentro do jogo. Eu experimentei um solavanco dessa vez, também, e endireitei em minha cadeira.

Mercedes se encurvou rapidamente para dentro.

— Estou arrependida por aquilo que eu disse a você ontem, — ela correu apressadamente seu olhar encontrando o meu. — Mas ele fez isso... — Seu olhar pousou em mim e ela ofegou. — Por que você está vestida assim? Você parece tão estranha! Não importa — disse ela, com um suspiro. — Clarik realmente fez isso. Eu não acreditei nele de primeira, mas ele me convenceu!

Eu fiquei em pé imediatamente.

— Quando você falou com ele?

— Alguns minutos atrás. — Se ela não tivesse estado usando um gesso, ela estaria saltando para cima e para baixo com excitação. — Eu não sei como ele conseguiu o número, mas ele ligou para o meu Sidekick. Eu o ignorei, assim ele me mandou um e-mail. Ele me deu um endereço para um lugar no centro da cidade e disse para o encontrar lá. Agora mesmo! Ele vai nos enviar para casa, Jade. Nós poderemos ir para casa!

— Isso é inaceitável, Senhorita...

— Eu não ouvi o resto do discurso da Sra. Collins. Eu já estava arrastando Mercedes para fora da sala. Ela saltava atrás de mim tão rápido quanto ela podia. Erica, Linnie, Robb estavam esperando no corredor. Eu parei surpresa.

— Aonde vocês vão? — Eu perguntei.

— Mercedes explicou o que aconteceu, — disse Erica. — Não tenho certeza se acredito nela — desculpa, Sades, mas você soa louca e insana — mas eu só queria dizer que estou arrependida pela maneira que eu te tratei. O seu discurso ontem foi... legal.

— Idem — Linnie disse.

— Yeah, idem — disse Robb. Suas mãos estavam nos bolsos e ele balançou nos sapatos dele.

Naquele momento, eu quis abraçá-los e nunca mais largar. Como eu podia ter esquecido como eles eram maravilhosos?

— Voltem para classe, caras, — disse Mercedes, sorrindo. — Jade e eu podemos levar a partir daqui.



Eles acenaram com a cabeça e viajaram para fora, deixando Mercedes e eu sozinhas na sala. Nós não perdemos mais tempo. Nós fomos para o estacionamento, ansiosas para encontrar Clarik e acabar com essa troca de universo de uma vez por todas.

— Nós temos que pegar meus documentos, — ela me falou. Com cada momento que passava, intensificou a excitação dela. — Clarik já tem o seu, mas disse que ele precisa do meu para, com sorte, completar a equação, então nós estamos livres em casa! Eu quase não posso acreditar nisso.

— Onde estão os documentos? — Havia uma mola no meu passo, também, e eu não conseguia limpar meu sorriso. Eu nunca teria imaginado que hoje teria acabado sendo tão doce.

— Eles estão na minha casa. Lembra-se, eu bati fotos deles e passei no meu computador.

— Certo. — Nós estávamos de pé do lado de fora, centenas de carros se enfileiravam em frente a nós. — Onde está seu carro?

— Uh, olá. Tornozelo quebrado. — Ela acenou sua mão para baixo em sua perna. — Os meus – os seus – os *nossos* amigos me levam à escola. Teremos que levar o seu carro.

Uma bola de chumbo caiu no meu estômago, drenando o meu entusiasmo, limpando meu sorriso.

— Não dirijo, Mercedes. — Eu estava em frente dela, silenciosamente implorando para ela entender. — Nunca.

Ela não mostrou misericórdia.

— Bem, então é melhor começar agora. Corra para sua casa e pegue o carro, em seguida, volte para me buscar.

— Não. — Eu balancei minha cabeça para enfatizar melhor minhas palavras. Ela tinha que entender. Eu não podia ficar atrás do volante de um carro. Eu simplesmente não podia .

— Você está perdendo tempo, sua bebezona. Vá buscar o seu carro.

— Vamos chamar um táxi, — eu disse desesperadamente.

Ela soltou o fôlego, levantando várias mechas do cabelo de sua testa.

— Você tem tempo ou dinheiro? Vá. Comece a correr.

— Não. — Eu bati meu pé. Eu não iria fundo neste assunto.

— Comece a correr, Jade Leigh, ou eu vou dizer para minha mãe que eu acho que ela deve se casar com seu pai!

Eu corri.

Meu sangue esfriou enquanto eu corria para minha casa. As aparentemente intermináveis milhas fizeram meus pulmões arderem e músculos pulsarem. Arquejando, eu peguei minhas chaves do carro (as quais eu deixava na minha gaveta da escrivaninha) e entrei no carro e consegui ligá-lo. Tinha um ano, mas tinha sido tão pouco usado, ainda cheirava como um carro novíssimo.

— Eu posso fazer isso. — Respiração ofegando de minha garganta. — Eu posso. — Eu agarrei o volante tão apertado que minhas juntas ficaram brancas. E se alguém batesse em mim? E se...

— Não pense dessa maneira. Só dirija.

Timidamente, eu coloquei o carro em marcha ré, mas eu puxei os freios no momento em que se moveu. Foi esse o guincho dos pneus que eu ouvi? Querido Deus. Eu limpei o suor da minha testa.

— Você está vestida como uma Barbie. Pelo amor de Deus, você pode fazer qualquer coisa.

Eu afrouxei os freios. Minha respiração emergiu rasa e agitada. Ohmeudeus. Okay. Movendo. Estava movendo. Ohmeudeus. Lágrimas fluíram sobre minhas bochechas quando imagens da minha mãe tentaram invadir minha mente.

O carro deu um tranco. Eu traguei, endireitando meus ombros.

— Eu sou valente, — eu disse com falsa confiança. — Eu posso fazer qualquer coisa, assim como minha mãe me falou uma vez.

Meu pé aliviou o freio, e o carro avançou lentamente mais uma vez em movimento. Lentamente eu ultrapassei um carro (sem ter um ataque de pânico), então dois (sem ter um ataque de pânico). Eu mantive um passo fixo, e finalmente, por último, fiz o passeio de dois minutos em quinze.

Mercedes abriu a porta do lado do passageiro.

— Eu consegui, — eu disse a ela. — Eu realmente consegui!

— Que bondade sua vir — disse ela secamente. — Eu estou pensando que nós *deveríamos* ter chamado um táxi. Você sabe

quantas vezes o segurança passou por mim?

— Cale a boca e entre. — Eu emiti o comando com um sorriso. Pela primeira vez em dois anos, eu tinha batalhado contra meu medo e tinha ganhado. Eu tinha dirigido!

Mercedes teve problemas com as muletas dela, então as jogou no chão.

Tremendo, eu aliviei/parei/aliviei o carro em movimento. Sim, eu tinha vencido o medo. Isso não significava que eu não sentia nenhum terror.

— Quando nós voltarmos, eu vou dar uma festa. — Mercedes bateu as mãos com prazer. — Será a maior festa que Haloway alguma vez viu.— Ela pausou, então acrescentou indecisamente. — Você virá, não virá? Vou convidar Erica, Linnie e Robb, também.

Eu pisquei para ela.

— Você tem certeza que quer fazer isso?

— Sim. Eu não teria sobrevivido a isso sem vocês. Eles não são assim tão maus, seus amigos.

Uau.

— Sim. Eu amaria ir. — Surpreendentemente eu consegui evitar a segurança sem desagrado e seguramente chegar a casa dela. Ela me deu a chave de casa, me falou onde os documentos estavam, e eu corri dentro e os recolhi. Felizmente ninguém estava em casa.

Logo nós estávamos a caminho do centro da cidade.

— Você dirige como minha avó — Mercedes disse em um suspiro.

— Então sua vovó é uma motorista excelente.

— Acelere.

— Cale a boca!

Carros buzonavam e desviavam ao nosso redor.

— Olha, — Mercedes disse, o tom dela repentinamente sério, retomando nossa conversa franca como se nunca tivesse parado. — Visto que nós temos tempo... — Ela jogou um olhar demonstrativo para o velocímetro — Eu poderia também pedir desculpas para o que eu disse sobre sua mãe o dia após o funeral dela. Meu pai há pouco tinha partido e eu vi o modo que o seu fez tudo que ele pôde para te confortar. E tem mais, foi quando nossos pais começaram a namorar. E eu...

— Eu entendo — Eu disse sinceramente. Eu poderia ter reagido do mesmo modo, se a situação fosse invertida. Eu tinha invejado a relação dela com a mãe dela. Muito. Eu quis bater nela toda vez que eu as via juntas.

Felizmente, a conversa ajudou a me distrair. Na hora em que nós chegamos ao edifício e estacionamos próximo ao carro de Clarik - o único outro carro no lote - eu não estava estremecendo tão mal. Eu ainda queria vomitar e quase desmoronei quando eu sai do carro.

Por um momento, Mercedes e eu ficamos na frente do carro, olhando para o edifício. Exceto pelas janelas blindadas e a falta de pichações, ele parecia assustadoramente semelhante a um que Hammy e Dr. Laroque tinham usado antes.

— Eu não sei sobre isso — Mercedes disse, a voz dela trêmula.

— Nós ficaremos bem. — Nós ficaríamos realmente? Eu engoli em seco. — Vamos. — Eu me forcei a caminhar adiante.

Ela mancou atrás de mim. Antes que qualquer uma de nós pudesse puxar a maçaneta, a porta abriu. Clarik estava na entrada. Meu coração fraquejou. Naquele instante, quando eu olhei pra ele, eu percebi que em algum lugar entre ontem e hoje eu tinha perdido minha raiva por ele. Ele pode ter mentido no início, mas ele não estava mentindo agora. Ele estava nos ajudando agora.

No fundo, ele não era um cara mal. Ele tinha feito o que ele tinha tido que fazer para se manter na escola, colocar a vida dele em ordem. Honestamente, eu teria feito à mesma coisa. Em certo ponto, eu poderia até mesmo ter vendido os órgãos de meu próprio pai no mercado negro para chegar a casa.

— Este é o edifício que eles usaram para me enviar no jogo, — ele disse. — Eles têm dois laboratórios. Um no lado de fora - no mundo real. Um no lado de dentro - parte do jogo. Eu estive neste aqui várias vezes e quase sempre está vazio, já que o doutor e Sra. Hamilton vem e vão, dentro e fora do jogo. — Ele pausou. — Vocês estão prontas para ir para casa?

— Deus, sim — disse Mercedes.

Com uma mão trêmula, eu lhe dei o jogo de documentos que eu tinha juntado na casa de Mercedes e lutei contra o desejo de me jogar em seus braços e me agarrar às partes desta realidade que

eu vim a gostar. O jogo poderia terminar logo e tudo entre nós poderia mudar.

Nosso status social mudariam *sem* dúvida. Nossas vidas mudariam. Estes próximos minutos - horas? - podem ser tudo o que tínhamos. Se ele ainda gostava de mim, isso é.

Ele folheou através dos rabiscos e um ar palpável de excitação vazou dele.

— Dr. Laroque usou um código, *este* código, para quebrar nossas moléculas como papel numa máquina de fax e nos transferir no jogo. — Eu passei a maior parte da noite passada descobrindo esses números — ele segurou os papéis, — e agora que eu tenho o resto...

Eu engoli o caroço na minha garganta.

— Vamos lá. — Ele se apressou passou por uma cortina azul e entrou em uma sala de aparência estéril. Nós seguimos timidamente. Havia duas camas de hospital, e computadores revestiam toda a parede. Clarik começou a digitar no maior. — Prenda esses cabos em você — ele disse.

Engoli em seco quando os vi, deitados tão inocentes na cama. Eles não eram da mesma cor que o Dr. Laroque tinha utilizado em nós, mas eu ainda lembrava o que eles tinham feito comigo. Eu os agarrei com uma mão trêmula e comecei a aplicar em minhas orelhas, meus braços, meu estômago. Mercedes e Clarik fizeram o mesmo.

Nenhum de nós falou.

Depois, todos nós só encaramos um ao outro. Havia medo nos olhos da Mercedes - um temor que provavelmente espelhou o meu próprio. Clarik, também, já não parecia orgulhoso e ansioso. Ele parecia nervoso.

— Tem certeza que isso vai funcionar? — Mercedes finalmente perguntou.

— Não — ele respondeu honestamente.

A boca dela caiu aberta em uma arfada.

— Então por que diabos estamos aqui?

— Você pode esperar pelo bom doutor e a Sra. Hamilton para a levar pra fora, o que poderia levar outro ano ou dois ou você pode

se arriscar comigo. — Seus olhos se tornaram duas vigas de aço que suportaram em nós. — Qual é?

— Você — disse ela, sem hesitação.

— Você — eu concordei. Mordi o interior do meu lábio, o meu sistema nervoso tremulando de modo selvagem. Meus joelhos estavam tremendo e eu mal conseguia ficar de pé. Então os olhos de Clarik encontraram os meus. Uma tira de calma me envolveu.

— Eu a verei no outro lado, — ele disse suavemente.

— Clarik, — eu disse. Eu pausei. Não tinha certeza o que eu queria dizer. *Obrigada*, talvez. *Eu ainda gosto de você*. Possivelmente. *Você ainda gosta de mim?* Definitivamente. — Sim, eu o verei no outro lado.

Ele retrocedeu ao computador e digitou mais alguns números. Ele suspirou, nos encarando.

— Estão todos prontos? Só mais um conjunto de números e estamos dentro. — A voz dele ficou ameaçadora — Não haverá volta.

— E quanto à intravenosa? — Mercedes gritou de repente. Ela trancou sobre a mão de Clarik e esperou por sua querida vida. — Eles me conectaram a uma intravenosa.

— Não é necessário. Eu acho — acrescentou ele, inseguro. — Eles apenas utilizaram a intravenosa para nos sedar.

Deus, o meu nervosismo regressou em pleno vigor. Meu coração começou a bater tão forte que eu pensei que minhas costelas poderiam quebrar. E se Clarik estivesse errado? E se as intravenosas fossem essenciais?

— E se nós acordamos em uma realidade nova, pior? — As mãos de Mercedes se torceram e a voz dela tremeu. — E se nós falharmos?

Seus lábios apertaram e os olhos escureceram.

— Você só vai ter que confiar em mim. Não sei o que mais te dizer. — Ele pausou. — Jade?

Dúvida e esperança continuaram batalhando dentro de mim. Mas eu engoli em seco e acenei com a cabeça, endireitando meus ombros. Colocar toda a minha fé em alguém não era fácil, mas era melhor do que ficar neste mundo, presa para sempre. Além disso,

nos ajudando ele estava arriscando suspensão permanente. O mínimo que eu podia fazer era acreditar nele.

— Eu confio em você agora, Clarik. Eu confio.

Seus lábios lentamente avançaram em um sorriso.

— Obrigado. Mercedes?

Ela acenou com a cabeça hesitantemente.

Ele virou para o computador, empurrou outro círculo de botões e no instante seguinte ele estava inclinando sobre mim e estava me beijando. Exigindo, reclamando. Eu estava tão surpresa, eu não respondi no princípio. Quando eu percebi que sim, ele ainda gostava de mim, eu o beijei de volta com todo o desejo dentro de mim.

Se este acabasse por ser o nosso último momento juntos... eu queria gastá-lo da maneira certa. Meus braços enrolaram ao redor dele, segurando firmemente enquanto nossas línguas empurravam e entrelaçavam.

Rápido demais, eu senti uma vibração familiar trabalhando o seu caminho através de mim.

O beijo de repente parou. Fechei os olhos, forçando a respiração. Dentro. Fora. Ele fez o mesmo, e nossa respiração misturou.

— Oh Deus — disse Mercedes.

— Não me deixe ir — eu sussurrei a Clarik.

Acho que ele disse “Nunca”, mas eu não podia ter certeza. Escuridão me cercou. Me reivindicando.

## CAPÍTULO DEZESSETE

*Será que o destino nos leva para baixo em alguns caminhos, ou nós mesmos? E se somos nós mesmos, nossas decisões podem mudar o nosso futuro diário?*

— Jade?

Eu pisquei abrindo meus olhos cansados. Deus, eles queimavam. Eu estirei e rolei de costas, enquanto queria dormir mais mil horas. Talvez então eu me sentisse descansada. Talvez não, entretanto. Dormir para sempre parecia uma boa ideia.

— Jade, querida. Você pode me ouvir?

— Pai? — Eu forcei minhas pálpebras a permanecerem abertas e o encarei. Ele pairava sobre mim, preocupação escurecendo seus traços.

— Você está bem? Sra. Hamilton a trouxe para casa. Ela disse que você desmaiou durante a excursão da escola. Eu estava tão preocupado.

Sra. Hamilton. A excursão escolar. Eu fiquei ereta, minha testa batendo no queixo dele.

— Au, — nós dissemos em uníssono.

Memórias me inundaram. O jogo. Mercedes. Clarik. O computador. Ele tinha sido capaz de fazer funcionar e mandar nós para casa? O meu olhar se arremessou em torno de meu quarto. Mesmas paredes multicoloridas, mesmos cartazes de fadas negras. Eu olhei para as roupas que usava. Camisa prateada e calças. Era isso que eu tinha usado antes no laboratório?

— Querida?

Eu quase gemi.

Eu olhei abaixo para meu braço nu e ofeguei. Havia uma marca de agulha sobre meu cotovelo e contusões em meus pulsos. Ohmeudeus, talvez *tenha* funcionado! Não ousando esperar, eu saltei para fora da cama. Eu não me incomodei em mudar de roupa. Um olhar no espelho mostrou que meu cabelo estava preto com mechas azuis. Meu cabelo era preto novamente!



— Calma, querida. Você acabou de desmaiar por cansaço e estresse. Eu não quero que volte a acontecer. Qual é a pressa?

— Que horas são agora?

— Dez da manhã.

Eu corri para o banheiro e peguei minha escova de dente.

— Eu tenho que ir para a escola.

Ele não falou enquanto eu escovava meus dentes e penteava meu cabelo. Então, quando enfiei meus sapatos, ele disse:

— Enquanto você estava deitada tão imóvel, Jade, eu tinha medo que eu nunca teria a chance de lhe dizer o quanto eu te amo. Eu amo quem você é. Eu amo tudo sobre você.

Nesse momento, meu estômago se afundou. Eu gelei. Era algo que ele só diria para mim no jogo?

— O que há de errado? — indagou. — Está se sentindo mal de novo?

— Eu vou ficar bem. — Eu espero. Carranqueando, eu me forcei em movimento. Peguei as chaves do carro e rumei para fora do meu quarto.

— Você vai *dirigir*? Você não tem uma licença ainda.

— É menos que um quilômetro e meio, eu ficarei bem. E está tudo bem você estar saindo com Susan Turner, pai — eu gritei por cima do meu ombro.

Ele tem uma vida e ele precisa vivê-la.

Eu corri para fora da casa. Fora — o mesmo. Vacilantes árvores, uma fresca e perfumada brisa. Tentei não deixar a decepção me consumir. Carros recortavam na estrada, mas pelo menos ninguém buzinou para mim. Eu dirigi para a escola — e eu realmente passei do limite de velocidade — o meu coração batendo no peito o tempo todo: Chegue lá, chegue lá, apenas chegue lá.

Eu acionei o detector de metal, mas não parei para falar com o guarda.

— Hey — ele gritou.

Não havia alunos no corredor, então eu tinha uma corrida direta. Eu parei com tudo no lobby. Cartazes da Mercedes sorriam para mim.

— Funcionou, — eu sussurrei. Realmente funcionou. Clarik tinha feito isso. Nós estávamos em casa!

Mercedes veio voando pelo edifício, vestida tão negligentemente quanto eu. Ela não estava usando um gesso, eu notei com um sorriso.

— Olhe — eu lhe falei, apontando. — Cartazes de você!

A boca dela caiu aberta e ela riu. Ela até mesmo girou.

— Ele conseguiu! — Ela se lançou em meus braços. — Nós estamos em casa. Nós realmente estamos em casa!

O sino tocou e os estudantes de repente saíram de suas classes. Várias pessoas pararam e nos encararam, mas nenhuma de nós se importou. Nós gritamos e rimos.

— Mercedes, — uma voz familiar chamou. Bobby. Ele foi para o lado dela e lançou o braço em cima de seu ombro. — Você vem hoje ou o quê?

— Diabos que não. — Ela empurrou a mão dele e disse: — Se manda, idiota.

Choque escureceu a expressão dele e sua boca caiu aberta.

— Bem, bem, bem, — disse outra voz.

Medo coalhou meu estômago quando girei ao meu redor. Tudo estava acontecendo tão rápido, tão maravilhosamente, eu estava atordoada com excitação. E medo. Sra. Hamilton estava de pé no canto, se apoiando contra a parede. A face dela era inexpressiva (como sempre). O cabelo marrom cor de rato dela estava puxado para trás em um coque e ela usava um terno marrom escuro.

— Se divertindo, meninas?

Eu mostrei meus dentes em uma carranca.

— Eu vejo que ambas sobreviveram — ela disse. Um pequeno vislumbre de diversão dançou em seus olhos. — Esse foi um bom discurso, Jade, lá no final.

— Seria melhor você correr pela sua vida — eu lhe falei, dando um passo ameaçador em sua direção.

Mercedes agarrou meu braço, me segurando.

Sra. Hamilton sorriu.

— Você me deve um agradecimento. Nós a deixamos entrar em um dos laboratórios sem protestar, não deixamos? Nós a deixamos

vir para casa. Aproveitem seu dia, meninas. — Sem outra palavra, ela se virou e caminhou para longe.

— É isso? — Mercedes ofegou. — Isso é tudo o que você tem a dizer para nós?

— Eu não quero que você castigue Clarik por nos ajudar a voltar para casa — eu intimei.

Ela pausou, mas não nos encarou.

— Era seu tempo de sair, então não se preocupe sobre Clarik. Além disso, eu tenho peixe maior para fritar. Começando com este aqui. — Ela agarrou Bobby pelo braço quando ele tentou passar e o arrastou para o seu escritório. — Eu preciso falar reservadamente com você, jovenzinho, — eu a ouvi dizer. — Está na hora de alguém lhe ensinar uma lição.

Mercedes e eu compartilhamos um olhar antes de gemer em harmonia.

— Jade — eu ouvi então.

Eu girei ao redor, o coração martelando ao som daquela voz familiar e profunda. Clarik estava de pé no fim do corredor, a poucos passos de distância de mim. Ele estava de calças jeans e uma camiseta e olhava exatamente igual como dentro do jogo. Porém, de alguma maneira, ele nunca pareceu melhor.

— Nós conseguimos — ele disse. A expressão dele era cautelosa, como se ele não soubesse o que esperar de mim.

— Sim. Conseguimos. — Rindo, eu corri para ele e me lancei nos seus braços e o beijei. Ele se fechou ao redor de mim e me beijou de volta.

— Estou dando o fora daqui, — disse Mercedes, sacudindo seu cabelo no seu ombro. Ela reconheceu Avery, gritou, e correu até ela. — Meu Jesus, eu não posso te dizer o quanto eu senti sua falta.

— Você prometeu me levar a um encontro. — Eu olhei para Clarik dentro de seus olhos azuis, azuis. — Se lembra?

— Oh, yeah. Eu só estou feliz que você ainda quer ir comigo. — Nos beijamos novamente.

Erica, Linnie e Robb tinham se aglomerado em volta de mim e Clarik, eu percebi, quando eu subi para pegar ar. Eles fizeram algumas piadas a nossa custa, mas eu não me importei. Eles

estavam vestidos como Góticos e eles me amavam e isso era tudo o que importava. Eu abracei todos eles. E se eles acharam minha exuberância estranha, não disseram nada. Eles apenas me abraçaram de volta.

Mercedes e Avery passaram por nós, de braço dados.

— Hey, Linnie, — disse Mercedes com um sorriso. — Hey, Erica. Nos vemos por aí. Estou dando uma festa neste fim de semana e estão todos convidados. Jade pode lhes dizer tudo sobre isso.

Eles piscaram em surpresa, então olharam para mim em confusão.

Eu sorri e encolhi os ombros. *Oh my Goth*, a vida é boa.

---

<sup>[1]</sup> FYI – for your information

# Table of Contents

[1]